



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE  
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA  
E PLURALIDADE CULTURAL**

**DANIELE RODRIGUES DE MOURA**

**APRENDIZ DO TEMPO:  
REZADEIRAS DE SALVADOR E SUAS EXPERIÊNCIAS  
EDUCATIVAS**

**Salvador**

**2022**

**DANIELE RODRIGUES DE MOURA**

**APRENDIZ DO TEMPO:  
REZADEIRAS DE SALVADOR E SUAS EXPERIÊNCIAS  
EDUCATIVAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder

**Salvador**

**2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca Professor Edivaldo Machado Boaventura - UNEB – Campus I

Bibliotecária: Célia Maria da Costa – CRB5/918

Moura, Daniele Rodrigues de

Aprendiz do tempo: rezadeiras de Salvador e suas experiências educativas / Daniele Rodrigues de Moura. – Salvador, 2022.

106 f. : il.

Orientador: Marcos Luciano Messeder.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC. Campus I. 2022.

Contém referências, apêndices e anexos.

1. Curandeiras – Salvador (BA). 2. Medicina popular. 3. Educação não-formal – Salvador (BA). 4. Medicina mágica, mística e espagírica. 5. Educação Multicultural – Salvador (BA). 6. Mulheres – Aspectos sociais – Salvador (BA). 7. Identidade de gênero – Aspectos religioso. I. Messeder, Marcos Luciano. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. III. Título.

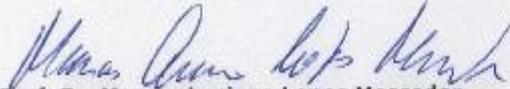
CDD: 398.3561

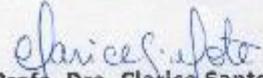
## FOLHA DE APROVAÇÃO

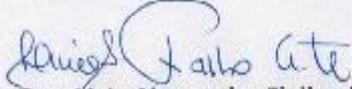
### APRENDIZ DO TEMPO: REZADEIRAS DE SALVADOR E SUAS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS

DANIELE RODRIGUES DE MOURA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc, em 06 de setembro de 2022, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

  
Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Doutorado em Sociologia e Antropologia  
Universite Lumiere Lyon 2, U.LYON 2, França

  
Profa. Dra. Clarice Santos Mota  
Universidade Federal da Bahia - UFBA  
Doutorado em Ciências Sociais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, FFCH-UFBA, Brasil

  
Profa. Dra. Livia Alessandra Fialho da Costa  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Doutorado em Antropologia Social e Etnologia  
École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França

**Dedico esse texto à minha avó Isabel  
e meu avô Francisco que hoje  
nos cuidam de outro lugar.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiro agradecer ao Tempo, finalizo esse trabalho dia 10 agosto, dia do orixá Tempo, ele que apressa e acalma, que machuca e abraça, mas que sempre traz as respostas necessárias.

Agradeço à Dona Gegé, Dona Val e à Dona Zezita por me acolherem, por confiarem em mim, por me terem como amiga nesses dois anos, amizade que seguirá com todo o meu respeito e responsabilidade.

Marcos Luciano foi um parceiro nessa jornada em tempos tão difíceis, um acalento no ambiente hostil que é a academia; compartilhamos dores, risadas, indignações e também amizade. Aprendi com o que você é, professor!

Lívia e Clarice igualmente, muito obrigada pela generosidade da escuta e da fala, prometo que tentei apreender ao máximo suas contribuições, que espero que não se encerrem aqui.

Agradeço à minha família; à Lari, minha companheira de vida, estivemos lado a lado nessa loucura diária que é viver, e com ela tudo é possível, somos capazes de qualquer coisa juntas. Aos meus pais, Lúcia e Lourenço, que estão ao meu lado de forma inabalável, mesmo que minhas escolhas quase nunca façam sentido para eles.

Aos meus amigos, que me acolhem, me abraçam, me dão bronca, cuidam de mim e eu cuido deles, tem sido assim e seguirá sendo.

Agradeço a Deus e à Natureza por me darem essa sorte de poder ser quem se é.

Agradeço por ser amada.

## RESUMO

As rezadeiras, seus saberes e cuidado estão por todo o Brasil, seja no campo ou na cidade, com seus banhos, chás e rezas. Este trabalho pretende analisar de que forma as rezadeiras foram construindo suas trajetórias de aprendizagem e como esses saberes têm sobrevivido contemporaneamente. Buscamos também conhecer o papel da reza na vida dessas mulheres, compreendendo os discursos e práticas relacionados à medicina popular e as concepções de saúde e doença que embasam esses conhecimentos. Para tanto, realizamos conversas informais, entrevistas e observamos as suas práticas de cura, inclusive participando como pacientes. Entendemos que as experiências educativas dessas mulheres se orientam por sentidos interculturais que têm o afeto e o cuidado amoroso com todos os seres como base fundamental.

**Palavras-chave:** Rezadeiras, Interculturalidade, Decolonialidade, Saber, Educação Informal.

## **ABSTRACT**

The mourners, their knowledge and care are all over Brazil, whether in the countryside or in the city, with their baths, teas and prayers. This work intends to analyze how the mourners were building their learning trajectories and how this knowledge has survived contemporaneously. We also seek to know the role of prayer in the lives of these women, understanding the discourses and practices related to folk medicine and the concepts of health and disease that underlie this knowledge. To this end, we held informal conversations, interviews and observed their healing practices, including participating as patients. We understand that the educational experiences of these women are guided by intercultural meanings that have affection and loving care for all beings as a fundamental basis.

**Key Words:** Prayer women, Interculturality, Decoloniality, Knowledge, Informal Education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Adinkra sankofa .....	8
<b>Figura 2</b> Pássaro Sankofa .....	9
<b>Figura 4</b> Entrevista na feira - Dona Val.....	18
<b>Figura 3</b> Entrevista na feira - Dona Val.....	18
<b>Figura 5</b> Fazenda de óleos essenciais (lavanda) .....	20
<b>Figura 6</b> Erva para óleo essencial .....	20
<b>Figura 7</b> Dona Zezita e seus santos .....	23
<b>Figura 8</b> Dona Zezita e as folhas .....	23
<b>Figura 9</b> Dona Gegé as folhas e ervas no Griô .....	27
<b>Figura 10</b> Dona Gegé e seus ensinamentos no Griô.....	27
<b>Figura 11</b> Nanny, Rainha do Povo Maroons .....	67
<b>Figura 12</b> Rosto de Nanny na cédula de 500 dólares jamaicanos .....	69

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 REZADEIRAS</b> .....	16
2.1 DONA VAL.....	17
2.2 DONA ZEZITA.....	22
2.3 DONA GEGÉ.....	27
<b>3 SOBRE O CAMINHO NO CAMPO DE PESQUISA</b> .....	31
<b>4 SOBRE O CAMINHO TEÓRICO</b> .....	34
4.1 A COLONIALIDADE DO SABER: NA SAÚDE E NA DOENÇA.....	42
<b>5 TEIAS DE SENTIDO: A INTERCULTURALIDADE</b> .....	49
5.1 A CURA QUE VEM DO MEU IGUAL .....	55
<b>6 GÊNERO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE E SUA INTERSECCIONALIDADE</b> .....	62
6.1 A MULHER E O CUIDADO.....	63
<b>7 SER OU NÃO SER FEITICEIRA</b> .....	65
<b>8 A EDUCAÇÃO PELA EXPERIÊNCIA: O APRENDIZADO É INFINITO</b> .....	71
8.1 SE APRENDE COM TODOS E COM TUDO, ESPECIALMENTE COM O AMOR:....	77
8.2 REZADEIRAS-PESQUISADORAS .....	79
8.3 APRENDIZADO ALÉM DA VIDA.....	81
8.4 SOBRE A IDEIA DE SUCESSÃO.....	86
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS (POR UM FUTURO MELHOR)</b> .....	92
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	97
<b>SITES</b> .....	101
<b>APÊNDICE A – RELATOS E ENTREVISTAS COMPLETOS</b> .....	102
<b>ANEXO A - RECEITAS DE CUIDADO</b> .....	103

## 1 INTRODUÇÃO

Deus te gerou, Deus te generou  
 Olhado e quebrante, Deste mal, Deus te curou  
 Se for tua gordura, na tua formosura, nas tuas carne  
 Ou na tua feiura  
 No teus olho, no teus cabelo  
 No teu comer, na tuas carne, na tua disposição, na tua boniteza  
 No teu trabalho, na tua inteligência, no teu bom sentido  
 No teu bom pensamento  
 Se for inveja, se for má vontade, que seja saído, que seja tirado  
 Com o poder de Deus e da Virgem Maria  
 Amém  
 Ave Maria, cheia de graça  
 O Senhor é convosco  
 Bendita sois vós entre as mulheres  
 Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus  
 Glória ao Pai, ao filho e ao Espírito Santo  
 Assim como era no princípio, agora e sempre  
 Por todos os séculos dos séculos  
 Amém  
 Pelo poder de Deus, que Deus lhe cure  
 E receber  
 Ele se derrama e foi embora, e foi pro lixo, não roga mais  
 Esse já passou, o que que tiver de deu já  
 Não roga mais

(descrição de reza-conhecimento popular)

Reza Forte<sup>1</sup> - Baiana System



**Figura 1** Adinkra sankofa

<sup>1</sup> Clipe oficial Reza Forte. BaianaSystem Feat. BNegão. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=m\\_YuGaaUuWU](https://www.youtube.com/watch?v=m_YuGaaUuWU).



**Figura 2** Pássaro Sankofa

*Sankofa*. Um pássaro que tem seu corpo e seus pés para a frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando, no seu bico, um ovo, o futuro. “O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan, da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki” pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Então busco aprender no presente conhecimentos que vêm do passado, de geração a geração e contribuir para a construção de um futuro mais democrático, como nos fala B. S. Santos em uma “ecologia de saberes” mais justa. Sankofa é “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.

Acredito na importância da construção de uma ciência negra, feminina, LGBTQIA+, anticapacitista, de uma epistemologia plural, com vozes diversas. Como afirma a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, precisamos atentar para o “Perigo da História Única”:

É assim, pois, que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é nkali. É um substantivo que livremente se traduz: "ser maior do que o outro." Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do nkali. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destruir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com "em segundo lugar". Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente (O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA Chimamanda Ngozi Adichie)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Texto apresentado no TedTalks Global de 2009 Disponível em:

<[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)>.

Acesso em: 02 de jun 2021.

Nosso povo foi historicamente definido por uma infinidade de histórias únicas, de “segundos lugares”. Este trabalho busca ser registro de um lado da história que foi silenciado, que sofreu o que B.S. Santos chama de epistemicídio, vamos nos colocar no primeiro plano.

Vamos falar sobre rezadeiras, mulheres, que, em sua maioria, têm origens negras e indígenas, são de classes populares, possuem uma diversidade de referências religiosas em suas vidas e, infelizmente, também da intolerância religiosa. Mulheres que nasceram e vivem sobre essa encruzilhada de bênçãos e preconceitos. Que conhecem na carne o significado da interseccionalidade. Mas também do meu processo de aproximação e afastamento da espiritualidade e dos conhecimentos tradicionais.

Tentei fazer um trabalho que “não procurasse só na mente o que é também do coração”<sup>3</sup>, como me ensinou meu orientador Marcos Luciano Messeder.

Esse trabalho foi construído em dois anos atípicos, então posso dizer que nosso processo também foi uma etnografia atípica, necessitando de mediação tecnológica para manter a comunicação, sendo assim considero etnografar como uma maneira de conexão e entendimento com o outro, seja de perto ou de longe.

Antes de começar, deixa eu me apresentar. Meu nome é Daniele Rodrigues de Moura, tataraneta de Isabel e Bevenuta, bisneta de Antonia, Maria, Leonilia e neta de Carmelita e Isabel, filha de Lucia Maria. As rezas fazem parte da minha história desde antes de eu chegar por aqui. Minha mãe, Lucia Maria, se casou com 30 anos; contudo, tinha uma endometriose profunda que a fez ter muitas inflamações e perder um dos ovários, dificultando suas possibilidades de gravidez. Então houve muita busca por ajuda espiritual nesse período, sendo que o próprio obstetra, que era também nosso pediatra, sempre repetia “se eu não tivesse tirado essas crianças de dentro de você, eu mesmo diria que você não poderia tê-las”. Mas depois de 6 anos de tratamentos diversos, eu nasci. A gravidez também não foi tranquila, e a rezadeira do bairro ia semanalmente visitar minha mãe, acompanhar meu crescimento.

Depois que nasci, a rezadeira ia, muitas vezes, na nossa casa, pelas dores que minha mãe sentia nos seios, pois estavam cheios de leite, mas ela não conseguia me amamentar. Não houve muito resultado para as dores e ela teve que tirar o leite com uma bomba.

Eu me lembro que a rezadeira atendia em uma garagem, havia uma maca onde sentávamos e ela rezava com galhos de arruda e outras plantas que eu não reconhecia. Ela tocava os ramos no alto da nossa cabeça e deslizava para o ombro direito e depois para o esquerdo,

---

<sup>3</sup> Hino composto por Marcos Luciano Messeder e compartilhado com os estudantes da disciplina Educação e Diversidade. [Áudio](#) do hino completo :

depois pelos braços e pernas, na frente no corpo, depois descíamos da maca e ela seguia o mesmo movimento nas costas até os pés. Naquela época nada fazia muito sentido, mas hoje é claro o movimento de limpeza. Ela de fato nos limpava com as folhas, como se “tirasse o pó da nossa existência”; as folhas não se movimentam de baixo para cima tocando a pele, sempre é um movimento de saída do corpo, então é sempre do alto para baixo, do centro para fora. Na segunda parte do processo, ela nos mandava ir até a frente do espaço, que tinha uma porta de metal, dessas de loja que correm para baixo, e quando abertas dos dois lados deixavam uma coluna de metal no meio da entrada. Caminhávamos em círculos, entrando e saindo da garagem, em volta dessa coluna de metal do portão. A cada três voltas, ela pedia para parar, afastar as pernas e ela fazia cruces com uma faca no chão, entre nossas pernas, “cortando o mal”. Não era possível, para mim, entender o que dizia durante as rezas e essa segunda parte me assustava um pouco, o barulho da faca riscando o chão com força e velocidade. Eu me sentia muito bem naqueles momentos, sentia de fato que estava sendo cuidada, o toque humano sempre me fez sentir muito confortável, e ainda faz.

Nasci em São Paulo, o maior centro urbano do Brasil, uma filha de sertanejos, que vindos da roça, no sertão do Piauí, buscavam manter suas tradições na cidade grande. Numa família de católicos fervorosos, cresci frequentando missas, novenas, rosários, quermesses e todo esse universo.

Na infância, eu tinha desmaios inexplicáveis, justificados depois como problemas com taxas de glicose, que me levaram a diversos médicos profissionais, mas também a tratamentos espirituais, como os oferecidos por rezadeiras. Essa relação com a benção que vem da infância é muito forte em mim até hoje, a ideia de como essas mulheres eram “entidades” detentoras da sabedoria e da cura na comunidade.

A fé sempre foi uma questão muito importante para mim, seus mistérios, sua força e seu poder sobre as pessoas, me vejo como uma mulher de fé. Tenho muito cuidado e respeito com a espiritualidade, mas sempre conseguindo enxergar todas as questões sociais, políticas e culturais envolvidas nas questões religiosas. As religiões, de forma geral, com seus ritos, tradições e simbologias, sempre me interessaram.

Ainda na infância, viemos morar em Salvador, e as palavras “macumba”, “mãe de santo” começaram a aparecer, mas sempre de forma muito pejorativa dentro desse contexto família/igreja, como algo a ser afastado. Era muito impressionante como para o meu círculo familiar a rezadeira católica fazia cuidados de “Deus” e a mãe de santo do “Diabo”.

Na minha casa sempre tivemos muitas plantas, algumas decorativas, outras como protetoras, algumas para alimentação e outras para cura. Babosa (*Aloe vera*) para hidratar o

cabelo, boldo (*Peumus boldus*) para aliviar dores de estômago, romã (*Punica granatum*) para dor de garganta, noni (*Morinda citrifolia*), uma planta, segundo minha mãe, milagrosa, com que se faz a chamada “garrafada”, entre tantas outras. Em um determinado momento, minha mãe passou a comercializar suas garrafadas para alguns conhecidos mais próximos. Aprendi com ela a buscar o cuidado na natureza, a perceber que era dela que vinham os estratos para a medicina alopática também.

Com minha mãe, aprendi também o gosto pela cozinha: é do alimento que cuidamos do nosso corpo, mas também dos nossos laços humanos. Buscar o tempero na terra, se possível o alimento, e iniciar a mágica que chega até a mesa. Esse saber que passa de mãe para filha, sem aulas, sem roteiros, pela experiência, pelo contato no dia a dia, me interessa muito, no viver, mas também como conhecimento a ser defendido e dialogado dentro e fora da Academia.

Meu pai estudou biologia, e ainda que nunca tenha trabalhado na área, por ele também herdei o carinho e cuidado com as plantas e com a terra. Tenho lembranças nossas plantando, ele abrindo as covas e eu jogando a semente. Um trabalho realizado por meu pai em 1983 (8 anos antes do meu nascimento) na sua época de faculdade me marcou muito, ele sempre foi guardado com cuidado. Essa amostragem de plantas<sup>4</sup>, algo comum para o exercício da biologia, para mim é uma obra de arte. Ciência, arte, afeto, memória.

Sempre busquei formas de cuidar da minha espiritualidade. Aos domingos à noite, eu e minha companheira passamos incenso por todos os cômodos da casa, em oração, pedindo que toda maldade, qualquer espírito encarnado ou desencarnado que tenha má intenção siga seu caminho para as águas sagradas e possam lá se purificar. Também passamos o incenso ao redor uma da outra, três vezes em volta da cabeça, e depois descendo pelos ombros, costas, braços e pernas, sempre de cima para baixo, e também nos nossos três gatinhos, buscando tirar a energia ruim. Apenas construindo este texto, me dei conta que faço hoje semanalmente o mesmo movimento que aquela rezadeira fazia na minha infância.

Em 2018 começou a minha busca pelas rezadeiras de Salvador. Entrei em grupos do Facebook de rezadeiras, mas foi conversando com as pessoas do meu cotidiano que as encontrei. E elas já estavam perto de mim. Amigas começaram a falar sobre suas avós rezarem (até uma espanhola que aprendeu a rezar de faca no Brasil), mães de santo que eu já conhecia me disseram que também rezavam. Outro processo foi o relacionado a senhoras que já foram rezadeiras, mas que por diversos motivos deixaram de rezar, como Dona Antônia<sup>5</sup>, cuja casa

---

<sup>4</sup> MOURA, Lourenço. Trabalho de Botânica. 1983. Disponível em: <[https://drive.google.com/drive/folders/1Aw0kArzLXXzG\\_EncFye9ar67ObBITxBB?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1Aw0kArzLXXzG_EncFye9ar67ObBITxBB?usp=sharing)>.

<sup>5</sup> [Reza de Dona Antonia](#). Gravação e anotação por José Eduardo Ferreira Santos

frequente há 10 anos e não sabia que já havia sido rezadeira. Infelizmente ela deixou de rezar por medo da intolerância religiosa dos vizinhos.

Fiz um mapeamento inicial com várias rezadeiras, e por motivos principalmente de acesso e por buscar uma diversidade de perfis, fui diminuindo o recorte até chegar a essas três mulheres. Cada uma entrou na minha vida, e por consequência na pesquisa, de formas e em momentos diferentes. Conheci Dona Zezita em 2019, por meio de sua neta, Larissa, que hoje vem a ser minha companheira de vida. Desde então tem sido com ela que me rezo e me cuido espiritualmente. Já Dona Gegê, conheci na Faculdade de Educação da UFBA, no mesmo ano quando ela foi convidada para ensinar sobre as plantas e alimentos no Seminário Griô<sup>6</sup>. Eu me ofereci para ajudar a carregar suas coisas e virei um vaso, tomando assim um banho de folhas sem querer. A última a entrar na pesquisa foi Dona Vilma<sup>\*7</sup>, por meio de sua neta Letícia<sup>\*8</sup>, que é uma grande amiga de muitos anos e que também nunca havia me falado sobre ter uma avó rezadeira, até eu contar sobre esta pesquisa, desde então tenho estado bastante próxima da família delas.

Este trabalho foi oferecido à Santa Bárbara. Havia perdido na primeira seleção de mestrado que tentei com este projeto, no fim de 2018. Então, em 4 de dezembro de 2019, fui à missa dela no Pelourinho, que sempre achei uma das mais fortes e bonitas, e conversei com ela sobre se deveria seguir esse caminho. Prometi um caruru se passasse nesse ano. Bom, e aqui estamos nós. Foram dois anos difíceis, com um vírus e um parasita nos impedindo de viver no Brasil. Estava muito difícil permanecer sem a bolsa, sem essa ajuda financeira, então no dia 4 de dezembro de 2020 recebi a primeira parcela. Como a Santo não se deve, conversei com Dona Zezita sobre como proceder, não poderia haver festa por conta da Covid-19, então demos “de comer para santa” e ainda aguardamos o momento de dar de comer as pessoas que amamos.

Em 2021 fiz o prometido caruru, como a pandemia ainda estava com altas taxas de infecção, optamos por fazer quentinhas e pedir para as pessoas buscarem, mais a frente falaremos desse momento com mais detalhes.

Tivemos que lidar com doenças em nós e nas pessoas que amamos, luto, crise financeira, desemprego, fome... Como focar em uma pesquisa com o mundo acabando lá fora e aqui

---

<sup>6</sup> O Seminário Griô é um evento realizado a cada dois anos pelo Grupo de Pesquisa GRIÔ: Culturas Populares, Ancestralidade Africana e Educação com objetivo de ocupar a Universidade pela Cultura Popular.

<sup>7</sup> \*Para efeitos de preservação de algumas pessoas entrevistadas e mencionadas ao longo deste trabalho, alguns nomes foram substituídos por pseudônimos, nos termos assegurados pelo artigo 19 do Código Civil Brasileiro.

<sup>8</sup> \*Para efeitos de preservação de algumas pessoas entrevistadas e mencionadas ao longo deste trabalho, alguns nomes foram substituídos por pseudônimos, nos termos assegurados pelo artigo 19 do Código Civil Brasileiro.

dentro? Medo, ansiedade, tristeza, mas, também gratidão, amor e generosidade. Foram altos e baixos.

Iniciei uma busca por sentir a necessidade de ser rezada, e minha procura, em Salvador, levou à respostas muito parecidas: “tinha uma na minha rua, mas ela já morreu”; “ela já está idosa e não atende mais”; ou “ela agora é evangélica e não atende mais”. Assim, procurava compreender a relação entre as rezadeiras com suas comunidades e famílias, compreender como esse saber poderia ser perpetuado e transmitido, além de como elas mesmas enxergam sua importância ainda hoje. Então a pergunta que nos guiava inicialmente era: quais processos de aprendizagem formam uma rezadeira?

Eu parti da ideia de que “não existe benzedor sem que haja uma comunidade que busque suas orações” (NERY, 2006, pg. 4), nem reza sem famílias que confiem nessas mulheres e recebam de volta cuidado, atenção e cura pela fé e pela natureza. Como traz Freire, dentro do compartilhamento do saber entre mestre e aprendiz, apesar das diferenças que os definem, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996, pg 12).

Alguns eixos orientam essa pesquisa, como raízes que se interpelam para sustentar a árvore. O “saber da experiência” de Larossa, como forma de pensar esse processo ensino/aprendizagem, juntamente com Paulo Freire. Busquei um olhar decolonial, ancorado em Quijano, Wash, Dussel, Boaventura de Souza Santos e Rufino; e antirracista com Edson Cardoso, Sueli Carneiro, Lélia Gonzales. São relevantes também os estudos ligados à saúde e fé, como os construídos por Laplantine, Helman, Rabelo, Mynaio, entre outros; e a questão de gênero e interseccionalidade, que permeiam todo o trabalho, pois estamos falando de mulheres, negras que sofrem com a intolerância religiosa a partir, por exemplo, de Davis, Scott, Crenshaw, Perrot. Mas todos os olhares pensando no aspecto intercultural das relações estabelecidas, como afirma Rufino, das encruzilhadas que os caminhos nos apresentam.

No segundo capítulo, intitulado *Rezadeiras* apresento nossas três mestras nessa jornada, Dona Vilma, Dona Zezita e Dona Gegé, trazendo relatos de suas trajetórias de vida, sobre a relação com a reza e também do meu encontro com elas. Em seguida, no tópico *Reza*, abordamos a trajetória dessa manifestação de fé, cuidado e saúde, localizando a construção da sua presença no Brasil a partir das heranças africanas, indígenas e europeias.

O terceiro capítulo intitulado *Sobre o caminho no campo de pesquisa*, como o nome já diz, aborda a trajetória realizada durante o trabalho de campo realizado, a convivência com elas, especialmente como a etnografia se estruturou considerando o contexto de pandemia. Ainda que não seja comum trazer a metodologia antes da abordagem teórica, como diz meu orientador

Messeder, “As teorias são as lentes que o pesquisador usa para ver o mundo”. Sendo assim, ao se aproximar de uma pesquisa como leitor/leitora faz sentido que se comece “pegando essas lentes emprestadas”, para compreender a construção do pensamento do outro, mas após conversas e reflexões decidimos, Messeder e eu, que no caso específico desta pesquisa fazia sentido seguir nos aproximando das nossas rezadeiras e posteriormente trazer as bases teóricas.

Dessa forma, no quarto capítulo, apresentamos o percurso teórico, trazendo um quadro do levantamento bibliográfico sobre o tema e como referências também dois romances *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, e *Eu, Tituba, bruxa negra de Salém* (1992) de Maryse Condé. No tópico *A colonialidade do saber, na saúde na doença* busco discutir como o processo moderno e colonial determina quais saberes e conhecimentos são socialmente válidos, tanto na ciência quanto na religião, mas, por outro lado, existe um processo de resistência desses saberes subalternizados, como nós buscamos nos fortalecer nos iguais, de forma comunitária.

O capítulo cinco, *Teias de sentido: Interculturalidade* busca refletir sobre as diversas referências que nos trazem até aqui, as encruzilhadas que nos formam, a partir das experiências de Dona Vilma, Dona Gegé e Dona Zezita especialmente em relação à trajetória espiritual e religiosa. Durante a pesquisa pude observar as múltiplas fontes de conhecimento que as tornaram cuidadoras; no tópico *A cura que vem do meu igual*, observamos três setores de assistência à saúde: o profissional, o informal e o popular, e como fé e ciência dialogam, ou não, nesse contexto, pontuando também nesse capítulo o uso da tecnologia para divulgação e troca de conhecimento entre rezadeiras e seus pacientes.

Nosso recorte é feminino, logo não poderíamos deixar de considerar, no capítulo seis, *Gênero como categoria de análise e sua interseccionalidade*, no qual abordamos a presença feminina na ciência e na religião enquanto lideranças e detentoras de poderosas narrativas. No tópico *A mulher e o cuidado*, fazemos uma breve reflexão sobre como cuidar enquanto tarefa que foi historicamente atribuída às mulheres e desvalorizada socialmente.

O capítulo sete, *Ser ou não ser feiticeira*, traz uma retrospectiva da violência sofrida por mulheres com conhecimentos religiosos e medicinais, especialmente refletindo sobre o termo feiticeira que conjuga em si a violência de gênero, de classe e de raça.

O oitavo e último capítulo, *A Educação pela Experiência: o aprendizado é infinito*, discute as diversas possibilidades de aprender, desde o lugar da escola historicamente no Brasil e a educação informal, o aprendizado no cotidiano e a ideia de sucessão para nossas rezadeiras. E, além disso discutimos, o aprendizado com as plantas, os bichos, com os desencarnados, com os erros, com a amorosidade e com o tempo.

Termino esse texto pensando no que vem depois dele. A pedagogia do amor é o que sustenta e mantém de pé toda essa sabedoria, seja em voz alta ou em silêncio.

Em anexo, deixo um compilado das receitas de cuidado que foram surgindo durante as conversas, em *Meu corpo, minhas regras/Plantas e funções*.

## 2 REZADEIRAS

A reza, ou benzeção, tem sido um caminho para buscar cura e acolhimento, às vezes para prevenir uma ida ao hospital, às vezes para dar fim a dores que os médicos desconhecem como cessar ou para aquelas cujos remédios de farmácia não têm serventia. Durante a pesquisa verifiquei que a benzeção e outros tratamentos similares são possibilidades viáveis devido a falta de acesso a medicina profissional. São tratamentos realizados a partir das folhas, com chás, banhos e rezas, mas também, com escuta e presença constante. As rezadeiras curam doenças físicas e espirituais, como mal olhado, também chamado de quebranto, espinhela caída, cobreiro etc. O processo em geral acontece por meio do uso de folhas que são passadas no corpo do paciente ou ingeridas por infusões e chás, ou banhos relaxantes ou de descarrego.

Consideramos as rezadeiras inseridas em uma dinâmica de educação informal, cujo processo de aprendizagem e construção de conhecimento se atrelam à experiência, ao dia a dia. A vida como espaço/tempo onde se aprende e ensina em um fluxo contínuo no qual não se enxerga começo e fim, misturando saberes dos povos originários e da diáspora africana com os saberes do colonizador.

Em geral essas mulheres têm ligação com o catolicismo, em suas orações pedem auxílio a Cristo, ao Espírito Santo e aos santos católicos, e mesmo que em muitos casos haja um silenciamento também existe uma raiz afrodescendente muito forte; a reza tem ligação com Candomblé, especialmente ao que tange uso de plantas sagradas e também buscando auxílio dos Orixás, e a descendência indígena, que embora não seja tão evidente nas orações e ladainhas, está presente na relação com a terra, a água, as plantas e os animais. Assim como já ouvi na minha família, nossas três interlocutoras pontuam ser descendentes de mulheres indígenas “pegas no mato a dente de cachorro”.

Existem registros da Idade Média de curas pelas plantas na Europa, por exemplo, quando milhares de mulheres sofreram a acusação de bruxaria, sendo condenadas ao exílio, à prisão e até à morte. Esses procedimentos de cura eram rechaçados pela Igreja Católica, o maior poder instituído no período. No Brasil pré-colonial, os povos indígenas também promoviam

diversos tipos de rituais de cura e de passagem, tirando da natureza as ervas necessárias para alimentação, cura e comunicação com a espiritualidade. As religiões afrobrasileiras também são pautadas na relação profunda com a natureza. Podemos dizer que esses são os três pilares da construção da benzeção no Brasil.

O catolicismo popular chega ao Brasil junto com a religião oficial; contudo, existe uma relação de resistência, já que uma está ligada à classe subalterna e outra à classe dominante. Em muitos momentos, pela ausência de profissionais de todos os tipos nos cantos desse país, na ausência do padre, os leigos assumiam funções religiosas como rezadores, curandeiros, parteiras, conselheiros” (CRUZ, 2010, pg.17). Dessa forma ocorria o fortalecimento da produção própria de sentido e significantes dentro da crença e da fé, cuidando da alma, mas também ocupando o lugar do juiz nos desentendimentos locais, do médico curando os males do corpo, do psicólogo cuidando da mente. O catolicismo popular existe por todos os países em que houve colonização ibérica, ou seja, grande parte do mundo ocidental, e tem características próprias, na Espanha, no México e no Brasil. “Podemos então definir o Catolicismo Popular como um conjunto de representações e práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o código do catolicismo oficial” (OLIVEIRA apud CRUZ, 2010, pg. 15). Uma característica comum está ligada à procura por respostas para dificuldades da vida diária, busca de melhorias em suas vidas, seja na colheita, na saúde, em um novo emprego ou no amor.<sup>9</sup>

Como demonstrado historicamente, as rezadeiras, curandeiras ou bruxas, foram perseguidas pelo cristianismo oficial e pela medicina profissional. No caso do Brasil, houve e há intolerância religiosa com as rezadeiras, especialmente com as que têm influência das religiões de matriz africana em seus trabalhos de cura.

Não quero homogeneizar a cultura da benzeção, pois ela é muito diversa, cada comunidade, cada casa de axé ou centro, cada rezadora ou rezador tem seus próprios métodos, “são um grupo difuso, que tem seus conhecimentos por demais enraizados em contextos locais para que possam ser efetivamente padronizados” (HELMAN, 2003, pg. 80). Contudo, as rezadeiras, e com elas suas práticas, contêm em si vários pontos de exclusão no paradigma da modernidade: a questão de gênero, de raça, de integração com a natureza e o espiritual.

A partir dessa introdução apresento Dona Vilma, Dona Zezita e Dona Gegé. Três mulheres, mães e cuidadoras de muitos e que construíram suas trajetórias de vida em Salvador.

## 2.1 DONA VILMA

---

<sup>9</sup> Dona Zezita possui várias [revistas](#) que ensinam simpatias, orações, rezas etc.

O primeiro encontro agendado com Dona Vilma não aconteceu. Ela pediu para desmarcar, porque uma irmã dela estaria na sua casa e ela não gostaria que ela ouvisse nossa conversa. A irmã hoje é evangélica e não gosta mais de ouvir falar de reza. Então, em 26 de novembro de 2020, aconteceu a primeira visita de fato.

Valdir Maria da Silva, mais conhecida como Dona Vilma, tem 81 anos, 12 irmãos, 4 filhos, 16 netos e 3 bisnetos. É natural de Conceição do Coité, mas veio para Salvador com o marido, pai de seus 4 filhos, duas meninas e dois meninos. Ela demonstrou não querer falar sobre a relação conjugal.

Conheci Dona Vilma por meio de Letícia, minha amiga de anos e sua neta, que também é uma interlocutora desse trabalho. Perguntei à Letícia sobre a expectativa de Dona Vilma, o que ela havia dito sobre a possibilidade das entrevistas. Ela me contou que a avó se sentiu importante por uma jornalista querer entrevistá-la. Ela diz que a reza não é algo tão importante, mas que é chique dar entrevista.



**Figura 4** Entrevista na feira - Dona Val



**Figura 3** Entrevista na feira - Dona Val

Sobre sua trajetória na reza, Dona Vilma contou<sup>10</sup> que sua mãe rezava, que desde pequena via as pessoas irem lá para serem rezadas. Relatou que sua irmã mais velha, chamada Maria Gerônima, também rezava, a mesma de quem hoje infelizmente Dona Vilma esconde o assunto; hoje, Dona Maria Gerônima tem 94 anos e é evangélica, logo acredita que a reza é “coisa do demônio”. Dona Vilma narrou que, ainda pequena, foi morar com a irmã, pois, ela se casou e precisava de alguém para ajudá-la em casa. Contudo, ela mantinha contato com os pais e os demais irmãos. Sobre sua ancestralidade, ela remeteu a uma herança portuguesa e conta que sua avó foi “pega no mato por dente de cachorro”. Comentei sobre quão absurdo era isso, e ela concorda, dizendo que “índio era tratado que nem bicho mesmo, era uma caça”.

<sup>10</sup> Entrevista realizada em 26/11/2020 presencialmente

Dona Vilma acredita que se aproximou da reza por conta da irmã e da mãe, mas que, de fato, aprendeu a maioria do que sabe com um homem, a quem ela denomina de Cigano e era a pessoa que lhe vendia as folhas na Feira de São Joaquim. “Eu ficava muitas horas na barraca dele, ouvindo o que ele indicava para as pessoas, fazendo perguntas, tinha gente que achava que a banca era minha”, ela conta, rindo desconfiada. Dona Vilma conta também que ele salvou a vida de sua filha:

“Minha menor tava muito doente, os médicos não entendiam, aí esse Cigano me deu uma garrafada e fez prometer que não ia contar para os médicos, porque ela seria curada e eles iriam perguntar, e assim aconteceu”.<sup>11</sup>

Dona Vilma me contou que a menina começou a melhorar tomando a garrafada misteriosa dada pelo vendedor de folhas, e que não contou aos médicos que ela havia medicado a filha com remédios alternativos.

Dona Vilma, durante nossas conversas, demonstrou algo que Letícia já havia conversado comigo, e que é recorrente em textos sobre o assunto: muitas rezadeiras querem se dissociar do Candomblé. Dona Vilma pontuou que o pó de pemba (calcário que é usado na Umbanda para muitas coisas) é apenas talco, que o Cigano referido confirmou que não há nada ali.

Dona Vilma demonstra que se preocupa com o caminho espiritual da família.

“Eu não sei se lá na casa delas elas têm esse cuidado de se benzer, de chamar por Deus todo dia (falando de suas netas Letícia e Lorena). Minha filha, não importa a religião, a gente tem que lutar, a gente tem que pedir a ele, é o certo.”<sup>12</sup>

Um ponto recorrente na sua fala é “que tem um filho crente”, e que não pode falar nada perto dele, mas que é filho, então ela não pode fazer nada. Ela conta que só duas de suas netas seguem sendo rezadas. “Só as meninas de Ana, Lorena mais Letícia, que pede pra eu rezar elas, que acreditam nas coisas.”<sup>13</sup> Ela me diz: “eu acredito que as folhas têm um poder magnífico”.

Algo muito marcante é ela não falar sobre a reza na frente de outras pessoas, nem mesmo de Letícia. Dona Vilma demonstra que a entrada de pessoas da família em igrejas neopentecostais é algo que a machuca, que a faz silenciar seus conhecimentos e a própria fé, mas ao mesmo tempo foi um caminho de cura para o filho que tinha “problemas com drogas”.

<sup>11</sup> Entrevista realizada em 26/11/2020 presencialmente

<sup>12</sup> Idem

<sup>13</sup> Idem

Letícia já comentava comigo como sua vó (Dona Vilma) acabava por deslegitimar seu próprio saber, dizendo que não era importante, que ela não tinha estudo, e que não havia conhecimento para ser deixado, então, que não havia sentido em pensar em uma sucessão.

Pude estar próxima de Dona Ana, filha de Dona Vilma e mãe de Letícia. Fui convidada como fotógrafa para registrar o processo de produção de óleos essenciais que Dona Ana e Seu João, seu marido, produzem hoje em Morro do Chapéu. Então foram 5 dias de contato direto com a família. Nesses dias<sup>14</sup> pude observar que apesar de Dona Vilma não ter, de forma consciente, passado seus saberes para uma filha específica, Dona Ana, mesmo não se considerando uma rezadeira, tem muitos saberes sobre as plantas, assim como Letícia, que agrega os saberes herdados da avó e mãe, associados a conhecimentos de botânica e paisagismo, que a arquitetura lhe trouxe, e todo o estudo sobre o uso dos óleos essenciais.

Na casa de Dona Ana, em Morro do Chapéu, existem incontáveis tipos de plantas, divididas por áreas. Existe o espaço das orquídeas, o espaço dos cactos, o espaço das plantas frutíferas, e existe um jardim sensorial onde visitantes podem compreender as fases de crescimento das plantas. Enquanto estava lá, tive problemas de ansiedade, não conseguia dormir, e as duas cuidaram de mim a partir de chás e uso dos óleos essenciais.

Os óleos passam por um processo mecânico para que sejam extraídos das plantas, mas são, de fato, a essência das plantas, e foi muito importante sentir de perto o cheiro e o toque de cada folha, a lavanda, o patchouli, a pimenta rosa, o gerânio etc.



**Figura 5** Fazenda de óleos essenciais (lavanda)



**Figura 6** Erva para óleo essencial

Dona Vilma perdeu seu companheiro em 2020 e por conta da pandemia não pôde estar ao lado dele no hospital. Ela não gosta muito de falar dos homens que estiveram ao seu lado. “Eu só achei muro na minha vida, os homens só me davam trabalho”. Depois de ter a casa cheia,

---

<sup>14</sup> Encontro com D. Ana e Letícia 02/01/2021 a 07/01/2021

por tantos anos, de filhos, netos e sobrinhos crescendo com seu auxílio, Dona Vilma tem passado, nos últimos tempos, por um difícil processo, o de estar só.

Entre os filhos “emprestados”, está Val, uma sobrinha de Dona Vilma bastante próxima a ela que pude conhecer e com quem pude conversar. Ela é enfermeira. Assim achei importante perguntar sua visão sobre essas duas formas de cuidado, tendo no convívio familiar a questão das rezas, dos chás, e trabalhando com a medicina profissional.

Val me contou<sup>15</sup> um pouco sobre sua experiência com a reza. Primeiro ela falou sobre uma dor que ela mesma tinha, no topo da barriga, e que a rezadeira diagnosticou como espinhela caída. Com orações e alongamento por três dias, ela viu as dores desaparecerem.

Contou-me também sobre seu filho, que quando pequeno passou dois meses vomitando, sem sucesso em nenhum tratamento médico... E que o diagnóstico foi “vento”<sup>16</sup>. A rezadeira lhe ensinou como rezar a criança, e disse-lhe para pegar 3 raminhos verdes da planta que preferisse e passasse no corpo da criança, sempre com movimentos para fora, tirando a energia ruim que pudesse estar ali.

Val relatou que foi criada como católica, mas que nunca gostou de imagens de santo, e que hoje frequenta a igreja batista. Segundo ela, hoje as igrejas evangélicas fazem serviços sociais, estão perto das pessoas de uma maneira que a igreja católica não está mais.

Nesse momento ela narra o episódio de um milagre operado por intermédio de São Cosme e Damião. Val começou pontuando que, nessa época, não morava mais com sua família, sua mãe teve gêmeos e um dos bebês não parava de chorar nunca. Ela já não dormia há meses, não conseguia comer direito, o pai era caminhoneiro e levou parte dos filhos consigo. Val contou que sua mãe, em desespero, saía pela vizinhança pedindo ajuda e que, um dia, sua mãe entrou na casa de um novo casal de vizinhos que tinha acabado de chegar da Paraíba, indo morar em Feira de Santana. Val contou que também entrou na casa à procura da sua mãe e ouviu tudo que o homem desconhecido dizia. Val emocionada contou que o homem inicialmente questionou por que os gêmeos não se chamavam Cosme e Damião. E a mãe de Val informou que seu marido tinha implicância com os santos. O homem continuou: “olhe, se não funcionar é mais uma tentativa e a senhora pode por aí, me chamar de mentiroso, mas preste atenção, é em nome de Jesus tudo que a senhora vai fazer... A senhora vai comprar 3 velas, escolher qualquer santo, mas de preferência São Cosme e Damião, durante cinco quartas-feiras e cinco sábados vai acender as três velas, rezar três Pai Nosso e três Ave Maria”. Val seguiu contando

---

<sup>15</sup>Entrevista realizada em 15/02/2021 presencialmente.

<sup>16</sup> Vento ou vento-virado é um dos males que não possuem tratamento medicamentoso, que só se resolve com reza.

que o bebê dormiu ainda no seu colo, e que a partir daí se tornou uma criança mais calma e com o sono normal.

Também tive a oportunidade de conhecer o “filho pastor” de Dona Vilma. Por causa da pandemia, com as igrejas fechadas, ele passou a distribuir sopa no final de linha da Boca do Rio e a realizar um culto aberto. Como moro também na Boca do Rio, logo me ofereci para levar Dona Vilma e Val até o encontro. Não pude conversar com ele, mas participei do encontro com um pequeno grupo de pessoas, onde havia uma mesa de plástico, uma panela grande com a sopa em cima, duas mulheres servindo e algumas crianças ao redor. O pastor falava no microfone com a máscara no queixo, convidando as pessoas para o “culto na rua”. Algumas pessoas se aproximaram para buscar a sopa servida em copos descartáveis, mas logo se dispersaram.

Dona Vilma foi à minha casa no dia do caruru buscar sua marmita, sigo visitando-a sempre que posso; um dia fui levar um dinheiro para que pudesse pagar os pedreiros que faziam uma obra na sua casa e dar uma carona até a fisioterapia. Ela tem um comportamento de vó comigo, de cobrar e tentar oferecer o melhor, então no mesmo dia me presenteou com um sabonete para “deixar o guarda roupa cheiroso” e diz que eu deveria usar uma cinta para segurar a barriga, que essas roupas de hoje em dia acabam com o corpo da mulher. Está sempre atenta ao meu WhatsApp, enviando opiniões sobre minhas mudanças de visual.

Infelizmente ainda não consegui falar com ela sobre minha sexualidade e meu relacionamento com Lari, em nossas conversas sempre falo sobre meus pais, meu irmão, amigos, mas omito narrativas que falem do meu relacionamento. Procurei Laís (sua neta e minha amiga) para perguntar o que ela achava sobre a forma de pensar de sua vó quanto a isso, e ela me diz que sua vó não é de se meter na vida das pessoas e que já havia comentado de Lari com ela e que não houve nenhum comentário. Perguntei se ela achava que convidar Dona Vilma para um almoço na nossa casa poderia ser um constrangimento. Letícia responde que não, que a vó dela gosta de mim e que era só chamar. Ainda não consegui fazer isso.

## 2.2 DONA ZEZITA



**Figura 7** Dona Zezita e seus santos



**Figura 8** Dona Zezita e as folhas

Em 2019, conheci Dona Zezita e houve uma conexão imediata. Desde lá ela cuida de mim, é pra ela que ligo quando preciso de ajuda e com quem também me preocupo diariamente.

Dona Maria José Santana Vitória<sup>17</sup>, também conhecida como Dona Zeza, Zezita ou Dedé, é avó da minha esposa e então, entre as rezadeiras, ela é a mais próxima, mas não necessariamente é mais fácil obter informações. Ela me chama carinhosamente de *curumim*, como poderá ser observado nos áudios dela, Lari é apelidada de *meu cachorro* e nós a chamamos simplesmente de véia. O apelido de *curumim* vem de uma intuição dela de que eu sou acompanhada pelas matas, uma observação de eu estar sempre descalça e preferir sentar no chão, ainda que não tenha jogado os búzios para mim, a tempestade lhe disse que sou filha de Ewá.<sup>18</sup>

Com apenas 9 anos, conheceu seu primeiro marido, com quem fugiu de casa aos 14 anos. Até os 18 anos, não pôde voltar para casa, pois havia “desonrado a família”. Mas como ela havia se casado com seu Dorico, o pai permitiu que ela voltasse a ter contato com a mãe e os irmãos. Entretanto, sua mãe já estava muito doente e faleceu em seguida.

Em uma de nossas conversas<sup>19</sup>, perguntei sobre seu início na vida espiritual. Ela não compreendeu bem a pergunta, então perguntei novamente de forma mais direta... Quem ensinou a senhora as rezas, as receitas? Aí ela me respondeu, *na lata*, “eles mesmos (os espíritos), a espiritualidade”. Ela segue dizendo que a pessoa já nasce com o dom, que com 5 anos, mais ou menos, ela começou a acordar chorando assustada, começou a ouvir e ver “as coisas” e que a

<sup>17</sup> [áudio](#) de bom dia com muitas bençãos e comentário sobre ter Vitória como sobrenome.

<sup>18</sup> [Ewá](#), deusa da intuição e da vidência.

<sup>19</sup> Encontro realizado 06/02/2021

mãe dela iniciou o cuidado dela, levando-a à igreja católica. Zezita conta que sua mãe era *índia*, então tinha os conhecimentos dela, mas que pelo lado de seu pai, seu avô paterno era, de fato, o curador da comunidade, que abria a casa, fazia caruru. Ela contou também que morava no bairro de Cosme de Farias, lavava roupa em Brotas e levava nas casas dos clientes no Largo do Tamarineiro e na Ladeira dos Galés.

Dona Zezita acredita que existe obrigação familiar, que alguém em algum momento fez uma promessa e que logo os descendentes serão cobrados; seu avô, que era rezador no município Castro Alves, na Fazenda Genipapo, Seu Cesário José de Santana, um homem negro escravizado, mas livre em vida, fazia grandes festas de Santo Antônio, para Ogum. Contudo, Dona Zezita conta que ele decidiu vir morar em Salvador, e nesse processo se tornou testemunha de Jeová. Proibiu as festas e os cultos aos santos. Dona Zezita conta que sua avó seguiu com a sua fé, mesmo contra o gosto do marido e que um dia ele encontrou uma imagem de São Cosme e Damião e os desafiou, disse: “não são poderosos mesmo, então se salvem do fogo”, e jogou a imagem no fogão de lenha, na mesma hora, ao se virar, seu Cesário cai e quebra a mão que usou para desafiar os santos, mão que nunca mais foi a mesma, então a família foi se tornando mais afastada das tradições de rezas, festas e oferendas.

Como já dito, Dona Zezita se casou ainda adolescente com um homem mais velho, Seu Dorico, que também não queria saber de nada ligado a orixá ou coisa que o valha, então ela foi proibida de viver suas crenças e tradições mais uma vez, contudo, em determinado momento, as mercadorias das barracas de feira que Dorico possuía começaram a apodrecer, todas, todos os dias, e não havia explicação, então o comerciante se convenceu que se tratava de um ataque espiritual, logo ele precisava se defender da mesma forma. Ele e Dona Zezita começaram a frequentar o Centro de Umbanda próximo a sua casa, no qual em alguns anos ela se tornou sacerdotisa, posteriormente abriu seu próprio centro em Coutos, no subúrbio ferroviário de Salvador.<sup>20</sup> Lá ela construiu uma trajetória com muito respaldo na cidade e até glamour, digamos assim, a casa tinha muitos filhos, ogãs, equedes e clientes, eram carurus de 10 mil quiabos, de casa aberta. Ela saía em colunas sociais à época, era inspiração para músicas e até coleções de roupas, seu filho mais famoso é Carlinhos Brown.<sup>21</sup>

Contudo, após se tornar viúva, pela primeira vez a vida financeira de Dona Zezita já começa a mudar novamente; Michel, seu filho, dilapida o patrimônio deixado pelo pai em drogas, é preso por roubo de carro, e a permanência ao lado desse filho acaba desestabilizando

---

<sup>20</sup> Documentos de [filiação](#) a órgãos de entidades de matriz africana.

<sup>21</sup> [Imagens](#) referentes a relação de Dona Zezita e Carlinhos Brown. Segundo as narrativas familiares a música [Muito Obrigado, Axé!](#) é uma homenagem do compositor, cantor e multiinstrumentista para sua guia, Dona Zezita.

muito a ela. Entretanto ela se casou mais uma vez, com Clóvis, e seu Centro ainda funcionava. Um episódio importante foi quando ele teve um problema de pele que nunca tinha solução, os médicos não conseguiam tratamento, e Dona Zezita conta que era algo terrível, que ele descamava como um peixe e sentia muita dor. Ela então fez uma mistura de argila, com a pomada que a médica havia passado e diversas plantas, ela me conta que simplesmente sabia qual folhas buscar, fervia e fazia essa pasta, passava no corpo todo, um tempo depois lhe dava um banho e começava tudo de novo, em poucos dias ele ficou curado e Dona Zezita foi parar nos jornais por sua cura misteriosa.

Ainda que nesses altos e baixos na sua vida pessoal, e também como zeladora espiritual, Zezita sempre buscou novos conhecimentos, fez uma formação que a titulóu mestre de reiki e mais recentemente tem estudado aromaterapia.

O tempo foi passando e Dona Zezita se tornou mais uma vez viúva, hoje atende poucas pessoas de forma mais pessoal. Hoje, com 77 anos, a sua roça em Coutos está fechada, no entanto ela mantém em Simões Filho uma casa para os Santos, Ogum e faz banhos, oferendas e festas menores para seus filhos.<sup>22</sup>

Em alguns momentos Dona Zezita se mostra magoada e entristecida pela posição social que teve e perdeu, mas também é muito alegre e valoriza as pequenas felicidades da vida. Ela diz:

Eu estou bem, estou ótima, maravilhosa... tô feliz pedindo a ele força porque a minha messe é grande e poucos são os operários, mas os operários de carne e osso porque espiritual... ah, minha filha eu estou a senhora no auge da fama, entendeu?! Todos os caboclos, índios, pretos velhos, crianças, erês, guias, anjos guardiões, anjos da guarda... pensa em uma velha feliz... e aí tá difícil mas não tá impossível.<sup>23</sup>

Dona Zezita não teve filhos biológicos, contudo teve dezenas de filhos de coração. Com a morte de sua mãe, herdou a criação dos irmãos menores, depois dos sobrinhos, dos netos e de seus filhos de santo. Apenas uma dessas crianças ela registrou oficialmente como filho, ele se chama Michel, contudo ela é chamada por muitos de mainha e vó.

Uma de suas filhas-sobrinha seria sua sucessora natural. Aline era ligada à espiritualidade, ajudava Dona Zeza e era o orgulho da família, pois foi a primeira a cursar uma graduação. Todavia, um câncer de mama interrompeu o que parecia ser o trajeto natural. Dona

<sup>22</sup> Imagens da [casa](#) atual de Dona Zezita

<sup>23</sup> [link](https://drive.google.com/file/d/1Sh2SEHcvFDAi9a2Yy2CiyhG9eonIYS7c/view?usp=sharing) para ouvir o áudio original

Zezipita fala muito de Aline e com Aline, a chama de estrelinha, e busca muito seu apoio ainda hoje.

Para a família, Aline se tornou um Egum, o que significa que mesmo após sua morte, ela escolheu permanecer nesse plano cuidando dos seus. Em vida ela ocupava esse lugar com Zezipita, de cuidar, aconselhar, ter os braços e portas abertas para acolher. Então todos, especialmente Zezipita, seguem buscando seu auxílio.

Para Dona Zezipita, este é um vazio desde então e uma preocupação com o que acontecerá depois da sua morte. Ela tentou ensinar Larissa a ler o jogo dos búzios, mas não houve sucesso. Quando perguntei se ela se considerava rezadeira, ela disse que sim e se mostrou muito interessada em falar, com a possibilidade de registro de sua trajetória.

Dona Zezipita hoje mora no município Simões Filho, sendo vizinha de outra filha-sobrinha, Patrícia, que por sua vez tem duas filhas, Lívia e Melissa. Mel, hoje com 6 anos, tem uma relação muito forte com a espiritualidade. Ela não dorme sozinha, porque costuma ouvir vozes e ter visões. Desde muito pequena tem uma forte relação com Santo Antônio. É uma criança muito esperta, agitada e falante, e Dona Zezipita tem uma inexplicável implicância com Mel. Quando estão juntas parecem duas crianças disputando a atenção dos adultos.

Brinco que não existe entrevista com Dona Zezipita, porque ela me responde antes de eu expressar a pergunta. Este trecho longo é resultado de uma ligação telefônica<sup>24</sup> na qual ela simplesmente me banhou de sabedoria:

Eu estou muito bem, esse recolhimento, um ano dessa doença, olha como as coisas passam rápido, um ano no ninho, serve de aprendizado, não de mágoa, não de ressentimento, mas de amor, de reconhecimento, eu só penso, obrigada, meu Deus, por eu ter um mentor, por eu ter um mestre, um guia, que me botou no cantinho da disciplina, que me disciplinou, todos que ele ensinou estão bem, estão felizes. Eu nunca ensinei ninguém a matar, a roubar, a desonrar e continuo na mesma jornada. Eu continuo sendo a mãe águia, eu boto na asa, e pra mim nenhum está apto pra voar, mas precisa voar, precisa seguir sua vida. O mesmo ponto de partida é o ponto de chegada, quantas pessoas me deixaram e tão voltando agora.

Eu tenho o quê de reclamar da vida? Nada. Amor, amor, amor... e eu sou feliz, graças a Deus. Me levanto, olho pro céu, pro sol, agradeço, sei que tem um grande Deus, o ar que eu respiro, a água que eu bebo, a nuvem que tá ali, a minha mãe terra, todos os dias tomo a bênção, terra que acolhe, que acolhe as sementes, as águas, o ar que leva ao céu, que enche as nuvens que chove, se é estória, se é mito, eu não sei, mas é o que a gente vê e sabe que é real, sigo a minha doutrina, como minha mãe me ensinou, minhas orações, eu sou feliz.

---

<sup>24</sup> Conversa realizada em 06/03/2021

Toda essa fala demonstra um ponto importante do ser rezadeira, do ser curadora: uma certa clareza de que oferecemos ao outro o que temos em nós e que a reciprocidade não é direta, não vem necessariamente de quem se ajuda, mas do valor construído ao se fazer o melhor para a coletividade. Dona Zezita fala sobre a importância de cuidar de si para cuidar do outro e que se oferecermos o melhor de nós poderemos dormir com a cabeça tranquila e é isso que importa. As rezadeiras, assim como todos nós, têm domínio do que ensinam e oferecem, mas não do que será feito a partir das suas palavras e cuidados.

Dona Zezita demonstra uma grande preocupação com a questão da saúde mental, então sempre repete “A perda do juízo é pior que a perda da visão”, preocupação que se amplia no contexto do isolamento social. Em sua fala ela demonstra buscar ter gratidão pelos acontecimentos da vida, enxergar os desafios como aprendizado e cuidar do equilíbrio de forma ampla.

O título de sacerdotisa não faz com que Dona Zezita abandone o lugar de aprendiz, ela busca aprender sempre, com as pessoas e também com os encantados. Ela está sempre dizendo “meu pai me colocou no cantinho da disciplina” (que vem a ser seu pai Ogum), ouvindo o que a espiritualidade sopra no seu ouvido, e também buscando aprender com os mais jovens, buscando dominar as novas tecnologias e técnicas de cuidado dia a dia, instante a instante. Aprender e ensinar são um ciclo sem fim.

### 2.3 DONA GEGÉ



**Figura 9** Dona Gegé as folhas e ervas no Griô



**Figura 10** Dona Gegé e seus ensinamentos no Griô

Geronilde Otávio Barbosa Alves, Dona Gegé, dona Geró ou só Geró, 76 anos, nascida e criada entre os bairros da Liberdade e de Itapuã, com as palavras dela:

“Eu nasci em Itapuã, mas não fiquei morando em Itapuã, com uns meses minha família mudou pra Liberdade, mas quando eu comecei a ficar com os meus 5, 6 anos pra 7, eu tinha uma tia avó chamada Dona Pupu, mas pense que eu amava aquela véia, e ela me amava também, ela só tinha filho homem, não tinha filha mulher, então quando eu não tava na escola ela já ia me buscar pra eu ir pra Itapuã, e o que acontece, na casa que eu morava em Itapuã tinha um quintal com bananeira, limoeiro, pé de pinha, capeba, tinham as folhas lá e os vizinhos também... os quintal tudo era mato, e minha mãe mandava eu buscar folha, então eu fiquei vendo, né? Não tinha idade pra tanta sabedoria mas a gente vai guardando no nosso arquivo”

E foi em Itapuã que seu caminho com as plantas e a espiritualidade também começou. Sua tia Pupu era lavadeira de ganho, então Gegé criança também ia para a Lagoa do Abaeté ajudar e brincar; “antes do sol nascer, botava na minha cabeça uma *baciinha* com sabão em pedra e uma trouxinha de baixo do meu braço pra eu levar, a gente tomava um cafezinho com pão e ela dizia, “bora minha fia”, e eu chegava naquele Abaeté que era uma maravilha”. Ela conta com muito amor sobre ver o sol nascer, correr pelos morrinhos e ficar procurando plantas novas, “sempre gostei muito de mato, de flor, de folha, podia ser menorzinha, ia pegando, pegando”. Um episódio marcante da relação com a tia Pupu é o uso das folhas de pitanga. Dona Gegé conta que a casa dela era de chão de terra batida, feita de palha, a porta do quintal também era de palha, já chegava feliz e, perguntando, “minha tia, posso arrumar a casa?” ela dizia “pode”, então arrumava a casa toda, ia no quintal pegava as folha de pitanga, enchia o vaso, botava lá na mesa e pegava as folhas da pitanga e jogava areia alva que tinha em Itapuã/ Abaeté; areinha alva na porta da rua dela para jogar naquele chão batido de barro e com aquelas folhas de pitanga, ela conta que “quando a gente saía para caminhar e ia ralando a pitanga naquela areia no chão a casa ficava num perfume tão gostoso. Antigamente no Natal lá em minha casa, *ave maria*, tinha que ter a pitanga na mesa de Natal, o porque nunca me disseram, eu também era muito criança, nunca perguntei.”

Então foi em Itapuã que Dona Gegé aprendeu sendo menina de mandado “vá lá buscar na casa de dona não sei quem a flor do sabugueiro”. Ela conta que sempre ia perguntando, olhando o que as mais velhas faziam: “Tia Maria, Tia Firmina, Tia Pupu, minha madrinha, que chamava Filinha, todo mundo que sabia alguma coisa eu aprendia, umas gostava de dizer, outras não gostava, mas eu sempre tinha um jeitinho de conseguir”. Com o tempo Dona Gegé foi substituindo sua mãe, que por conta da idade, aos poucos, foi deixando de atender. Dona Gegé relata que sua mãe dizia, “Ói, eu não to aguentando mais não, pede pra Gegé rezar que ela tem”, ‘aí eu ia pedindo, mainha me dê a reza tal, aí eu fui anotando tudo” e assim foi “abraçando”, termo que ela usa para falar sobre sua entrega à missão de ajudar as pessoas com seu conhecimento das folhas e da espiritualidade. Contudo, foi a maternidade que a fez se ver de

fato como cuidadora, “quando a gente é jovem a gente não quer saber de nada”. Sem plano de saúde, e responsável pela própria família, se viu necessitando aplicar as técnicas e conhecimentos que aprendeu durante a vida toda, e a procurar aprender sempre mais para poder cuidar primeiramente dos seus filhos, e depois dos sobrinhos, vizinhos e amigos.

Durante a sua mesa no Seminário Gríô, uma pessoa do público perguntou à Dona Gegé qual ela considerava sua primeira reza, e ela conta que foi com seu filho mais velho, Elson, que com menos de 3 anos teve um problema de pele:

“Eu não sei o que foi, se foi roupa, se foi toalha na corda, ele ficou todo empolado, parecia um sarampo, brotoeja no corpo todo, ele gritando, gritando, gritando todo empolado, foi a primeira a primeira que eu lembro assim, né? Não posso garantir, mas acredito que a primeira reza que eu fiz foi com o Elson... aí alguém disse assim, quem sabe rezar de cobreiro é tia Flori, mas tia Flori estava morando tão longe que eu não tinha nem como levar Elson à tia Flori, pra tia Flori rezar... aí alguém ia ver tia Flori, ia para casa dela, aí eu falei: Diga à tia Flori que é para ela mandar para mim a reza de cobreiro que é Elson tá aqui coitado fazendo dó, eu tô dando banho toda hora, ele fica se coçando, chorando, aí ela mandou a reza do cobreiro para mim, foi a partir daí que eu comecei.”

A chegada de Tiago, o filho caçula de Dona Gegé e uma criança com síndrome de down, foi um divisor em sua vida, pouco tempo após seu nascimento, Dona Gegé sofreu um acidente no qual fraturou o punho de um lado e torceu dois dedos da mão do outro, precisando assim imobilizar as duas mãos. Então, além do puerpério e da convalescência Dona Gegé enfrentava a dor de não compreender a pouca mobilidade de seu recém-nascido, “Tiago não sentava, Tiago foi uma criança que não engatinhou”, então em um primeiro momento houve uma rejeição, uma decepção com Deus, ela questionava “porque meu Deus o Senhor me deu um filho assim?”. Até que um dia ela percebeu que seu amor pelo filho não poderia ser um questão de justiça divina, mas de um laço que os unia, se ajoelhou no chão, colocou ele na beirada da cama e disse:

“Tiago, eu sou sua mãe, meu nome é Geronilde, eu te amo de todo coração, tô aqui com você para todos os instantes, comecei a desabafar com ele, falando que eu amava ele, e chorando, só Deus sabe que eu chorei, foi aí que ele chegou, foi verdade, ninguém viu em minha casa que tava eu e ele só. Eu vou estar com você sempre, eu sou sua mãe, eu vou te amar, eu quero você como você veio, Deus me perdoe, eu não posso pedir ao Senhor, obrigado, se o Senhor me deu porque eu mereço e é porque ele veio com a missão dele e eu tenho minha missão a cumprir.”

Então devido aos tratamentos diversos relacionados a Tiago, dona Gegé se encontrou nesse papel de cuidadora, Tiago faz os acompanhamentos médicos, foi acompanhado no

Instituto Baiano de Reabilitação, o IBR e também na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), mas também do banho de folha, chá, reza, tudo que tinha direito. E também no lugar de aprendiz na maternidade, ela relata toda a sabedoria e amorosidade nessa relação:

“Tiago me ensinou muita coisa, para mim e para o pai dele, e eu também ensino para Tiago as coisas, né? Ele tem dificuldade de falar, agora é de uma sabedoria imensa, ele tem uma percepção muito grande, ele vê coisa que às vezes as pessoas normais não enxerga. Tiago é só amor, é um amor, um amor, muito amor e a gente tem que ter paciência e agradecer, hoje eu tô muito feliz, ele tá com 33 anos, é um homem criança e uma criança homem.”

Sobre sua trajetória espiritual, Dona Gegé, separa espiritualidade e religiosidade, ter fé e frequentar espaços religiosos não estão conectados para ela, que conta que:

“Sempre gostei de ler o Evangelho, nunca fui frequentadora de igrejas, primeiro porque eu não tinha tempo, era a mais velha de 11 irmãos... tudo era Gegé, Gegé, lá vai Gegé, então eu não tenho muito tempo e casei, tinha que trabalhar, tinha que me virar nos 30 para ajudar a meu marido, para poder criar os nossos filhos para a gente ter uma vida razoável aí... porque não é essas coisas todas, né? Então, quando o Tiago chegou, aí pronto, depois que eu fiz isso, obrigado meu Deus, *ave maria*, eu me lavei assim, me limpei, me limpei... E aí, se eu já tinha fé em Deus, eu já tinha fé na espiritualidade, eu comecei a ter mais, entendeu?”

Dona Gegé acredita que qualquer pessoa pode ser um rezador ou rezadora, basta ser humilde, desejar servir ao próximo e ter fé em Deus.

Dona Gegé ama ensinar, ela é realmente muito simpática e conversadora, ela já se apresentou três vezes no Seminário Griô e, sempre que convidada, participa das aulas do professor Pedro Abib para a graduação de pedagogia da UFBA. Durante a pandemia, se dividiu entre a ilha de Itaparica, onde sua família tem casa, e em Itapema, lugar perto de Santo Amaro, onde escolheu aproveitar a aposentadoria. Vivem ela, seu marido Lourival e Tiago, dois dos seus filhos mais velhos moram em São Paulo. Nas suas atividades atuais além de rezadeira é artista plástica, pinta quadros e faz objetos de material reciclado para rifas beneficentes. Sua primeira pintura foi justamente sobre a paisagem do Abaeté, trazendo mais uma vez seu amor por Itapuã. Nesse momento está também trabalhando no projeto de reflorestamento no condomínio que mora em Itapema.

Dona Gegé reclama que nenhum dos seus filhos busca aprender sobre as plantas, mas que quando “o bicho pega” e ela faz o chá, o banho, o que seja, eles não recusam “o que já tá

pronto”, por outro lado é bonito de ver o orgulho da família pela relação de Dona Gegé com o Griô. Durante a live de 2021 todos os filhos com suas esposas estavam lá assistindo e parabenizando.

Dona Gegé me contou que seu maior desejo para o futuro é passar o conhecimento sobre as folhas para as pessoas que querem saber, que cada pessoa vai guardando um pouquinho, que pode servir depois para alguém da família ou até para ela mesma. “Sem nenhuma vaidade, porque eu não posso ter vaidade e Deus sabe, na minha humildade e simplicidade eu só quero ensinar para as pessoas que as folhas são uma coisa maravilhosa.”<sup>25</sup>

### 3 SOBRE O CAMINHO NO CAMPO DE PESQUISA

A etnografia como possibilidade na área da educação é relativamente recente. Inicia-se na década de 1970 e tem ganhado força, apesar da resistência de muitos pesquisadores mais ligados à análise de documentações. Como afirmam João Amado e Isabel Ferreira:

Uma vez que o objeto da etnografia é o estudo da cultura de um povo ou de um grupo, podemos também afirmar que o que acontece nos espaços de educação informal e formal pode ser objeto de pesquisas desse caráter, na medida em que as relações sociais que aí se geram estão reguladas pelos costumes ou padrões culturais. (2002, pg. 147)

Quando pensamos em educação, logicamente pensamos em processos de socialização, que, por sua vez, são atravessados por situações de negociações e conflitos. A metodologia qualitativa tem um caráter interpretativo, experiencial, situacional e personalístico. Sendo assim, respeita a intuição, significados múltiplos, e entende cada contexto e processo de forma individual (STAKE, 2015). O primeiro passo na pesquisa é a convivência no ambiente; a presença é essencial para a conquista da confiança e abertura de todos os envolvidos, as rezadeiras, suas famílias, pacientes e vizinhança.

Larrosa define a experiência como uma mediação entre o conhecimento e a vida humana. Para além de informação ou opinião, a experiência é o que nos deixa marcas, nos faz ser quem somos.

Assim sendo, a metodologia de pesquisa usada neste projeto é qualitativa, a partir de uma abordagem etnográfica, que se serviu da observação participante. O plano inicialmente era estar presente na casa das rezadeiras, analisando discursos e práticas, o dito em palavras, mas também em gestos e silêncios. Contudo, o atual contexto gerado pela pandemia da Covid-19

---

<sup>25</sup> [Live completa](#) realizada no dia 30 de novembro de 2021

que, embora estejamos mais protegidos graças à vacina, não acabou, teve e tem consequências na forma de conduzir o campo da pesquisa. As primeiras entrevistas foram feitas de forma remota, por ligações telefônicas, videochamadas, gravação de depoimentos mediados por familiares e troca de áudios por WhatsApp.

Dona Zezita e Dona Vilma são muito ativas no WhatsApp e estão sempre no celular (inclusive de olho nas mudanças de foto de perfil e status do WhatsApp). Devido à pandemia tiveram que ficar isoladas, então o uso do celular se tornou sua principal forma de contato com o mundo, inclusive para reclamar das dores e da vida.

No início da pesquisa Dona Gegé não tinha um número próprio, então para falar com ela era necessário ligar ou mandar mensagem para seu Lourival, marido de dona Gegé, mas nem sempre eles estavam juntos, além disso, em 2020, eles se isolaram na ilha de Itaparica numa localidade que o sinal não era muito bom, portanto a comunicação era bem difícil, mas com o passar do tempo fomos todos percebendo que a pandemia não acabaria em poucos meses, como havia esperança no início, e a família decidiu se ancorar em Itapema, lugar com comunicação mais fácil e Dona Gegé passou a ter seu próprio número de celular e WhatsApp, facilitando nossa aproximação. O contato com Soraia, nora de dona Gegé, que também estava em Itapema nesse período, foi um elo para ajudá-la com o uso do computador e celular.

Especialmente com Dona Zezita, o processo da pandemia fez com que ela sentisse muito a necessidade de ensinar, como fazer as comidas para os santos, as rezas, os chás, os banhos etc. A preocupação de não estar perto dos seus filhos espirituais era grande no início da pandemia, mas ela se posicionou desde o princípio sobre o fato de que esse momento deveria ser de resguardo. Ela afirmou à época:

“Eu estou muito bem, esse recolhimento, um ano dessa doença, olha como as coisas passam rápido, um ano no ninho serve de aprendizado, não de mágoa, não de ressentimento, mas de amor, de reconhecimento, eu só penso - obrigada, meu Deus, por eu ter um mentor, por eu ter um mestre, um guia, que me botou no cantinho da disciplina, que me disciplinou, todos que ele ensinou estão bem, estão felizes.”<sup>26</sup>

Então, durante esse tempo, ela tem auxiliado seus filhos como pode, e eles a auxiliado também, já que, por causa da pandemia, “não podemos nos encontrar nem **macumbisticamente**”, como ela diz.

Tenho buscado nos diálogos com as benzedeiças abordar suas trajetórias de vida, relação com o local, o território, relação com a reza e com sua sobrevivência enquanto saber popular,

---

<sup>26</sup> Entrevista realizada pessoalmente em 06/02/2021

seus entendimentos sobre saúde/doença e corpo/espírito. Entender como as religiões católica e as de matriz africana, ou outras que possam surgir durante a pesquisa, relacionam-se para cada uma, e observar a trajetória familiar e profissional paralela ao ofício de rezadeira.

Como registro primário da pesquisa, temos as anotações no caderno de campo com a descrição dos encontros, pontos relevantes trazidos nas conversas e entrevistas, a gravação dos depoimentos e registros fotográficos. Como afirma Messeder, “se a dialogicidade aparece como uma boa via para discussão do trabalho etnográfico, ela não deve ser idealizada como uma situação plena de simetria e igualdade.” (2013, pg. 83). Dessa forma, mostra-se necessário estar sempre atento às nuances dessas relações, levando em consideração as questões espirituais, mas também materiais, como cobranças pelos trabalhos realizados etc. Por isso, ainda como traz Messeder, “assumir e justificar as estratégias utilizadas em conformidade com os objetivos da pesquisa é o caminho honesto para uma postura ética” (2013, pg. 83).

Então da mesma forma que elas sempre falam em humildade e estar sempre em postura de serviço ao próximo, é assim que tenho me colocado em campo. Assim os encontros eram para levar frutas, alimentos e produtos de limpeza, comprar um remédio, varrer uma casa, e ao passo que íamos conversando tentava ser prestativa à elas também.

Senti muito medo pela saúde das minhas rezadeiras, mas elas próprias me acalmaram. Eu me questioneei, muitas vezes, como poderia fazer uma observação participante sem poder efetivamente fazer parte, chegar perto. Mas, seguimos fazendo o possível. Enquanto há vida, vivemos! Tenho estado presente virtualmente, compartilhando com elas meu dia a dia, e elas compartilhando os seus.

A relação com D.Vilma também fluiu bem de forma online. Ela sempre responde meus áudios, em que pergunto sobre sua rotina, e também parte dela me ligar para conversar. Tornei-me uma companhia na sua quarentena.

Em muitos momentos me senti muito ansiosa, mas dona Zezita insistia sobre eu não ter pressa: “essa nossa jornada não termina aqui, você tenha calma, tudo que você precisa saber e fazer está nas suas mãos.” Eu tentava explicar sobre os prazos e fases do processo de mestrado, mas sem muito sucesso, porque o tempo da espiritualidade, da aprendizagem, da experiência não cabe em um número específico de dias, meses ou anos. Ao mesmo tempo, ela me cobra a entrega “ao tema” de fato, mais cuidado espiritual, mais cuidado com o corpo, “quer estudar das plantas, mas não vejo fazendo um chá”. Nesse caso, me defendi, porque faço meus chás de folha bem direitinha, mas entendo a sua cobrança para que eu acredite realmente no que pesquiso e use fortemente a intuição, que me abra para ouvir a espiritualidade.

Para dona Zezita as questões de saúde que tive durante esses anos se devem a minha não aceitação do Santo, do meu medo de ouvir e ver entidades, ela brinca comigo, “quer saber das rezas, mas não quer ouvir os caboclos, assim fica difícil”.

A antropóloga Joanne Rappaport fala sobre a cosmovisão como base epistemológica da pesquisa indígena, segundo a autora os pesquisadores têm que usar, além dos cinco sentidos convencionais, um sexto que só pode ser alcançado nos sonhos e na experiência xamânica.<sup>27</sup> Ainda que me pareça bastante razoável que ao se buscar um trabalho realmente decolonial trabalhar com estratégias não-coloniais, mas o que fazer quando não se tem o dom? Como incluir a intuição nos modelos acadêmicos vigentes?

Para Rappaport, para escapar dessa estrutura rígida imposta pela epistemologia ocidental, a cosmovisão pode contribuir para fugir do discurso hegemônico, ajudando os pesquisadores-ativistas a criarem suas próprias técnicas narrativas e retóricas, na encruzilhada entre as apropriações dos “saberes ocidentais” e das formas indígenas de pensar e sentir, de modo a que possam ser aproveitadas e bem recebidas pelos movimentos de base ( 2018. pág. 28)

Essas questões me acompanharam por toda a pesquisa, porque ao se aproximar de temas tão sensíveis, como não se envolver? Mas ao mesmo tempo, até que ponto se envolver? Então o processo de pesquisa foi mediado por promessas, carurus, orações... Essa dança de aproximação e afastamento das questões espirituais é bastante difícil, pude acompanhar o processo de dois colegas, um estudando os processos de aprendizagem dentro da sua própria Casa de Axé, e outro sobre um Centro Espírita, em ambos os casos também houve essa complexidade em lidar com os tempos e espaços que não são terrenos, como o tempo da universidade, em comparação com o tempo da vida real (infelizmente a universidade parece se afastar da vida real em alguns momentos), o tempo eterno da espiritualidade. Tentei manter a mente aberta e o corpo fechado.

#### **4 SOBRE O CAMINHO TEÓRICO**

Buscando traçar uma síntese da perspectiva teórica aqui abordada, iniciamos discutindo as ideias de modernidade e colonialidade, especialmente a partir do epistemicídio sofrido por nossos povos. Mas, por outro lado, observando o processo de resistência e construção

---

<sup>27</sup> Utilizamos o conceito a partir de Tedlock, que afirma que o xamanismo “consiste na prática da cura e na sensibilidade religiosa com surpreendentes similaridades entre ideia e atividades xamânicas em culturas muito distantes uma das outras como a Sibéria, a bacia amazônica, o Sudeste Asiático e o Nepal.” Pg. 35 Contudo o termo me causa bastante incômodo por se tratar de uma tentativa de universalização de culturas e tradições diversas.

intercultural de saberes e identidades que nos constituem individualmente, mas também coletivamente, nossas encruzilhadas epistemológicas. Pensamos em um processo educativo ancorado na experiência. Escolhemos focar essa pesquisa nas rezadeiras. Então, trazemos o recorte de gênero para a discussão e também sua interseccionalidade, já que somos perpassados todos por diversos marcadores sociais.

Como autores que apoiam essa jornada estão, Larossa, como forma de pensar esse processo ensino/aprendizagem juntamente com Paulo Freire. Busquei um olhar decolonial, ancorado em Quijano, Wash, Dussel, Boaventura de Souza Santos, Rufino e antirrascista com Edson Cardoso, Sueli Carneiro, Lélia Gonzales e Bernardino-Costa & Ramón Grosfoguel. São relevantes também os estudos ligados à saúde e à fé, como construídos por Laplantine, Helman, Rabelo, Mynaio, entre outros. A questão de gênero permeia todo o trabalho, pois estamos falando de mulheres, por isso, nos apoiamos em Davis, Scott, Crenshaw, Perrot, TedLock e Federici. Mas todos os olhares pensando no aspecto intercultural das relações estabelecidas, como afirma Rufino, das encruzilhadas que os caminhos nos apresentam.

Esta pesquisa começa a se estruturar ainda em 2018, quando inicio as leituras sobre o tema e submeto, pela primeira vez, o projeto para um possível ingresso no mestrado. Para além do próprio Google e Google Acadêmico, diversos repositórios e revistas foram fontes de pesquisa.<sup>28</sup> Como pode ser observado no quadro a seguir, a tradição da benzeção vem sendo abordada como temática de diversas áreas de pesquisa, trabalhos com um recorte na linguagem, buscando apreender o papel da oralidade (CUNHA E GONÇALVES, 2018), abordando o tema como patrimônio imaterial, enfatizando o caráter identitário da prática (SANTOS 2009, AYALA E NASCIMENTO, 2009, NERY, 2006, CONCEIÇÃO, 2011, CUNHA E GÓIS, 2007; FIDELIS, JUNIOR, LUNA, OLIVEIRA e SILVA, 2013; MOURA, 2019; NUNES, 2014, OLIVEIRA, 2014, OLIVEIRA, 2019; SANTOS, 2018) e com foco no processo medicinal, seja diretamente ligado à etnomedicina (LACERDA, 2019; REIS, 2012; JESUS 2012; NOGUEIRA, VERSSOMITO E TRISTÃO, 2012; MACHADO, 2016), seja a partir da participação de rezadeiras como integrantes da Estratégia da Saúde da Família (ALCHIERI, DINIZ, MEDEIROS e NASCIMENTO, 2013; ASSUNÇÃO, QUERINO E RODRIGUES, 2020; CAVALCANTE, 2006, COSTA, 2009, GONDIM, 2007; LACERDA E MENDES, 2018,

---

<sup>28</sup> Como os repositórios da Universidade do Estado da Bahia (Saber Aberto), da Universidade Federal da Bahia, Scielo, CAPES, as revistas MANA, Horizontes Antropológicos, Anuário Antropológico da Universidade de Brasília, Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, Revista Interface – Comunicação, Saúde e Educação, Revista Educação e Pesquisa (USP), Revista de Estudos Feministas, Revista Educação e Realidade, Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade, entre outras.

SILVA, 2014) e, por fim, com um olhar sobre a relação com as religiões neopentecostais (SILVA, 2016).

Outro ponto interessante a se destacar é que, embora as pesquisas pertençam a várias áreas do conhecimento, como saúde coletiva, comunicação, história, letras e claro, antropologia, todas adotam a etnografia com base na observação participante como método de trabalho. Abaixo apresento um quadro para sintetizar os estudos levantados.

#### Quadro

Ano	Autores	Título	Área do Conhecimento
1983	Elda Rizzo de Oliveira	Doença, Cura e Benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas	Antropologia
2004	Luiz Custódio da Silva	A participação das rezadeiras nos projetos de saúde comunitária do Estado da Paraíba	Comunicação
2006	Vanda Cunha Albieri NERY	Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé	Comunicação
2006	Simone Gadêlha Cavalcante	Entre a Ciência e a Reza: Estudo de caso sobre a incorporação das rezadeiras ao Programa de Saúde da Família no município de Maranguape-Ce	Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
2007	Ana Paula Soares Gondim	Comportamentos e ações populares no Enfretamento de doenças respiratórias infantis em um assentamento urbano	Saúde Coletiva
2007	Joceneide Cunha Fernando Góis	Uma Prática De Cura Feminina: Rezadeiras Dos Povoados Caenda E Malhada Dos Negros – Sergipe	História
2009	Francimário Vito dos Santos	O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar	Antropologia
2009	Elisabeth Parente Costa	Benzedoras no Sistema Oficial de Saúde do Ceará: Relações entre religiosidade e medicina popular.	Ciências da Religião
2011	Fabiano Lucena de Araújo	Representações de Doença e Cura no Contexto da Prática Popular da Medicina: Estudo de caso sobre uma benzedeira	Farmácia
2011	Alaíze Dos Santos Conceição	O santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!": Práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções. Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970)	História Social
2011	Filadelfia Carvalho De Sena	Trajetórias de Espiritualidade de Mulheres Rezadeiras: O que a vida Lhes Ensinou?	Educação
2012	Washington Santana de Jesus	Rezadeiras/Rezadores de Preceito de São Francisco do Conde: Itinerário de fé e cura nas Práticas Etnomédicas	Estudos Étnicos e Africanos

2012	Marieta Reis	Do moço do anel às coisas do azeite: um estudo sobre as práticas terapêuticas no candomblé	Saúde Coletiva
2012	Léo Carrer Nogueira Suelen Malheiro Versonito Bruno das Dores Tristão	O Dom de Benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas, o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil	História
2013	Danielle Gomes do Nascimento Maria Iñez Novais Ayala	As Práticas Oraís das Rezadeiras: Um Patrimônio Imaterial Presente na vida dos itabaienses	Letras
2013	Rafael Eduardo Gurgel de Medeiros Ellany Gurgel Cosme do Nascimento Gabriele Maria Dantas Diniz, João Carlos Alchieri	Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança	Saúde Coletiva
2014	Virgínia de Santana C. Nunes	Um diálogo sobre as práticas de cura das Rezadeiras da Cidade de Cachoeira (BA)	Antropologia
2014	José Erivaldo Simões de Oliveira	Rezadeiras de Itabaiana/SE : entre herança cultural, a modernidade e os rituais de cura	Antropologia
2015	Jerônimo da S. e Silva Agenor Sarraf Pacheco	Diásporas de Encantados na Amazônia Bragantina	Antropologia
2016	Cauê Fraga Machado	Agenciamentos da benzedura: o sistema de cura no Quilombo da Casca/RS	Antropologia Social
2016	Paulo Kleber Borges da Silva	Saberes e Poderes – A Expressividade das Benzedeiras Remanescentes em Jaci-Paraná/Ro	História
2017	Roberto dos Santos Lacerda e Gicélia Mendes	Territorialidades, saúde e ambiente: conexões, saberes e práticas quilombolas em Sergipe, Brasil	Desenvolvimento e Meio ambiente
2018	Celina Gontijo Cunha Clézio Roberto Gonçalves	A Tradição oral das práticas de Benzeção	Letras
2018	Sergiana Vieira dos Santos	“Para as ondas do mar sagrado”: Uma etnografia dos rituais de rezadeiras e rezadores de Delmiro Gouveia, sertão de Alagoas	Antropologia
2019	Maria Conceição de Lacerda	Medicina tradicional praticada por rezadeiras, pajés e herboristas: outros saberes a ser respeitados pelo saber acadêmico.	Antropologia
2019	Érica Caldas Silva Oliveira Cybelle Rodrigues Fidélis Everaldo Oliveira Costa Júnior Uthant Saturnino Silva Karla Patrícia Oliveira Luna	Rezadeiras da Paraíba: etnografia de uma crença enraizada.	Antropologia
2019	Monique Andressa de Oliveira	“Mulheres de fé”: o repertório de saberes e fazeres de benzedeiras em matinhos, litoral do Paraná.	Ciências Ambientais
2019	Joselito Moura	“Com dois te botaram com três eu te curo”: as representações de cura na	História

		prática das benzedadeiras de paiaiás no município de Saúde/Bahia (1950 – 2018)	
2020	Luíza Maria de Assunção Rosimár Alves Querino Leiner Resende Rodrigues	A benzedura nos territórios da Estratégia Saúde da Família: percepções de trabalhadores, usuários e benzedores.	Saúde Coletiva
2022	Gustavo Wada Ferreira	O Uso de Plantas nas curas populares: saberes e educação.	Educação

Nesse conjunto amplo, gostaria de destacar alguns trabalhos individualmente, começando por Elda Oliveira e sua dissertação de 1983, que é muito rica. Ela avalia a relação entre o que define como medicina erudita e popular na cidade de Campinas, tomada como um polo de desenvolvimento da medicina científica e informal simultaneamente. Ao mesmo tempo, observa o que ela chama de religiões eruditas e religiões populares, fazendo um recorte no trabalho de cura e religiosidade realizados pelas rezadeiras da região. Seu trabalho chama atenção pelo detalhamento de conceitos e dados.

Já o trabalho de Pacheco e Silva se destaca por seu recorte bastante específico. Os autores contam a história de rezadeiras que deixam estados do nordeste para migrar para o Pará, especialmente para a região conhecida como “Amazônia Bragantina”, a partir da década de 1950. Contudo, elas voltam às suas terras a partir do que os autores chamam de experiências diaspóricas, nas quais: “Em viagens noturnas a cemitérios, transfigurações, transportes físicos, vidências e andanças em corpos de animais, ventos e águas, essas rezadeiras revisitaram “mundos” e “tempos” imemoriais, passando a dialogar com pajés e “poderosos” rezadores do Maranhão, Paraíba, Piauí e Ceará, deixando ver pessoas e encantados em outros sentidos de deslocamento.” (PACHECO e SILVA, pg. 2, 2015). O estudo aborda a crença de que essas mulheres transitam continuamente entre esses locais de suas vidas.

Diversos trabalhos têm seu foco direcionado à rezadeiras como agentes de saúde, integradas ao sistema público dos municípios. São exemplos de iniciativas que buscam unir profissionais da medicina, rezadeiras e parteiras, fazendo um trabalho integral que já acontece no Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Distrito Federal e Paraná.

Cavalcante (2006), em sua dissertação sobre a realidade da saúde pública no Ceará observa o caráter positivo das iniciativas, mas também que ainda são realizadas de forma bastante unilateral, já que as rezadeiras se tornam mediadoras, porta-vozes da medicina profissional, mas que a classe médica ainda é muito resistente. As pessoas encaminhadas pelas rezadeiras têm uma ficha especial na chegada ao posto, fazendo com que as pessoas procurem mais o atendimento. Apesar dessa desigualdade e preconceito por parte dos médicos, as

rezadeiras se sentem pela primeira vez valorizadas pela lei, inseridas em um sistema que historicamente as rejeitou, seja como mulher, periférica e negra, como pacientes, e muito mais como sábias ou lideranças.

Silva (2004) aborda experiência parecida na Paraíba, onde as rezadeiras estão assumindo um papel de porta-vozes no processo educativo para auxiliar agentes comunitários e técnicos da área de saúde a divulgar a importância da medicina tradicional no processo de ‘cura’ das doenças nas comunidades. A pesquisa demonstra que as rezadeiras têm trabalhado em uma espécie de “divulgação científica” de modelos tradicionais em diálogo intercultural com os modelos médicos formais.

Em todos os casos aconteceu um aumento na procura da comunidade pelo posto de saúde, maior confiança dos moradores nos médicos, após o aval das rezadeiras, e da diminuição da mortalidade infantil. Sobre esse último ponto, as rezadeiras foram instruídas sobre os métodos necessários para cuidar da diarreia nos recém-nascidos e inseriram essas novas informações aos seus cuidados tradicionais. Elas passaram a receber um kit-hidratação, no caso do Ceará, que entregam e ensinam as mães a como usar.

A partir de pesquisa também em veículos de comunicação, pude observar que em algumas comunidades as rezadeiras passaram a atender dentro das próprias unidades de saúde. Em Fortaleza, por exemplo, em alguns postos de saúde as rezadeiras têm seus consultórios<sup>29</sup>, e é também o que acontece no Distrito Federal, onde as rezadeiras atendem por senhas distribuídas no início do dia<sup>30</sup>. O problema imediato não é a mortalidade infantil, como nas cidades do interior do nordeste, então a entrada das rezadeiras veio com o objetivo de trazer um cuidado integral, ao transformar a unidade de saúde em um espaço para acolhimento espiritual e psicológico. Ainda no Distrito Federal, as rezadeiras podem fazer novas formações, em massoterapia e reiki, por exemplo, buscando ampliar ainda mais a diversidade de tratamentos.

Em Rebouças, no Paraná, desde 2012 as rezadeiras são oficialmente agentes de saúde<sup>31</sup>, sendo a primeira cidade no país a fazer esse registro, que traz mais segurança para que elas possam colher e plantar as ervas necessárias ao trabalho e se proteger da intolerância religiosa

---

<sup>29</sup> Sem autor. **Rezadeiras promovem a cura pela fé nos postos de saúde.** Diário do Nordeste. Fortaleza - CE. 02 de jul. de 2012. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/rezadeiras-promovem-a-cura-pela-fe-nos-postos-de-saude-1.520966>> Acesso em 12 de out. 2020

<sup>30</sup> Sem autor. **Benedeiras ajudam a cuidar do corpo e da alma em unidades de saúde.** Agência Brasília. Brasília - DF. 15 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/08/15/benedeiras-ajudam-a-cuidar-do-corpo-e-da-alma-em-unidades-de-saude/>> Acesso em 12 de out. de 2020

<sup>31</sup> **Ducati, Ariane e Dionísio, Bibiana. Benedeiras são consideradas profissionais da saúde no Paraná.** G1. Paraná. 11 de maio de 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/benedeiras-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html>> Acesso em 12 de out. 2020

que sofrem em atendimentos dentro de hospitais e postos de saúde, seja por evangélicos ou cientificistas.

Outro ponto importante é a demonstração de interesse na comunidade, os projetos beneficiaram a integração entre os profissionais dos postos de saúde com a comunidade em geral, aumentando a participação comunitária.

Nesses anos de pesquisa, apenas um trabalho a que tive acesso fazia parte de uma pós-graduação em Educação e buscava olhar para o processo de formação de uma rezadeira. Intitulado *TRAJETÓRIAS DE ESPIRITUALIDADE DE MULHERES REZADEIRAS: O QUE A VIDA LHE ENSINOU?*, Filadelfia Carvalho de Sena (2011) aborda a trajetória de vida com experiências e aprendizagens que as tornaram rezadeiras e como a vivência de rezadeira está presente na construção da sua identidade própria, enquanto pessoa no mundo. Contudo, o trabalho de Sena segue uma linha quase teológica, usando a bíblia e textos paulinos para validar e legitimar os conhecimentos das rezadeiras. Durante todo o texto, a autora traça a trajetória espiritual de Paulo de Tarso (mais conhecido como São Paulo) e Inácio de Loyola (líder dos jesuítas) para comparar com a sua própria trajetória e das rezadeiras.

O trabalho de Gustavo Wada (2022), meu colega no grupo Griô, *O USO DE PLANTAS NAS CURAS POPULARES: SABERES E EDUCAÇÃO*, traça caminhos semelhantes ao meu trabalho, como a escuta de Dona Gegé, contudo, olham para lugares diferentes, já que ele busca falar sobre o uso geral das plantas ouvindo vendedoras e vendedores de folhas nas bancas da Feira de São Joaquim (FSJ), botiqueiras, rezadeiras, e uma liderança indígena da área da saúde.

Às vezes o que mais nos aproxima da realidade é a ficção, então trago como referências também dois romances *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior<sup>32</sup> e *Eu, Tituba, bruxa negra de Salém* de Maryse Condé<sup>33</sup>.

*Torto Arado* conta a história de Belonísia, Bibiana e a comunidade de Água Negra. Belonísia e Bibiana são duas irmãs que ainda na infância têm o destino unido de maneira profunda por um acidente; então, enquanto crescem, elas se completam. Uma busca a justiça como educadora e sindicalista, e a outra através da espiritualidade e pela lida na roça, mas as duas crescem lutando por sua terra. Acompanhamos o processo de aprendizagem de ambas e da comunidade inteira que vai se descobrindo quilombola. O livro nos mostra a relação de vários personagens com seus dons e a experiência diária pela cura e a religiosidade, como demonstrado nos trechos destacados abaixo:

---

<sup>32</sup> Itamar Vieira Junior é escritor e geógrafo de Salvador/Bahia

<sup>33</sup> Maryse Condé é escritora e ativista de Guadalupe

"Os curadores serviam para restituir a saúde do corpo e do espírito dos doentes, era o que sabíamos desde o nascimento. O que mais chegava à nossa porta eram as moléstias do espírito dividido, gente esquecida de suas histórias, memórias, apartada do próprio eu, sem se distinguir de uma fera perdida na mata." "Posição 355".

"de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos." "Posição 587"

"Quando minha avó enviuvou pela segunda vez, recebeu um recado do curador João do Lajedo, que já se encontrava muito idoso: era hora de tomar para si as obrigações que Deus havia lhe dado. Deveria cuidar dos encantados que a acompanhavam. Deveria servir em sua casa para curar os males do corpo e do espírito dos que fossem encontrá-la. Seu poder era uma dádiva que deveria ser devolvida em favor dos que sofrem. Do contrário, seria perseguida pela má sorte pelo resto da vida, e ela já tinha provas suficientes dessa sentença." Posição 1859

*Eu, Tituba, bruxa negra de Salém* (1992) constrói uma narrativa para Tituba, personagem real, que foi a primeira vítima da caça às bruxas em Salém, segundo Federici (2017), por suas adivinhações, a verdadeira era uma mulher indígena escravizada. Já a personagem de Maryse Condé nasce em Barbados, filha de uma menina escravizada e estuprada ainda no percurso entre África e América. Após a perda de sua mãe, Tituba será criada por uma mulher sábia, que conhece o poder das plantas e pode se comunicar com os mortos. Tituba cresce livre, mas por amor a um homem abre mão da própria liberdade e volta a ser escravizada ao seu lado. Eles são levados para os Estados Unidos com seu novo proprietário, um pastor, que a denuncia por bruxaria. A narrativa questiona toda a lógica cristã, patriarcal e racista a partir dos olhos de Tituba, para quem todo esse sofrimento não faz sentido, como demonstrado nos trechos abaixo.

Como a faculdade de se comunicar com os invisíveis, de manter um laço constante com os finados, de cuidar, de curar, não era uma graça superior da natureza a inspirar respeito, admiração e gratidão? Por consequência, a bruxa, se desejam assim nomear aquela que possui essa não deveria ser adulada e reverenciada em vez de temida?

Pg. 43

Será que é porque fizeram tanto mal a todos os seus semelhantes, àqueles que tem pele negra, àqueles que tem pele vermelha, que eles têm esse sentimento tão forte de estarem condenados.

Pg. 80

- Eu ouvi que eles te chamam de “bruxa”. Pelo que a culpam?
- Porque na sua sociedade....
- Não é a minha sociedade. Não fui banida como tu? Presa entre essas paredes?
- ... nesta sociedade, eles dão a função de bruxa uma conotação errônea. A bruxa. se vamos falar assim, corrige as coisas, endireita, consola, cura. Pg. 145

Alguns documentários também foram fontes acessadas para a construção deste trabalho, como *A Reza é de Deus*<sup>34</sup>, de Francisco Cancela e Reinan Ribeiro, que escuta Mariinha Lage, rezadeira de Porto Seguro. Contudo, o trabalho que mais se relaciona com o que pretendemos aqui é o documentário *Reza Urbana, o ofício das benzedadeiras em Salvador*<sup>35</sup>, que entrevista cinco rezadeiras de Salvador e uma antropóloga. Em 15 minutos, o documentário produzido por Marcia Santana, Max Fonseca e Priscila Carvalho nos dá pistas sobre pontos relacionados ao assunto, como a relação entre cura e religiosidade e o fim das rezadeiras.

Consideramos alguns caminhos importantes, a exemplo de como o saber/conhecimento foi se constituindo e valorizado (ou não) socialmente, especialmente no Brasil como um país colonizado? Como ser mulher racializada opera nessas relações? Como religiosidade e ciência se interpelam na vida cotidiana? Como aprendemos e ensinamos enquanto sociedade, enquanto povo?

#### 4.1 A COLONIALIDADE DO SABER: NA SAÚDE E NA DOENÇA

O processo moderno não se separa do processo colonizador. A formação de mercados consumidores e o fortalecimento dos estados-nação europeus se construíram na exploração colonial, e a contemporaneidade, com sua fluidez, não segue um caminho diferente, vendendo dados e usuários. Para as elites, mobilidade, alegria e aventura, e para as camadas mais pobres, muros, legislações duras e violência. O processo de globalização é também colonial. (SANTOS, 2000)

O conceito de “colonialidade do poder” de Aníbal Quijano, cunhado no final dos anos 1980, é muito relevante para compreender a modernidade vista pelo lado de cá, a partir dos colonizados. Como trazem Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016), já era possível encontrarmos a ideia que gira em torno desse conceito em toda a tradição do pensamento negro, os autores trazem como exemplos, W. E. B. Du Bois, Oliver Cox, Frantz Fanon, Cedric Robinson, Aimé Césaire, Eric Williams, Angela Davis, Zora Neale Huston, bell hooks etc.

Se em 2 de julho de 1823 os portugueses foram expulsos do território brasileiro, mais especificamente da Bahia, contudo ficamos com suas instituições, sua moral, sua religião, sua cultura e sua elite.

---

<sup>34</sup> Vídeo pode ser visto na página Porto Seguro além do Descobrimento no Facebook <https://www.facebook.com/1173974502778466/videos/535552847332027>

<sup>35</sup> Vídeo pode ser acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=wtYveKiZQxw>

A escravidão foi o modelo de negócio interno à construção da modernidade, assim como sua abolição, quando foi interessante para as mesmas elites. Quijano afirma que nós sofremos uma classificação social mundial, na qual a raça é “critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade.” (QUIJANO, 2003, Pg. 228).

Séculos se passaram e o racismo estrutural segue sendo constitutivo da nossa formação social, os negros continuam sendo vítimas de uma necropolítica mundial, recebendo menores salários e designados para ofícios considerados inferiores, demonstrando a colonialidade presente na atual sociedade capitalista.

Dessa forma, podemos pensar no processo colonial em várias camadas de opressão, como Bernardino-Costa e Grosfoguel argumentam:

“a dominação colonial nas margens/ fronteiras externas dos impérios (nas Américas, no sudeste da Ásia, no norte da África), bem como reconhece a dominação colonial nas margens/fronteiras internas dos império, por exemplo, negro e chicanos nos Estados Unidos, paquistaneses e indianos na Inglaterra, magrebinos na França, negros e indígenas no Brasil etc. Na década de 1960, essa diferença colonial nas fronteiras internas dos impérios foi conceituada por Pablo Gonzales Casanova de colonialismo interno em que sobretudo o eixo racial estabeleceu uma divisão de privilégios, de experiências e de oportunidades entre negros e brancos, populações indígenas e brancos, tal como exemplifica a história do Brasil.” (2016, pg.6)

Para além do mundo do trabalho, Bauman em *Globalização: as consequências humanas* nos faz pensar para quais parcelas da população as distâncias foram realmente encurtadas, as comunicações avançaram e as fronteiras foram derrubadas? O autor observa que o mundo está dividido em turistas e vagabundos, cidadãos globais e refugiados. Nos termos de M. Santos, a globalização é dividida em duas narrativas: como a fábula, a história de progresso e igualdade que é vendida para a sociedade em publicidades e a globalização como é, o lugar da perversidade. (2000). Os expulsos da festa da globalização, da aldeia global, têm cor, têm raça e localidade. Estão ao Sul do mundo.

Para o autor argentino Mignolo, colonialidade é um conceito que se define por “um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade)” (WALTER MIGNOLO, Pg. 13. 2017), que são, na verdade, nada mais que o padrão colonial de poder, após o fim oficial da tutela das colônias. Sendo assim, o autor conceitua decolonialidade como “a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade.” (WALTER MIGNOLO, Pg. 13. 2017)

Mignolo trabalha o conceito de epistemologia fronteiriça, esse conhecimento/sensibilidade/entendimento marcado pela percepção “do corpo negro no Terceiro Mundo, fundando assim uma política do conhecimento que está arraigada assim como o corpo racializado, nas histórias locais marcadas pela colonialidade.” (WALTER MIGNOLO, Pg. 16. 2017). Esse conceito é muito interessante para pensar nossas rezadeiras, que estão nesse lugar entre religiões e saberes, construindo assim suas próprias epistemologias.

Uma ideia trazida por Mignolo muito relevante para este trabalho é a de “**sensibilidade de mundo**” em vez de “**visão de mundo**” (grifos nossos). Embora tivéssemos historicamente que usar os mesmos códigos dos colonizadores, nossa forma de sentir a realidade e seus atravessamentos são outros, porque são outras nossas experiências, nossos corpos, logo, serão outras nossas epistemologias:

“O espanhol e o português da América do Sul têm a mesma gramática que Espanha e Portugal respectivamente; mas os corpos que as falam habitam memórias diferentes, e, sobretudo, diferentes concepções e “sensibilidade” de mundo.” (pg. 20. 2017).

Para o autor, “a ideia de modernidade é uma ficção na qual o eurocentrismo se funda e devemos tratá-la como tal” (pg. 26. 2017). Pensando nisso, nosso desafio hoje é tirar a roupa apertada da modernidade. E, para isso, Mignolo traz a necessidade de nos encontrarmos com a natureza. “Na medida em que o discurso constitutivo da modernidade separou ser humano e natureza, cultura e natureza, e nos fez esquecer que somos (nossos corpos necessitam de água e alimentos) natureza.” (WALTER MIGNOLO, Pg. 26. 2017)

A partir dos paradigmas modernos, aprendemos a separar o corpo, da mente, do espírito, da alma, separamos o racional do emocional. Como afirma Laplantine, “o cristianismo moderno, com efeito, confirma uma separação inequívoca entre a saúde e a salvação, abandonando, por assim dizer, os corpos à medicina, para apenas ocupar das almas.” (1991, pg. 224) e assim a racionalidade científica se torna a nova régua de medir o mundo, e o conhecimento e o cristianismo perdem seu posto de verdade absoluta e de donos de todas as respostas. A saúde na modernidade precisa se separar da magia, da fé e da religiosidade. A medicina precisa cuidar do que pode ser medido, investigado por sintomas e resolvido a partir de métodos rigorosos, um olhar cartesiano e racional do mundo que prometia libertar *o homem*. De acordo com Laplantine (1991), o cristianismo na modernidade aceita uma separação com a ciência, os corpos ficam com a medicina e a igreja com as almas. Contudo, como demonstra o autor, a mentalidade/a filosofia cristã segue presente na construção do saber e dos sujeitos da medicina. O maniqueísmo entre bem e mal, agora chamados de saúde e doença, salvação ou

maldição. As palavras dos médicos são inquestionáveis, e deles vêm o poder sobre as decisões em relação ao corpo e à conduta dos pacientes, como antes eram poder dos padres.

O autor observa o caráter do médico como o redentor, ou o apóstolo, que não tem um trabalho, mas uma missão. Um ser humano que age por benevolência para o bem comum, para Laplantine (1991), isso demonstra como a sociedade aparentemente secularizada continua impregnada com a forma de pensar do cristianismo.

B. S. Santos nos traz um olhar crítico sobre a ciência, que apesar de pregar a neutralidade e a objetividade se torna outro modelo totalitário de discurso “na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas.” (2010, pg. 48).

Se na Idade Média Deus era o centro do universo humano, com o início da modernidade e o Homem no centro, construímos uma perspectiva onde “o desenvolvimento tecnológico desordenado nos tinha separado da natureza em vez de nos unir a ela e que a exploração da natureza tinha sido o veículo da exploração do homem.” (SANTOS, 2010 Pg. 67)

B. S. Santos denuncia a ciência que se torna majoritariamente autobiográfica, colocando-se como única explicação da realidade em oposição a mitologias, as credences “da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia” (SANTOS, 2010, pg. 68). A ciência, a razão, se tornam o caminho, a verdade e a vida. Não se quer aqui negar a importância da ciência, das tecnologias, sua relevância para a vida do ser humano na terra, como, por exemplo, como contribuintes do aumento da longevidade, mas questionar: a quem serve essa ciência? Quais têm sido seus propósitos majoritariamente? Esses avanços da ciência promoveram benefícios igualitários às pessoas?

Louis Figuier (apud Laplantine, 1991) escreve em *As maravilhas da Ciência*, de 1867, que a ciência é um sol e é preciso que todos se aproximem dele, a fim de se aquecer.

Entre tantos aspectos constitutivos da modernidade estão a ode à racionalidade, ao saber científico, ponto que nos interessa neste trabalho. Olhando para trás, podemos ver a transformação entre as mitologias da antiguidade, para a cristã, e em seguida a científica, como formas de explicar o mundo e a vida, mas também de manter o poder e a ordem social.

A ciência na modernidade seria o campo da objetividade e da verdade. Como propõe Lyotard (2002), a ciência seria o contraponto às trevas, ao senso comum e às crenças tradicionais, “contribuindo assim para o desenvolvimento moral e espiritual da nação” (Pg.7). A ciência se bastaria, se renovaria pelos seus próprios métodos, era vista como “atividade desinteressada”. Contudo, nosso velho Marx produziu a seguinte reflexão: “O que demonstra a história das ideias senão que a produção intelectual se transforma com a produção material? As

ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante” (pg. 42, 2001). Seria possível que a ciência fosse realmente nobre ao ponto de não ter uma ou várias ideologias?

A luta entre o saber científico e o tradicional é um capítulo da luta entre as classes populares e dominantes, também em território europeu. Laplantine (1991), em seus estudos sobre a doença, do ponto de vista médico e religioso na França, observa que a busca por curandeiros, peregrinações, entre outras manifestações, advém de uma resistência do povo a essa outra classe, a dominante, que nega e oprime suas vivências e saberes e que tão pouco oferece acesso aos médicos (representantes dessa ciência).

Como traz Federici, a caça às bruxas teve como consequências a destruição de um patrimônio de saber empírico relativo às ervas e remédios curativos, que se manteve vivo durante gerações e possibilitou “o surgimento da medicina profissional, que, apesar de suas pretensões curativas, erigiu uma muralha de conhecimento científico indisputável, inacessível e estranho para as “classes baixas” (2004, pg. 364)

Já dentro do processo colonizador, esse moinho de moer gente, como diz Darcy Ribeiro (1995), a cientificidade é usada como forma de diminuir os povos colonizados. Sofremos durante os últimos séculos o que B. S. Santos chama de epistemicídio (2007). Esse processo, como nos fala Quijano (2003), ocorreu por dois vieses, pelo silenciamento dos padrões de produção de sentido, do universo simbólico dos povos colonizados, e pela inserção violenta e contínua da moral, da religião, da técnica, de todo o universo do colonizador.

Para a visão eurocêntrica fora do ocidente, não há conhecimento real, como elucidada B. S. Santos “existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que na melhor das hipóteses podem se tornar objeto ou matéria-prima de investigações científicas.” (2007, pg. 73)

Nessa disputa de narrativas históricas foram invisibilizadas sociedades complexas, como afirma Quijano:

Na verdade, a estas alturas da pesquisa histórica seria quase ridículo atribuir às altas culturas não-europeias uma mentalidade mítico-mágica como traço definidor, por exemplo, em oposição à racionalidade e à ciência como características da Europa, pois além dos possíveis ou melhor conjecturados conteúdos simbólicos, as cidades, os templos e palácios, as pirâmides, ou as cidades monumentais, seja Machu Pichu ou Boro Budur, as irrigações, as grandes vias de transporte, as tecnologias metalíferas, agropecuárias, as matemáticas, os calendários, a escritura, a filosofia, as histórias, as armas e as guerras, mostram o desenvolvimento científico e tecnológico em cada uma de tais altas culturas, desde muito antes da formação da Europa como nova identidade. (2003, pg. 232)

Como afirma Sueli Carneiro, no Brasil o epistemicídio se institucionaliza a partir da Igreja Católica “da supressão do conhecimento nos processos de controle, censura e condenação da disseminação de ideias” (2005, pg. 115), silenciando os conhecimentos dos povos indígenas e africanos. Os jesuítas são designados pela coroa portuguesa como responsáveis pela educação no Brasil, então, a educação pública permanece sob sua direção de 1549 a 1759. Nesse período, espalharam Casas Jesuíticas por todo o território nacional, onde “havia sempre alguém ministrando aulas de primeiras letras e uma pequena biblioteca.” (Carneiro, 2005, pg. 115). Teriam sido os jesuítas inclusive os responsáveis pela formação da ideia de unidade para o Brasil, contribuindo para que não nos dividíssemos, como aconteceu no território de dominação espanhola.

Os séculos passaram, mas os “influxos do racismo científico” seguem muito presentes na construção do pensamento da nossa intelectualidade, “aportando novas características aos processos epistemicidas sobre as populações negras” (Carneiro, 2005, pg. 115). A escravidão foi oficialmente abolida, contudo: “Entram em cena os procedimentos de contenção, exclusão, assimilação na relação dos negros com os processos educacionais frente à sua nova condição de liberto indesejável como cidadão” (Carneiro, 2005, pg. 115).

Como nos traz Dussel, existe uma espiral de exclusão, em um primeiro patamar do ponto de vista global, onde nações são postas como menores, colocadas em uma periferia, enquanto outros países são o centro e dentro das próprias nações onde “as classes oprimidas, camponeses, operários, marginalizados que desempenham na própria nação o papel de exterioridade cultural” (1977, pg. 96)

A partir de Aníbal Quijano (2005), observamos que o processo colonizador não acabou:

“A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo.” (2005, pg. 235)

Assim, entendemos que o processo educativo, principalmente dentro da escola, mas também fora, não leva o indivíduo a apreender e se interessar pelas nossas raízes, oprimidas durante cinco séculos, mas para olhar para fora, como uma forma de opressão de classe, raça e gênero que se perpetua até a contemporaneidade. Segundo Manoel Tavares, em consonância com Quijano (2005), fomos colonizados ao interesse europeu pela religião, pela cultura, pela política e pela economia, “a epistemologia dominante fundamenta-se em contextos culturais e

políticos bem definidos: o mundo moderno cristão ocidental, o colonialismo e o capitalismo” (2009, pg.183). Como afirma González:

A tradição etnocêntrica considerava absurdas, supersticiosas e ou exóticas as manifestações culturais dos povos “selvagens”. Em face à resistência dos colonizados, a violência assumirá novos contornos mais sofisticados chegando às vezes, a não parecer violência, mas “verdadeira superioridade” (pg. 130, 2020)

De acordo com Candau e Oliveira: “A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber” (2010, pg. 24).

Como afirma Lélia Gonzalez, um passo importante é perceber que vivemos em uma América Africana, que nossa herança latina é apenas uma parcela da nossa formação que é indígena e africana, mas não para a manutenção do mito da democracia racial, mas pelo seu oposto, compreender e valorizar nossas reais raízes. A autora defende que nos denominemos de América Latina “todos os brasileiros (e não apenas os pretos e pardos do IBGE) são ladinos-amefricanos.” (pg. 127, 2020)

Gonzales nos traz a categoria freudiana de denegação (Verneinung) para pensar o racismo no Brasil, o “processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença” (pg. 127, 2020). Esse processo se constitui como “véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações eurocêntricas do tipo “cultura popular”, “folclore nacional” etc, que minimizam a importância da contribuição negra. (pg. 128), que nos faz fechar os olhos para o espelho e para a História. Portanto, a “América Latina que é muito mais ameríndia e amefricanana do que outra coisa, apresenta-se como melhor exemplo de racismo por denegação.” Pg. 130

Para a autora:

“politicamente é muito mais democrático, culturalmente muito mais realista e logicamente muito mais coerente nos identificarmos a partir de uma categoria de amefricanidade e nos autodesignarmos amefricanos de Cuba, do Haiti, do Brasil, da República Dominicana, dos Estados Unidos e de todos os outros países do continente.” (pg. 137)

Entretanto, resistimos e quando pensamos em uma produção com esse olhar decolonial, defensor de uma “ecologia do saber” como traz B. S. Santos, estamos agindo contra a dominação do pensamento eurocentrado.

Durante esses dois anos pude observar essa dificuldade em aceitar a si como afrodescendentes. Um episódio com Dona Zezita deixou a mim e a Larissa muito impressionadas. Alguns homens participavam de uma competição musical na TV, sendo um programa local, todos os músicos eram pretos, Dona Zezita fala: “ave maria quanto preto feio”, começamos a questioná-la e descobrimos que para ela ser preto é sinônimo de ser feio, coisa ruim, segundo ela a família toda é morena e eu sou *branquinha branquinha*. Dona Gegé por outro lado se defende, “pode ser branco, morenos ou negros, né, não importa porque a cor da gente, tá dentro de nós, mas eu falo assim, em termo de pele, que eu não tenho negócio comigo de ter preconceito, não, graças a Deus”, e Dona Vilma prefere nem entrar nesse assunto.

Como afirma Fanon:

“As escolas psicanalíticas estudaram as reações neuróticas que nascem em certos meios, em certos setores da civilização. Obedecendo a uma exigência dialética, deveríamos nos perguntar até que ponto as conclusões de Freud ou de Adler podem ser utilizadas em uma tentativa de explicação da visão de mundo do homem de cor?” (2006, pg. 127)

Gonzales e Fanon pensam a psique do povo preto, e trazem o papel da educação nessa construção. Fanon fala sobre uma família que é espelho da nação, logo está dentro da sua normalidade e padrão, a neurose surge de traumas emocionais advindos da quebra desses padrões. E os traumas acarretados pelo racismo? Podemos observar, especialmente na fala de Dona Zezita, como o racismo age matando a identidade por dentro, construindo essa negação.

## 5 TEIAS DE SENTIDO: A INTERCULTURALIDADE

Geertz em “A Interpretação das Culturas” (1978, Cap I), afirma que:

o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. (pg.4)

Entendendo a cultura como essa teia de significados na qual estamos inseridos, nos constituímos enquanto seres sociais a partir de uma quantidade sem fim de referências culturais, mas que não nos atravessam da mesma forma, já que existem diversas relações de poder inseridas nesses encontros, nos laços e nós que constituem essa teia. Particularmente nesta pesquisa, é interessante observar qual teia foi sendo tecida a partir das experiências e contextos

socioculturais das rezadeiras com quem dialogamos, de quais concepções orientam suas práticas em um universo cruzado por referências diversas.

Catherine Walsh pensa o conceito de interculturalidade a partir de três perspectivas: a relacional, funcional e a crítica.

A interculturalidade relacional está ligada ao encontro histórico das mais diversas culturas e pessoas, por meio de guerras, migrações, relações comerciais, relações que sempre existiram por contatos de formas gerais, contudo, com a presença da desigualdade. Para a autora:

“el problema con esta perspectiva (*la relacional*) es que típicamente oculta o minimiza la conflictividad y los contextos de poder, dominación y colonialidad continúa en que se lleva a cabo la relación. Similarmente, limita la interculturalidad al contacto y a la relación –muchas veces a nivel individual- encubriendo o dejando por un lado las estructuras de la sociedad –sociales, políticas, económicas y también epistémicas- que posicionan la diferencia cultural en términos de superioridad e inferioridad.” (2009, pg.6)

Já na perspectiva chamada funcional, pensamos em um processo mais recente de reconhecimento da diversidade cultural, da necessidade da sua convivência e tolerância, entretanto sem buscar uma mudança estrutural.

“Así forma parte de lo que varios autores se han referido como la nueva lógica multicultural del capitalismo global, una lógica que reconoce la diferencia, sustentando su producción y administración dentro del orden nacional, neutralizándola y vaciándola de su significado efectivo, y volviéndola funcional a este orden y, a la vez, a los dictámenes del sistema-mundo y la expansión del neoliberalismo.” (2009. Pg.6)

E finalmente, a perspectiva da interculturalidade crítica. Segundo a autora, busca-se com esse conceito ir além do reconhecimento da diversidade de tradições, saberes e hábitos, enxergar o presente a partir de um problema estrutural-colonial-racial.

A interculturalidade crítica se coloca como um projeto, uma tarefa que se articula com outros conceitos importantes, como o de pensamento decolonial, subalternidades, ecologia dos saberes e interseccionalidade.

Por eso, el foco problemático de la interculturalidad no reside solamente en las poblaciones indígenas y afro, sino en todos los sectores de la sociedad, con inclusión de los blanco-mestizos occidentalizados. Y es por eso mismo que la interculturalidad debe ser entendida como designio y propuesta de sociedad, como proyecto político, social, epistémico y ético dirigido a la transformación estructural y sociohistórica, y asentado en la construcción entre todos de una sociedad radicalmente distinta. (2009. Pg.6)

O contato com as rezadeiras tem nos mostrado a interculturalidade presente na reza como manifestação viva, em que há resistência a partir da transmissão oral, pela experiência e construção de memória, e também do desejo de abraçar novos conhecimentos e técnicas a exemplo do uso de óleos essenciais e do reiki. Como demonstra a autora e pedagoga Candau a interculturalidade “concebe as culturas em contínuo processo de elaboração, de construção e reconstrução. Certamente cada cultura tem suas raízes, mas essas raízes são históricas e dinâmicas.” (2008, pg. 51), ou seja, não se pode pensar em cultura que não tenha um caráter híbrido.

É necessário, entretanto, sempre estar atentos que a interculturalidade é agora, com suas tensões e beleza, e o conceito não pode ser pensado como mais uma resposta universalizante, como é fácil acontecer quando o conceito começa a ser massificado, como afirmam Lima e Carvalho:

A interculturalidade passou a encarnar, quase de modo mágico, uma multiplicidade de soluções para a educação dos povos indígenas em contextos nacionais distintos. Assim, borram-se as fronteiras entre experiências históricas divergentes, sob o signo de uma espécie de voluntarismo prescritivo ingênuo. (2018, pg. 9)

Além do conceito de interculturalidade, trazemos o conceito de Encruzilhada epistemológica, de RUFINO JUNIOR, para o autor as “encruzilhadas são campos de possibilidades, tempo/espço de potência, onde todas as opções se atravessam, dialogam, se entroncam e se contaminam.” (RUFINO JUNIOR, 2018 pg. 75). Os processos históricos são infinitas encruzilhadas nas quais é difícil conceber os limites entre crenças, povos e culturas. “A sugestão pelas encruzilhadas é a de transgressão, é a traquinagem própria do signo aqui invocado.” (2018, pg. 76). A sobrevivência dos saberes subalternos, assim como dos corpos subalternizados advém dessas encruzilhadas de opressão, mas também de ginga, “Há de se jogar o jogo, afinal, o cotidiano colonial é um verdadeiro campo de batalhas e mandingas.” (RUFINO JUNIOR, 2018, pg. 79)

As teias de sentido que fala Geerts se encontram construindo lindas rendas, mas também geram muita tensão e emaranhados difíceis de encontrar a saída. As teias ou encruzilhadas que nos levam a benzeção, arte e/ou ciência de bendizer, tal qual a conhecemos no Brasil, resulta de um complexo encontro de tradições culturais que dialogaram e mantiveram, ao mesmo tempo, certa autonomia prática e interpretativa. Como já dito, ao chegar ao Brasil, a tradição da bênção começa a ganhar forma própria, misturando-se com as práticas dos povos indígenas e dos povos africanos escravizados no Brasil. Porém, dentro de uma complexidade maior, surgem

novas formas de lidar com os signos de cada religião, e principalmente de lidar com a fé. Então, a partir da obrigatoriedade de se cultivar os santos católicos, o povo preto associa seus orixás e Nkisis a esses santos. A benção se insere nessa encruzilhada onde as rezas são feitas em nome dos santos, oferecidas a Jesus, mas com o uso de folhas sagradas do candomblé e, às vezes, com canções em iorubá ou em línguas bantu.

Em nossa pesquisa, essa relação se mostra de várias maneiras, seja de forma mais direta, como no caso de Dona Zezita, que sempre inicia qualquer conversa com “Que Oxalá e Nossa Senhora lhe protejam<sup>36</sup>”, ou de forma indireta, como no caso de Dona Gegê, que reconhece a influência das religiões de matriz africana nos seus saberes, mas não os nomeia, ou até em um sentido de negação, como no caso de Dona Vilma, que rejeita qualquer ligação com o Candomblé.

A ideia de pluralismo religioso, também trazida por Sanchis (2006), é muito presente na sociedade brasileira, ao decorrer da vida, a mesma pessoa pode ser adepta de várias religiões, ou ao mesmo tempo buscar auxílios diversos em cada instituição religiosa.

Observamos aqui o processo intercultural como uma forma de resistência dos saberes tradicionais, dos povos originários e dos povos negros que foram subjugados e violentados a partir da ideologia da hierarquia racial e cultural inventada pelos europeus para legitimar os crimes praticados aqui e nos outros continentes.

Esse encontro não foi igual, foi de dominação, exploração e violência:

“mas no seu avesso ou nos seus intersítios, deram-se os microprocessos do jogo das identidades, nunca definitivamente unificadas. Uma pluralidade sistemática que marca esta sociogênese do Brasil.” (SANCHIS, 1997, pg. 105).

Os rituais de ligação com a natureza, o uso de plantas medicinais dos nossos povos indígenas, misturam-se com a fé nos santos e milagreiros dos católicos portugueses e com as tradições dos povos trazidos de África para o Brasil. Se por um lado existe um preconceito do catolicismo institucional para com o popular, ainda com mais força se delinea o preconceito contra a influência das religiões de matriz africana dentro dessa tradição.

Burdick (1993) traz a experiência em Minas Gerais, na cidade de São Jorge:

“todos acusam as benzedoras de serem praticantes da religião afrobrasileira: a macumba. O medo de tais acusações faz com que as benzedoras mantenham um estilo baixo perfil, e induz aquelas que formam um potencial, seja a buscar outros caminhos

---

<sup>36</sup> [áudio](#) de dona zezita abençoando a partir dos cuidados de Oxalá, Xangô, Nossa Senhora e Jesus Cristo Ecumênico e falando sobre o lado de feitura

de expressão espiritual, como a caridade, seja, em alguns casos, renunciando à especialização religiosa particular de qualquer gênero” (pg. 34).

Tendo em vista esse preconceito ou negação às religiões de matriz africana, as próprias benzedeiças passam a negar essas influências em seus trabalhos de cura. Para não sofrerem de um ostracismo em sua comunidade, muitas mulheres acabam negando sua atividade ou praticando-a de forma clandestina à instituição católica.

É comum que as pessoas vejam os Orixás como figuras integrantes da religião cristã, colocando-os como anjos da guarda ou de forma associada aos santos católicos, referindo-se a passagens bíblicas, substituindo Jesus por Zambi (SANCHIS, 1993), mas negando o candomblé como religião<sup>37</sup>. Entretanto, apesar de todas as negações e intolerância, o candomblé, de forma complexa e viva, recria-se constantemente, buscando por um lado “reivindicar a exclusiva autonomia dos “fundamentos” de sua tradição e, por outro lado, joga-os nos caminhos da assimilação das demais influências religiosas que se espalham pelo Brasil.” (SANCHIS, 1993, pg. 16)

Se por um lado existe uma intolerância e tentativa de afastamento em relação ao candomblé por parte das benzedeiças, em se tratando de Salvador, é nas casas de candomblé, com as mães de santo que também são rezadeiras, que a tradição consegue se manter mais viva.

Dona Gegé durante suas falas para os alunos da Faculdade de Educação da UFBA, seja nas aulas que participa, seja no Seminário Griô sente necessidade de estar sempre reafirmando o caráter positivo do seu saber, de que não está ligado a uma religião ou outra, “independente de religião mas nós estamos falando de natureza, de terra, de ervas, de folha, então não importa, tome seu banho, não pense, tome seu banho que vai lhe fazer bem, porque vem de Deus, as ervas que vem da terra”<sup>38</sup>. Ela em alguns momentos se auto recrimina por começar a falar de banhos, de orixás, pede desculpas e diz que vai se ater aos chás, e eu digo para que fique a vontade, que ali (na nossa live) ela pode falar o que quiser. Ela reforça que Deus é um só e que ama a todos. Ela é delicada ao dizer que pessoas evangélicas “não gostam que falem dessas coisas”. Tudo é em nome Dele, independente de religião. Deus é aquele que nos deu essa terra mãe e se não tá melhor é porque o homem não tá tendo a sabedoria de saber aproveitar. Ela

---

<sup>37</sup> É possível observar esse processo na música “Assim não, Zambi”, de Clementina de Jesus e Martinho da Vila, de 1979, cuja letra fala de um diálogo entre os personagens, São Pedro e Zambi (Deus para a fé Bantu): “Quando eu morrer, Vou bater lá na porta do céu, E vou falar pra São Pedro, Que ninguém quer essa vida cruel, Eu não quero essa vida não, Zambi, Ninguém quer essa vida assim não, Zambi, Deus é pai, Deus é filho, Espírito Santo é Zambi, Eu não quero essa vida não, Zambi”.

<sup>38</sup> Seminário Griô, 30 de setembro de 2021

separa bastante igreja e Deus, ela fala que nunca foi de ficar “vivendo dentro de igreja”, mas que isso não abalou sua fé.

Dona Gegé também une ao seu vocabulário, além das influências do cristianismo e das religiões afro-brasileiras, o cuidado com os chakras que, por sua vez, são centros energéticos distribuídos pelo corpo, originários das escrituras sagradas do hinduísmo – a palavra chakra significa “roda” em sânscrito, como observado no trecho abaixo:

“Deus que nos dê uma noite assim com muita sabedoria, muita paz, proteção, mente aberta, os chakras positivos aberto, pra gente se abraçar, mesmo sendo desse jeito de longe, mas abracem e recebam, Soraia vai passar as receitas, as rezas, quase todas que eu sei e aí vocês vão abraçando.”<sup>39</sup>

Dona Zezita é um grande exemplo das possibilidades de construção de uma trajetória espiritual diversa. Ela fala do começo “a gente nasceu, na família mesmo, as raízes, religião, tem os crente agora, com a evolução do mundo é tudo junto e misturado; minha mãe sempre levava a gente para igreja, ela era católica, tinha medo desse outro lado, mas ela gostava, ela rezava, mas esse outro lado da religião e tudo, era o pai de meu pai, que era, tinha capela, dava caruru, dava santo, era de ogum, mas com o passar de tudo, veio aqui pra Salvador e virou crente tanto que nossa família não é assim agora, um vai pra aqui outro pra acolá.”<sup>40</sup> Ela demonstra uma apropriação da figura de Jesus a qualquer outra crença não cristã, falando inclusive em Jesus Cristo Ecumênico. Em um de nossos encontros ela me mostra a água que foi fluidificada durante a missa no rádio e diz: “Eu gosto de ouvir meu padre Marcelo, a gente tem que proteger os chakras, esses olhos daqui não enxergam nada, o que enxerga é o olho da mente, pode sentir no meio da testa, o terceiro o olho, e na nuca.”<sup>41</sup> Então ela ensina a como abrir a visão verdadeira: “você faz a concha nas mãos e cobre os dois olhos. Tira anel, qualquer coisa que seja fuga de energia.” Para Dona Zezita a questão dos chakras também é muito importante e presente nas suas receitas e métodos de cuidado, e em seu caso há um aprofundamento nesses estudos já que ela possui formação em reiki<sup>42</sup> e trata pessoas, inclusive a distância.

Em 2020 a festa de Santo Antônio foi virtual. Dona Zezita passou as ladainhas para a sobrinha que tem computador. Todas as famílias entraram via Zoom e dona Zezita participou por ligação telefônica puxando a reza, mesmo distante. Dona Zezita é uma usuária empolgadíssima do YouTube. Ela nos envia vídeos relaxantes para tomar um passe de energia

<sup>39</sup> Seminário Grio, 30 de setembro de 2021

<sup>40</sup> Conversa em 06/02/2021

<sup>41</sup> Posição dos [dedos](#) para benzer

<sup>42</sup> terapia reconhecidas pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Ministério da Saúde <https://saude.abril.com.br/bem-estar/reiki-nas-maos-da-ciencia-2/>

à distância, com base nos seus recentes estudos sobre reiki, somados ao banho de rosas brancas e a limpeza da casa com incenso.

Então, os métodos de cuidados podem vir a partir das orações cristãs, cuja a fala dela a seguir demonstra: “Se você achar que a pessoa está com intenção ruim com você, você reza pelo anjo da guarda dela quando ela estiver de frente, e o Creio em Deus Pai quando ela virar de costas. Quebra tudo!” Mas é necessário também cuidar dos orixás, como ela afirma: “a única coisa que o orixá quer é ser cuidado, que seu filho leve uma vela, que faça sua comida, não é nada difícil. Só tem que escutar a espiritualidade.”

Dona Vilma rejeita qualquer ligação com referências de matriz africana, acredita que o candomblé não é coisa boa, mas também fala sobre sua desilusão com a Igreja, que desde cedo faz essas reflexões, que ela não queria se confessar para o padre antes do seu casamento, mas por pressão da família foi, e que o padre foi inadequado na primeira pergunta, a questionando sobre onde seu noivo haveria tocado em seu corpo. Ela me conta que isso reforçou seu sentimento sobre o afastamento entre Deus e a Igreja “eu vou ficar falando da minha vida com um par de calça, com tudo de ruim que homem tem”.<sup>43</sup>

Ela me conta que seu marido levava tudo que comprava para benzer no Bonfim, mas que ela não via sentido, e que um dia sofreram uma batida de carro justo nesse caminho e que a partir daí deixaram de ir. Então ela se mostra mais cética tanto a se abrir a outras crenças quanto a fazer parte de alguma comunidade cristã.

Uma frase popular afirma que “não há pecado abaixo do Equador”, isso pode ser visto de forma pejorativa, como um espaço sem regras ou comando, mas prefiro pensar que de fato a ideia do pecado cristão, assim como a ideia de purismo não nos cabe. Dona Gegé, Dona Val e Dona Zezita misturam crenças e tradições religiosas, cuidam de qualquer pessoa independente de raça, gênero ou classe social.

## 5.1 A CURA QUE VEM DO MEU IGUAL

Kleimann (apud Helman, 2003) observa três setores de assistência à saúde: o profissional, o informal e o popular. O setor informal seria o da automedicação, conselhos de amigos e parentes sobre melhores formas de tratamento, atividades de cuidado mútuo em igrejas, grupos de ajuda, como também, com pessoas que já tiveram experiência com determinada doença, por já terem tido ou por terem cuidado de pessoas com quadros similares.

---

<sup>43</sup> Conversa em 11/01/2022

No setor profissional estão médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, pessoas que são “organizadas e sancionadas legalmente”. Já o setor popular é onde “certos indivíduos se especializam em formas de cura sagradas ou secularizadas, ou uma mistura de ambas” (Helman, 2003, pg. 75). Essas pessoas, chamadas pelo autor de “curandeiros”, estão entre os outros dois setores por não serem médicos oficialmente, mas terem um respaldo social importante em suas comunidades. O “curandeiro” compartilha os valores culturais e visão de mundo de seus pacientes, inclusive sobre saúde e doença, gerando assim uma sensação de acolhimento que não se encontra na medicina tradicional.

Em nossa cultura é comum que busquemos as três possibilidades para um mesmo problema, ou que busquemos essas informações por hábito. Como afirma Laplantine (1991), além do curador na medicina popular ser de certa maneira um igual, fazer parte da mesma comunidade, do mesmo código de crenças e valores, ele vê o paciente para além de sintomas e doenças, ele traz o indivíduo para o social, “a totalização homem-natureza-cultura que se opõe à tendência à dissociação do homem da natureza e da cultura cujo corolário é a hiperespecialização” (LAPLANTINE, 1991, pg. 219), o que acontece no consultório.

Se por um lado o atendimento médico acontece em um hospital ou consultório frio, impessoal, onde o paciente precisa se distanciar dos seus, o tratamento popular é dentro do lar de quem reza ou é rezado, construindo uma abertura entre os dois lados e o acesso a um caráter mais subjetivo e integral do paciente. Enquanto a medicina oficial faz uma investigação quase semiótica ou policial atrás de sintomas e pistas a partir de “mecanismos químico-biológicos”, muitas vezes nem enxergando a pessoa por trás do diagnóstico, as medicinas populares dão respostas mais ligadas ao contexto social e existencial do paciente, ouvindo insatisfações de causas gerais, de questões espirituais, das desavenças matrimoniais ou outros tipos de conflito. As rezadeiras, em geral, viram seus pacientes crescer, possibilitando uma observação do cotidiano da família em relação à doença e à cura, tendo, portanto, a capacidade de saber sobre aspectos das possíveis causas exteriores da enfermidade, advindas do contexto onde o paciente está inserido (HELMAN, 2003).

Podemos observar a tradição das rezas dentro de uma relação complexa das pessoas com seu corpo e sua saúde. Ela começa por entender o corpo como uma parte do ser, como nos fala Aníbal Quijano (2005), a ideia de diferenciação entre o “corpo” e o “não-corpo” é presente em todas as culturas e civilizações historicamente conhecidas; contudo, observando sempre sua complementaridade “a permanente copresença dos dois elementos como duas dimensões não separáveis do ser humano, em qualquer aspecto, instância ou comportamento” (QUIJANO, 2005, pg.238). Essa separação ocorre com o pensamento eurocêntrico cartesiano, onde corpo e

alma (da perspectiva cristã), e posteriormente corpo e mente são vistos com um olhar de separação como instâncias separadas e estranhas uma à outra, ao contrário das nossas tradições populares, que tratam o ser em sua integralidade, incluindo também seu território.

A antropóloga Barbara TedLock em seu livro *Mulher no corpo de Xamã*, fruto de 30 anos de pesquisa, afirma que a utilização de encantamentos e música geram estados emocionais em um paciente e afeta a maneira pela qual o sistema imunológico responde à doença. Para a autora:

Os xamãs usam metáforas – formas de pensar sobre uma coisa no sentido figurado – para descrever o mundo místico e ajudar o paciente a manipular a informação sensorial, emocional, e cognitiva, de modo a alterar a percepção de sua doença. Os curandeiros ritualisticamente empregam seu sistema local de mitos e símbolos, e interpretam a condição do paciente no contexto desse sistema. (2008, p. 24)

O cuidador ou cuidadora compartilha os valores culturais e visão de mundo de seus pacientes, inclusive sobre saúde e doença, gerando assim uma sensação de acolhimento que não se encontra na medicina moderna. Se por um lado, para o tratamento médico profissional o paciente é despersonalizado, por outro, “o tratamento religioso visa agir sobre o indivíduo como um todo, reinsserindo-lhe como sujeito em um novo contexto de relacionamentos” (Rabelo, 1994, pg. 47).

Ainda que possamos observar essa polaridade, existe também uma fluidez nesse limite entre o saber tradicional e o saber médico, já que os indivíduos possuem suas crenças mesmo em posição de um profissional de saúde. Ao mesmo tempo em que se estruturam teias, as encruzilhadas entre as concepções religiosas e espirituais, desenvolvem-se também entre os saberes da medicina moderna, profissional e da medicina popular, da experiência. Um mesmo indivíduo pode ir ao posto de saúde, fazer uma promessa pela cura da doença e tomar chás buscando a mesma melhora.

Um ponto em comum observado na fala das entrevistadas é a percepção que o cuidado médico profissional deve ser aliado ao cuidado doméstico. Val, a sobrinha/filha de Dona Vilma é enfermeira, pergunto como ela enxerga essas duas formas de cuidado, tendo no convívio familiar a questão das rezas, dos chás e trabalhando com a medicina profissional. Val observa que a maioria dos médicos não acredita e inclusive repreendem os pacientes que buscam saídas alternativas, mas que também haviam médicos que compreendiam a importância da fé para a recuperação, “a fé é o poder da mente que ajuda mesmo na melhora”. Ela conta de um médico específico, que no seu plantão a emergência ficava cheia: “ele demorava com cada paciente, então eu acabava sempre saindo tarde do trabalho, mas que por outro lado era um dia mais leve

no trabalho, porque ele conversava mais profundamente com cada paciente e a maioria nem precisava de fato de medicação, só precisava ser ouvido.”<sup>44</sup>

Eu mesma durante esses 2 anos de pesquisa fiquei doente várias vezes, fazendo diversos tipos de tratamento em busca de saúde, mas dois momentos em que precisei de atendimento hospitalar destaco as crenças dos profissionais envolvidos.

O primeiro foi em janeiro de 2021, percebi que minha visão estava turva apenas do lado direito, mas tapava um olho com a mão e depois trocava e permanecia igual, logo não era uma questão de visão exatamente, pensei, realmente preciso descansar, deitei e fechei os olhos. Mas, pessoas me ligando acabavam me impedindo; em um momento no meio de uma ligação perdi a fala, simplesmente travei por alguns segundos, fiquei desesperada, achei que estava tendo um derrame, minha companheira Larissa saiu do trabalho, veio me ver, ligou para um médico amigo, e a resposta foi: “minha obrigação é te pedir para ir ao hospital para que ela faça uma tomografia, mas acredito que seja uma questão de realinhamento de chakras”, pois, depois de horas no hospital, todos os exames deram normal e foi diagnosticado que eu sofria de enxaqueca com aura, o que explicava os sintomas, causada por ansiedade, ou seja, “era uma questão de realinhamento de chakras”.

O segundo episódio foi em 22 de abril de 2022, acordei e percebi que meu nariz sangrava, consegui acordar Larissa e pedi pra ela trazer água com açúcar, contudo, quando ela voltou eu já estava em estado de síncope, desacordada, com o corpo e a mandíbula completamente rígidos e olhos revirados e entreabertos, alguns minutos depois voltei à consciência e Larissa insistiu que fossemos aos hospital. Neste dia passamos realmente o dia inteiro no hospital, fiz tomografia, eletrocardiograma, exame de urina, vários tipos de exames de sangue, entre eles a gasometria, que se trata de um exame de sangue realizado pela artéria, e a mostra é retirada do pulso, e mais um vez tive uma síncope, quando despertei haviam umas 7 pessoas a minha volta, a enfermeira que tirava meu sangue e Lari bem assustadas e os profissionais discutindo se eu havia tido uma convulsão ou não. As enfermeiras diziam que sim, os médicos diziam que não.

Nesse momento, enquanto tentava fazer mais uma vez a gasometria, a enfermeira começou a me fazer perguntas como: você trabalha com o quê? E ela? (se referindo à Lari), tem muita competição na sua área, né? Muita concorrência? Respondi a tudo e quando Lari se aproximou ela seguiu perguntando. Vocês são cristãs? Pergunto se ela quer dizer evangélica, ela responde que sim, Lari fala que é da umbanda e eu falo que sou católica, ela pergunta mais

---

<sup>44</sup> Relato de Vilma, sobrinha de Dona Val, sobre sua experiência em hospitais. Entrevista realizada em 15/02/2021

sobre onde Lari frequenta, eu digo que é a Casa da vó dela, que é uma zeladora espiritual, a enfermeira concluí que eu não tenho nada relacionado ao mundo físico e que eu preciso ir em uma casa de axé descobrir quem está querendo me derrubar e resolver essa questão. Eu agradeço e digo que vou me cuidar.

Já à noite, quando a médica me liberou e fui tirar o acesso com outra enfermeira, ela também perguntou se éramos cristãs, dissemos que acreditávamos em Jesus, ela então disse que como eu não tinha nada físico que nós devíamos orar, pois a oração resolveria, que as igrejas afastam as pessoas, mas que Deus ama a todos e que ele nunca ia deixar de olhar por nós, que era pra gente não se afastar de Deus por causa das pessoas da igreja.

Dessa vez o diagnóstico foi síndrome do vaso vagal, o que não é uma patologia, mas uma condição, então todos os médicos repetiam “graças a Deus você não tem nada”, “Graças a Deus você tá indo para casa”, ao que eu e Larissa só respondemos: “Amém!, Amém! Amém!”

A partir dos episódios podemos observar que também no ambiente da medicina profissional, os indivíduos também carregam suas próprias crenças e condutas de cuidado que abarcam o cuidado espiritual.

As nossas rezadeiras levam bastante a sério suas visitas aos médicos, uso dos seus remédios e que também passam “receitas médicas” com frequência. Compreendem a necessidade de um trabalho conjunto, inclusive porque entendem o cuidado da saúde como originário do mesmo lugar, a natureza, independente se chega para nós direto da terra ou passando por uma indústria farmacêutica, e como ponto de chegada o bem-estar.

Dona Zezita tem sempre pomadas e remédios para oferecer, por exemplo, o que descongestiona a respiração é pelos pés, passar o *Vick* nos pés e fazer uma massagem. Dona Zezita atribui o uso da medicina natural à ausência de médicos profissionais, ela me pergunta: “quem é o médico dos índios?” e segue; “antigamente não tinha médico assim como hoje em dia, então todo mundo precisava se cuidar, isso que hoje chama sinusite, a gente tratava, era os catarro dos veios; esse cálcio que eu tomo, vem de onde? Da ostra, dos animais, os remédios da farmácia vêm de onde? É como a borracha, essa borracha que tá em tudo, vem de uma árvore só, a seringueira, e o palmito é o quê? Tudo vem da natureza. Então entre os índios tinha o médico deles, que vai na natureza e sabe onde tá o remédio.”<sup>45</sup>

Então havendo a possibilidade de buscar médicos e hospitais isso deve ser feito. Em alguns momentos a vi informar aos pacientes que entidade x ou y havia dito que a pessoa precisava procurar o “homem do anel”, o que significa ir ao médico, pelo que entendi é uma

---

<sup>45</sup> Conversa realizada presencialmente no encontro de 06/02/2021

referência ao anel de formatura. Ou seja, os próprios guias espirituais compreendem a medicina e o seu papel, assim como o da psicologia.

Dona Zezita enquanto zeladora espiritual observa que algumas pessoas tentam justificar suas ações, suas escolhas a partir da espiritualidade, especialmente culpando exus e pombas-gira, então ela diz: “a pessoa tá surtando? A primeira coisa é o médico, o psicólogo, depois é o tratamento espiritual, é cuidar. Aí se não resolver, só porrada mesmo”. Então existe uma avaliação de sua parte, se é uma questão que ela pode ajudar, mas caso esteja fora do seu alcance ela pode instruir o paciente a procurar um tratamento para saúde física, mental ou outra linha espiritual, exemplo de quando a pessoa precisaria fazer uma oferenda com o uso de caça, já que ela não faz oferendas com animais.

O trecho a seguir transcreve um áudio enviado a um sobrinho de Dona Zezita, no qual ela explica a importância de observar os três tipos de tratamento, cuidar da mente, da espiritualidade e fazer os exames.

se preocupação pagasse imposto a gente não estava com os manicômios, as calçadas cheio de gente, cheio de depressivo, de loucura, de doentes sem nenhuma medicação, como até os CAPS já está suspendendo todas as medicações das pessoas que toma medicação porque tá faltando medicação, todo mundo tá surtando... Tá tudo doido, é psiquiatra, e tem uma coisa, psicólogo é para você conversar, botar pra fora, desabafar, que é para ver o que é que gera a essa situação, não passa remédio, não passa isso, não passa aquilo, não deu o remédio à força tudo está você está bem vamo embora, tem que fazer a parte médica, cuidar, olhar, tem, porque é através dos exames, é através de tudo que vai, por isso que às vezes a pessoa se sente perdido com muita informação, porque essa informação que você não consegue entender é porque o que tá dentro de você, você botando para fora aí a pessoa como não sabe, não é, da história como é, e a gente não consegue dizer, é por isso que fica confuso, não fique confuso nada, está ótimo, pronto vamos embora, aí para lhe diz preocupar ou preocupar mas tem que fazer esse exame no momento agora é a prioridade. (27 de janeiro de 2022)

Dona Gegé também observa que a falta de acesso ao sistema de saúde acaba por fazer com que as ervas sejam a opção para salvar a vida das pessoas, “a maioria da gente né, é SUS, eu estou aqui, a gente tem um planozinho quando Deus permite ter condição de ter, então, enquanto isso, vocês vão tomando esses remédio”. O maior exemplo dessa junção de cuidados nas falas de Dona Gegé está ligado a Tiago, seu filho caçula, que é uma pessoa com síndrome de down. “Tudo que me ensinavam pra coisas que médico não resolvia, eu fazia.” Esse processo

acabou virando um momento de cumplicidade entre os dois, no qual o próprio Tiago buscava o momento de ser cuidado:

“E aí Tiago entra na dança, Tiago toma banho de folha, Tiago toma chá, o que eu dou a Thiago, Tiago bebe, tome aqui um banho, aí eu aqui boto banho no banheiro, ele: mamãe rezar! E tenho que ir para rezar com ele pra ele tomar um banhozinho dele.”

Ela compreende que os remédios de farmácia e das plantas devem trabalhar conjuntamente e sem uso abusivo:

“para ele vai limitar e toda medicação e todo o remédio mesmo de folha a gente tem que usar com limite, ali no limite, usou uma semana para, existe até planta que a gente tem que usar dias alternados, é para não causar outras consequências porque assim como as medicações causa também as ervas também causam.”

E por outro lado Tiago cresceu com acompanhamento dos profissionais do Instituto Baiano de Reabilitação, Dona Gegé fala com muita gratidão dos profissionais que ajudaram Tiago a falar e a caminhar, na medida em que muitas pessoas ao redor de Dona Gegé duvidavam.

D. Vilma também une seus tratamentos da medicina profissional, com todo seu conhecimento sobre a espiritualidade, as plantas e o uso de óleos essenciais. Em uma das visitas comentei que estava um pouco rouca por causa do refluxo, que meu estômago não estava bem. Mais do que depressa D. Vilma entrou em um quartinho conjugado a cozinha, e trouxe um *pantoprazol* para que eu tomasse e melhorasse meu problema. “O remédio é muito bom, é o que me salva, tomo 12 comprimidos somados por dia”, ela faz tratamento contínuo para o coração e para dores nos joelhos, incluindo fisioterapia, mas também não deixa de fazer seu tratamento com chás e sempre levar uma folhinha qualquer junto ao peito. Sua rotina diária demonstra o lugar para cada tipo de cuidado:

“eu não durmo sem rezar, não acordo sem rezar, hoje mesmo eu acordei cedo, acordei rezei o terço, pedi por todo mundo, aí depois que vou tomo meu remédio que é pra tireoide que é pra tomar um jejum, bebo uma garrafinha de água, e depois posso até tirar um cochilinho e acordar um pouco mais tarde, mas tem dia que 4h da manhã eu to rezando. (..) Eu uso todos, eu cheiro eles toda noite, uso se fico meio gripada, a jurema branca é muito bom, as vezes eu tô com o nariz entupido, eu durmo cheirando o ólinho, que cai na rede, quando eu vejo acordo no meio da noite.”

A partir das narrativas podemos observar que não há um processo de exclusão, uma coisa ou outra. As nossas rezadeiras abraçam os cuidados e processos de cura que aprenderam durante toda a vida com familiares, parentes e amigos, mas também sempre que têm

oportunidade buscam fazer exames, ir a médicos e tomam seus remédios com atenção e disciplina. Parte do processo de cuidar é instruir e incentivar que as pessoas que as procuram também busquem essa amplitude de tratamentos seja espiritual, psicológico ou hospitalar.

## 6 GÊNERO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE E SUA INTERSECCIONALIDADE

A construção da história é masculina, aliás, a construção da pré-história é masculina, como afirma TedLock, os cientistas que avaliavam o sexo dos esqueletos eram homens, logo obviamente sua visão partia desse olhar patriarcal. Apenas nas últimas décadas, com a possibilidade de análise química mitocondrial do DNA e o aumento de cientistas mulheres, especialmente paleontólogas, começamos a “aparecer” na pré-história.

A História não é diferente, aos homens coube registrar, narrar; suas cartas e escritos foram considerados os únicos documentos válidos, como demonstra Michelle Perrot, em *Práticas da memória feminina*, no século 19, os “administradores, policiais, juízes ou padres, contadores da ordem pública, deixam bem poucos registros que digam respeito às mulheres, categoria indistinta, destinado ao silêncio” (1989, pg. 10). Isso tudo parece quase natural, já que os homens ocupavam os espaços públicos e ocupavam os feitos históricos na política e na guerra. Dessa forma a autora conclui “No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues” (1989, pg. 9), são uma entidade coletiva e abstrata, sem representações, da qual muito se fala e pouco se conhece.”

Apenas na década de 1970, a partir do fortalecimento do feminismo, mas também da valorização da oralidade como construção da História, é que vamos começar a pensar a história das mulheres. Perrot afirma que “o desenvolvimento recente da história dita oral é de certo modo uma revanche das mulheres” (1989, pg.16). As histórias do mundo privado, da família, registros considerados menores e femininos passam a ter valor. De forma poética, Perrot (1989) nos diz que a memória das mulheres é verbo e Verbo é ação, é movimento e transformação. As mulheres são donas da missão de narradoras em suas comunidades.

Mas sermos mulheres não significa sermos iguais em direitos e sofrimentos. Se por um lado as mulheres brancas buscavam entrar para o mercado de trabalho, as mulheres negras gostariam de ver seus filhos crescerem, como afirma Ângela Davis, proporcionalmente as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que as brancas. “O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão” (2016, pg. 17).

As mulheres negras eram vistas como assexuadas pelos dominadores quando lhes interessavam a mão de obra nas lavouras, existiam apenas como unidades de trabalho escravistas. Contudo, como afirma Davis, “as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas pela postura dos senhores em relação às escravas” (2016, pg. 17), pesando, nesse momento, uma violência específica por serem mulheres. Crenshaw traz reflexões importantes sobre “diferenças que fazem a diferença” (2002, pg. 170). A autora trabalha o conceito de interseccionalidade a partir dessa observação de que todas as mulheres sofrem discriminação de gênero. Existem outros marcadores que as diferenciam, como idade, orientação sexual, classe, cor e etnia, que constroem fragilidades específicas a cada subgrupo.

Em *Identidade Feminina*, Sueli Carneiro traz uma questão primordial:

“Quando falamos que a mulher é um subproduto do homem, posto que foi feita da costela de Adão, de que mulher estamos falando?” Fazemos parte de um contingente de mulheres originárias de uma cultura que não tem Adão. Originárias de uma cultura violada, folclorizada e marginalizada, tratada como coisa primitiva, coisa do diabo, este também um alienígena para nossa cultura. Fazemos parte de um contingente de mulheres ignoradas pelo sistema de saúde em sua especificidade.” Pg. 191

A opressão de gênero tem também um viés colonial ao passo que, como traz Carneiro, o argumento religioso de violência simbólica contra as mulheres é cristão, que se desdobra em todas as áreas da vida como a política, a educação e a saúde.

## 6.1 A MULHER E O CUIDADO

As mulheres são as principais provedoras de cuidado quando se pensa nos setores informal e popular de assistência à saúde, e no profissional quando se pensa no cuidado direto, como enfermeiras. Mas quando se parte para grandes salários e alta profissionalização, a exclusão se aprofunda, são os homens os grandes cirurgiões, especialistas, proprietários e gestores no universo da saúde. A desvalorização da mulher, dos negros, indígenas e seus saberes historicamente é o resultado de todo esse processo colonial secular, como traz Manoel Tavares: “Assistiu-se a uma espécie de epistemicídio, ou seja, à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros” (2009, pg.183), inferiorização esta que se revela em todos os níveis, quer sejam territorial, financeiro, artístico-cultural e religioso.

Segundo Helman, as mulheres são as principais provedoras de serviços de saúde, normalmente as mães ou as avós diagnosticam a maior parte das enfermidades comuns e tratam com os materiais disponíveis, “estima-se que em torno de 70 a 90% da assistência à saúde concretizam-se nesse setor” (2003, pg. 72).

A mulher historicamente cuida da família, das plantas, da higiene, e a benzeção, sendo uma continuidade dessa rotina familiar, perpetua essa atividade de cuidado. Segundo Cunha e Gonçalves (2018):

Dentro das limitações que lhe cabiam, a mulher esteve sempre ligada ao âmbito da saúde. Até bem pouco tempo atrás, na década de 30, o parto era um evento feminino, comandado e dirigido por mulheres. De um modo geral, as parteiras, na sua imensa maioria, estão ligadas às outras formas de cura, como por exemplo, a benzeção. (pg. 35)

A educação para o cuidado é presente na vida da mulher desde cedo, com responsabilidades domésticas exclusivas, brincadeiras de bonecas e comidinha, estímulos para exercer profissões de cuidado, como a educação de crianças e enfermagem. Tornar-se uma rezadeira está dentro dessa ampliação do cuidado que se manifesta para além da família.

Ainda que não possamos aqui nos debruçar sobre o tema, mas destaco que a teoria do cuidado propõe uma transformação profunda da perspectiva social, já que cuidar é uma atividade na qual todos estamos inseridos, todos precisamos de cuidados durante a nossa vida, mas quem cuida? Qual a centralidade dessa atividade na nossa Cultura? A base da nossa ética é a justiça, e a teoria do cuidado busca trazer a construção do nosso pensamento para outro lugar, pensando não em mérito, mas em relevância para o coletivo. Como afirma Redondo, a teoria do cuidado coloca o trabalho do cuidado no centro de uma discussão sociológica com o objetivo de pensar a organização social de uma maneira distinta da atual. Ela busca destacar a sensibilidade associada a esse tipo de trabalho, as emoções e os aspectos políticos que o envolvem. (2015, pg.9). Como afirma a autora, as possibilidades de cuidado são diversas, há uma mistura de categorias comumente definidas como psicológicas (o cuidar de si), sociológicas (cuidar do outro), e, econômicas e políticas (cuidar do mundo)” (REDONDO, 2015, pg.8)

Mas de maneira geral a ideia de cuidado está associada à maternidade ou à enfermagem no âmbito profissional, logo, há uma construção feminina do cuidado. E nos ambientes religiosos e comunitários não é diferente, as tarefas de cuidar seguem sendo femininas, Sueli Carneiro nos fala das Ialodês, guardiãs da tradição Yorubá. (apud Werneck):

“para que a vida permaneça, líder comunitária que tinha como função zelar para que os interesses das mulheres e de toda comunidade fossem atendidos. Nos dias de hoje, outras mulheres possuem esta mesma tarefa. Somos quem zela pela comunidade, pela família, pelas crianças, que cuida dos doentes. Refazer trajetórias éticas significa também buscar a autoproteção, a proteção de nossas crianças e de toda a comunidade. Herdamos o axé de ser o que somos. E o legado que deixaremos para o futuro é fundamentalmente uma decisão nossa. A escolha é de cada uma de nós (...) Axé!” (2005, pg. 321)

Mas mesmo cuidando, ajudando a comunidade, as mulheres são muitas vezes julgadas e violentadas, são chamadas de bruxas e feitiçeras no sentido de diminuir seus saberes e seu poder.

## 7 SER OU NÃO SER FEITICEIRA

- Ai, o que você fez, sua bruxa?

Ele disse por brincadeira. Mesmo assim, aquela palavra me assombrou.

- O que é uma bruxa?

Percebi que em sua boca a palavra estava manchada de degradação. Como é isso? Como? A faculdade de se comunicar com os invisíveis, de manter um laço constante com os finados, de cuidar, de curar, não era uma graça superior da natureza a inspirar respeito, admiração e gratidão? Por consequência, a bruxa, se desejam assim nomear aquela que possui essa não deveria ser adulada e reverenciada em vez de temida?

Pg 43 - Eu, Tituba. A Bruxa negra de Salém, Maryse Condé.

A intolerância religiosa infelizmente também é um ponto comum entre nossas mestras. Mulheres tão cheias de histórias para contar e do desejo de serem ouvidas, mas que se sentem silenciadas, seja por pessoas das suas vizinhanças, seja por familiares. O silêncio se torna uma estratégia de proteção.

A palavra Feitiçera nunca teve um peso negativo para mim. Minha associação a essa palavra foi forjada a partir de filmes, livros e quadrinhos. Adorava *Sabrina, Aprendiz de Feitiçera*, sonhava com o dia em que minha carta chegaria para que pudesse fazer parte do mundo de Hogwarts (escola de magia e bruxaria da coleção de livros Harry Potter) e na adolescência me encontrava nas W.I.T.C.H, uma história em quadrinhos que contava as aventuras de cinco amigas, e cada uma tinha o domínio sobre um elemento da natureza. Então, nos meus planos infantis, desejava profundamente ser uma feitiçera.

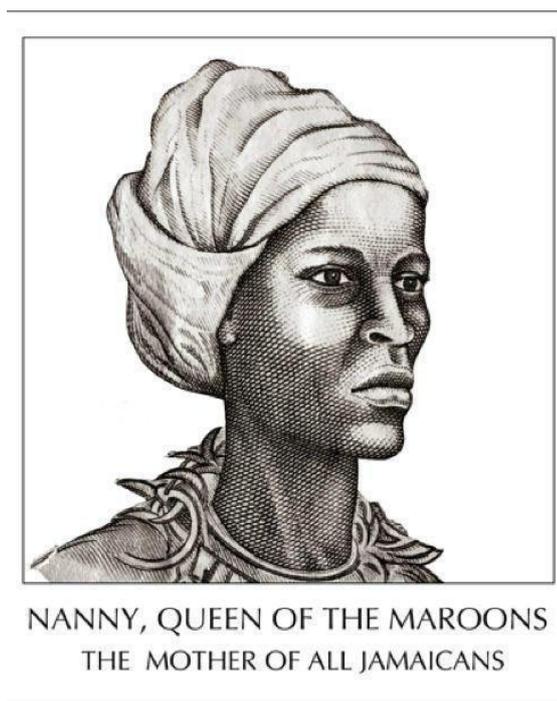
Porém, nas leituras e conversas até aqui, devido à intolerância religiosa, ao racismo e ao epistemicídio, a palavra “feitiçera” traz uma carga de medo e tristeza para as rezadeiras. Observa-se que as feitiçeras brancas das histórias internacionais são bem vistas, são fadas, mas quando a matriz indígena e afro-brasileira se mostra, a referência passa a ser negativa, demoníaca.

Mas não foi sempre assim, TedLock demonstra em *Mulher no corpo de Xamã*, a partir do relatório disponibilizado no site *Arctic Studies Center of Smithsonian's National Museum of natural History* em 2002, que “os xamãs siberianos eram com frequência mulheres, que também eram conhecidas por serem muito poderosas na vida espiritual.” (2008, pg. 38). Na Sibéria, as escavações mais antigas de túmulos xamãs datam do período neolítico, entre 1700 e 1300 a.C (...) Entre os quase cem túmulos preservados pelo solo permanentemente gelado havia um túmulo de pedra talhada, madeira e barbatanas de baleia que continha o esqueleto de uma mulher mais velha. Os antropólogos que fizeram a descoberta identificaram na sepultura muitos objetos que eram usados nas atividades da mulher, assim como máscaras mortuárias e representações relacionadas à cura, dança e a outros rituais xamânicos.

A autora traz muitos exemplos de mulheres parteiras e herboristas em diversas culturas em Java, Bali, Nepal, no Chile a maioria dos Xamãs mapuche são mulheres. Entre essas estão as jovens do povo shangana-tsonga, que vivem em Moçambique, elas tomam manto-de-cristo (*Datura fastuosa*) durante a cerimônia que celebra sua maturidade, a iniciante fica em uma esteira, preparando-se para sua “viagem”, mulheres mais idosas dançam em volta dela e contam sobre atravessar o rio para a vida adulta.

Em *O Calibã e a bruxa*, Federici fala sobre a presença de divindades femininas nas religiões pré-colombianas, demonstrando uma posição de poder das mulheres nessas sociedades, a autora afirma que no Peru “assim como em todas as sociedades pré-industriais, muitas mulheres eram “especialistas no conhecimento médico”, estavam familiarizadas com as propriedades de ervas e plantas e também eram adivinhas.” (2017, pág. 400)

Lélia Gonzales (2020), no texto *Nanny: Pilar da amefricanidade*, apresenta-nos a história de uma grande feiticeira, cuja figura ganhou uma grandiosidade simbólica e positiva para os jamaicanos.



**Figura 11** Nanny, Rainha do Povo Maroons

Gonzales inicia contando a história de uma comunidade de descendentes dos *Marrons*<sup>46</sup> na Jamaica, a Moore Town (um detalhe: a palavra vem de mouros, como sobrenomes comuns no Brasil, como Moraes e o sobrenome dessa pesquisadora, Moura). A autora pontua que “A maioria dos escravos que na Jamaica se tornaram *Marrons* era africana de origem Akan (sobretudo fântis e axântis) e cujas sociedades eram matrilineares.” (2020, Pg. 154). E é nessa tradição que nascem e se fortalecem narrativas sobre Nanny ou “Grandy Nanny”, uma grande líder e heroína para seu povo. “Ultrapassando os limites da mera liderança mortal, transformou-se em ancestral mítica originária de quem todos os marrons se consideram descendentes.” (2020, pg. 154)

Em alguns relatos da história oral jamaicana, Nanny se rebelou contra a escravização, liderando uma fuga, e com mais cinco irmãos foi para as *Montanhas Azuis* e fundou a Nanny Town, onde era possível chegar apenas em filas, o que fazia com que as tentativas britânicas de destruir a comunidade fossem frustradas muitas vezes. Nanny teria liderado a guerra contra os britânicos por quase 50 anos. Algumas narrativas contam esses embates. Em uma noite, Nanny acreditava que a luta estava perdida, eles estavam isolados e sem mantimentos. Porém, as vozes dos ancestrais falaram com nossa heroína para não desistir, e ao acordar, achou sementes de

<sup>46</sup> Os termos marronge (francês) e “marron society” (inglês) provêm do espanhol “cimarron”, todos significando o mesmo que “quilombo”. (GONZALES, 2020, pg. 154)

abóbora em seus próprios bolsos, que plantou ao pé de um morro. Em uma semana, as sementes brotaram e se transformaram em enormes abóboras, salvando todos da morte. Outra lenda conta a construção de uma armadilha, um caldeirão de folhas que ferviam permanentemente, mesmo sem haver fogo, em um local estratégico da passagem para Nanny Town. O caldeirão chamava a atenção dos soldados britânicos, que caíam dentro para nunca mais retornar.

Lélia traz a presença de Nanny também nas danças Kromanti:

“ritual de possessão cuja figura central deve ser especialista na dança e no conhecimento das ervas medicinais: o fete-man ou a fete-woman é possuído por um espírito ancestral maroon para efeitos de cura. Desnecessário dizer que, entre as fete-women, Nanny foi a maior de todas.” (2020, pg. 155)

Gonzales nos conta que a própria literatura inglesa da época se refere a ela como uma poderosa feiticeira, ou obeah-woman, mas evidenciando todo o seu preconceito e a deslegitimação. A autora traz a definição do Standard Dictionary of English Language:

1. Tipo de feitiçaria praticada por negros das Índias Ocidentais no sudeste dos Estados Unidos, ressurgimento ou reminiscência de ritos africanos, especializado em venenos e no poder do terror.
2. Encantamento ou amuleto usado nessas práticas de magia. Também chamado de obe, obeah.

Como afirma González, “Apesar do tratamento depreciativo dos ingleses (nós, mulheres, sabemos o que significa ser chamada de feiticeira, sobretudo no século XVIII), sua força de mulher guerreira nunca foi esquecida por seus descendentes.” (pg. 157). Ela é um símbolo de resistência e luta por liberdade. Em 1994 foi homenageada com seu rosto na cédula de 500 dólares jamaicanos.



**Figura 12** Rosto de Nanny na cédula de 500 dólares jamaicanos

Silvia Federici em *O Calibã e a Bruxa*, considera que a última execução de uma bruxa em território de língua inglesa tenha sido a de uma mulher negra escravizada, Sarah Bassett, morta nas Bermudas em 1730. Segundo a autora, nesse período a chamada bruxaria “estava se convertendo em uma praticante africana do obeah, um ritual que os colonos temiam e demonizavam por considerá-lo uma incitação à rebelião.” (2017, pág. 414)

Federici traz em sua narrativa como a caça às bruxas foi uma guerra contra as mulheres, usando a estratégia de dividir e dominar, destituindo-as de seu poder social e ao mesmo tempo construindo ideais burgueses de feminilidade e domesticidade. As amigas femininas tornaram-se objeto de suspeita, denunciadas no púlpito como uma subversão da aliança entre marido e mulher, da mesma maneira que as relações entre mulheres foram demonizadas pelos acusadores das bruxas, que as forçavam a delatar umas às outras como cúmplices do crime. Segundo a autora:

De um extremo a outro da Europa Ocidental, à medida que a caça às bruxas avançava, aprovavam-se leis que castigavam as adúlteras com a morte (na Inglaterra e na Escócia, com a fogueira, como no caso de crimes de lesa-majestade) e a prostituição era colocada na ilegalidade, assim como os nascimentos fora do casamento, ao passo que o infanticídio foi transformado em crime capital. (2017, pg. 334)

Ao que se relaciona a mulheres curandeiras, que eram presentes em toda a Europa, depois do Concílio de Trento (1545–1563), por exemplo na Inglaterra “em 1604, um estatuto aprovado por Jaime I estabeleceu a pena de morte para qualquer pessoa que usasse os espíritos e a magia, ainda que não fossem causadores de danos visíveis.” (FREDERICI, 2017 pg. 363)

Em *Eu, Tituba, a bruxa negra de Salém*, a autora constrói um diálogo entre Tituba, presa por bruxaria e uma mulher branca grávida, presa por adultério, as duas chegam à conclusão que não fazem parte da sociedade, que nenhuma das duas está de fato inserida a cultura que

teoricamente fazem parte. Para a autora, as técnicas de opressão usadas na Europa contra as mulheres enquanto grupo social, são exportadas e aprimoradas nos territórios coloniais, “justificando os massacres dos nativos americanos, qualificando-os de servos do diabo” (Federice, pg. 413).

Para os nossos povos originários, a ideia de demônio não existia, mas os colonizadores eram aficionados pela ideia de pecado. Em 1567, em um conselho eclesiástico realizado em Lima estabeleceu que os sacerdotes deviam:

“extirpar as inumeráveis superstições, cerimônias e ritos diabólicos dos *índios*. Também deviam erradicar a embriaguez, prender médicos-bruxos e, sobretudo, descobrir e destruir os lugares sagrados e os talismãs” Destruí-los ou proibir seu culto era uma forma de atacar a comunidade, suas raízes históricas, a relação do povo com a terra e sua relação intensamente espiritual com a natureza. Pg. 393

Esse sentimento relacionado ao título de feiticeira está presente em todas as falas até agora, e não foi necessário perguntar, o desabafo veio por si só. Dona Vilma me conta que não fala para as pessoas que é rezadeira, porque “chamam a gente de feiticeira, de bruxa macumbeira, ficam acusando a gente de coisas que a gente não é, e eu não vou ficar passando por isso”.

Dona Zezita não se esconde e sofre as consequências disso. Em uma de nossas conversas ela me contou de uma vizinha que a acusa de ser responsável por “sua vida estar parada”, acusa Dona Zezita de por ser feiticeira, trazer má sorte para todos os moradores da rua. Dona Zezita descobriu que esse foi um testemunho dado na igreja evangélica do bairro. Neste caso, Dona Zezita me contou rindo, me falando sobre quão absurdo aquilo era, que sempre desejou o melhor para essa vizinha, que estava só pois foi abandonada pelo marido. Apesar de estar sempre brincando, Dona Zezita sente medo da intolerância religiosa, na sala de sua casa há apenas santos católicos, os orixás ficam todos nos fundos para que poucas pessoas tenham acesso. Outro ponto demonstrativo do seu medo é que ela permanece em uma casa cheia de problemas estruturais porque acredita que ninguém vai querer alugar casa para uma mulher que é de santo.

Dona Antônia é uma rezadeira querida, mas que, por não rezar mais, acabou não continuando na pesquisa. Mas em conversas gravadas por seu genro, professor José Eduardo, ela conta que o julgamento da vizinhança a fez parar a benzeção por medo de represálias contra ela, pois chamavam-na também de feiticeira.

Nessas falas observamos o silenciamento dessas mulheres, a elas é imposta a necessidade do silêncio sobre seus conhecimentos e sentimentos, como já dito, Dona Vilma pediu para desmarcar nossa primeira entrevista porque uma irmã dela estaria na sua casa, e ela

não gostaria que ouvisse nossa conversa, por esta irmã dela ter se tornado evangélica e renegar as rezas.

Ao mesmo tempo receptiva e desconfiada Dona Vilma só falou sobre a reza nos momentos em que estivemos sozinhas. Ela me contou sobre a sua vida de rezadeira como quem contava um segredo, o mais rápido possível para ninguém ouvir sobre seu lugar de rezadeira. Ela me conta que mesmo há tantos anos morando em São Caetano, não contou para muitas pessoas sobre seu dom, algumas poucas famílias sabem.

Fui chamado de cordeiro, mas não sou cordeiro não.

Preferi ficar calado que falar e levar não.

O meu silêncio é uma singela oração.

Da minha santa de fé.

Mateus Aleluia

A professora Makota Valdina, em entrevista, traz uma contribuição importante para o significado de feitiço<sup>47</sup>:

Uma vez me chamaram para falar num simpósio etnobotânico e aí eu falei isso. Falei sobre Feitiço. Falam que nós, do candomblé e umbanda, das religiões afro brasileiras, que somos feiticeiros, daí eu disse que vocês, cientistas, também são. Vocês nos chamam de feiticeiros porque vocês não sabem decodificar o que nós codificamos, mas vocês são feiticeiros; por exemplo, eu pego uma bula do remédio, primeiro está numa letra mínima que eu quase que não consigo ler, depois se eu pego uma lupa e boto nessa bula, eu vou ler, mas tem termos que eu não entendo, isso para mim é um feitiço. Aí ficaram me olhando assim e bateram palma. Vocês também são feiticeiros.

Grande feitiço a gente vive. Nós vivemos arrodoados do grande feitiço. O maior feiticeiro foi Olorum, foi Zambiapungo, foi Maô, que botou um bocado de coisa que ele codificou e que a gente até hoje está tentando decodificar. Feliz de nós quando a gente fixa uma planta que serve pra isso, pra isso, praquilo, praquilo outro. É o bom feitiço.

Se no dicionário um dos significados de feitiço é “Que não é verdadeiro”. ARTIFICIAL, FALSO, FINGIDO, POSTIÇO”<sup>48</sup>. Makota Valdina nos ensina que feitiço é conhecimento, é saber que se tenta compreender e por vezes não se alcança. Feitiço é a narrativa que encanta.

## 8 A EDUCAÇÃO PELA EXPERIÊNCIA: O APRENDIZADO É INFINITO

<sup>47</sup> TPSPM\_Conexão| Professora Valdina Pinto "MAKOTA": FEITIÇO , CURA. Entrevista concedida ao projeto TPSPM em 25/02/2018 <https://www.youtube.com/watch?v=rHPDMMBOH0bc>

<sup>48</sup> "feitiço", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/feiti%C3%A7o> [consultado em 12-04-2021].

de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos.

"Posição 587" Torto Arado

Quando pensei inicialmente em pesquisar o processo de transmissão de saberes entre as rezadeiras e suas sucessoras imaginei algo semelhante ao que ocorre com a aprendizagem da culinária familiar. Como eu aprendi a cozinhar? Nem minha mãe e nem minhas avós nunca pararam um dia sequer para me dizer: hoje você vai aprender a fazer o almoço, ou me deram uma só receita por escrito. Contudo, faço arroz e feijão como minha mãe sempre fez, e pela convivência diária aprendi sem perceber. E, claro, conheci novos gostos, comida japonesa, mexicana, espanhola, árabe, e aprendi coisas novas e sei cozinhar pratos que minha mãe não aprendeu na sua trajetória. Ela aprendia novas receitas com Ana Maria Braga, eu aprendo por perfis no Instagram. O fato, contudo, é que eu me enganei, o aprendizado acontece dessa forma, de mãe para filha ou neta ou sobrinha, pela convivência, mas também de uma maneira muito mais complexa, e que mistura o mundo visível e o invisível, o mundo das plantas e dos animais, o plano dos vivos e dos mortos.

Antes de chegar nas rezadeiras e suas formas de ensinar e aprender, vamos passar a fazer um passeio histórico pela ideia de educação em diversos sentidos.

A partir da revolução industrial, do fortalecimento das atividades comerciais e o crescimento das cidades pós Idade Média fez-se necessário um ambiente para formar uma mão de obra mais especializada, e a escola se constituiu como um poderoso equipamento de controle social, de domínio do tempo e dos corpos, “A obrigatoriedade da frequência e as demais práticas escolares são alinhadas às necessidades sociais e econômicas vigentes na nascente sociedade capitalista industrial.” (FUSINATO e KRAEMER, pg. 21016)

Desta forma, a escola é uma instituição forjada no contexto das modernas sociedades capitalistas, como parte do projeto de organização do Estado-nação. Na periferia colonial, no entanto, sua implantação foi marcada pela exclusão de certos segmentos ou por sua inclusão perversa, como no caso do processo de catequização das populações indígenas.

Por um lado, foi exatamente essa segregação de negros e indígenas da educação escolar que permitiu a sobrevivência de conhecimentos ancestrais, como afirma Cavalleiro, ao povo negro foi negada a escola formal, então “nas formas individuais e coletivas, em senzalas, quilombos, terreiros, irmandades, a identidade do povo negro foi assegurada como patrimônio da educação dos afro-brasileiros.” (2006, pg. 16.) As comunidades afro-brasileiras resistiram e resistem, apesar de todas as violências, na relação com a ancestralidade e seus valores, as

religiões têm um papel muito importante na manutenção dessas culturas. Contudo o acesso ou não a escola também tem funcionado como a maior ferramenta de promoção da desigualdade social.

A escola no Brasil historicamente assume um caráter civilizatório, de colonização do pensamento, de valorização de epistemologias estrangeiras em detrimento dos conhecimentos tradicionais dos povos originários e da diáspora africana, como afirma Florestan Fernandes, a escola busca “desenvolver aptidões e um estado de espírito que dá, ao brasileiro letrado, a convicção de que ele não está à margem da "civilização" e do "progresso". (1977, pg. 417). Como afirma Dussel, a escolarização ajuda a construir “máscaras nas quais se retrata o rosto do centro, esta elite ignora sua cultura nacional, despreza igualmente sua raça, aparenta ser Branco, fala em inglês ou francês, veste-se, come e mora como no centro. Resíduos da História.” (1977, pg. 99)

Nossas protagonistas deixaram cedo o ambiente escolar, Dona Zezita tem somente o primário, pois se casou com apenas 14 anos e Dona Vilma e Dona Gegé terminaram o colégio, mas em seguida se casaram e a família tomou o seu lugar, nas palavras de Dona Gegé, “Ó gente, eu não estudei muito não, eu comecei a fazer o segundo grau, mas me casei, engravidei, e me lasquei, não fiz mais nada”. Letícia já comentava comigo como sua vó (D. Vilma) acabava por deslegitimar seu próprio saber, dizendo que não era importante, que ela não tinha estudo, e que não havia conhecimento para ser deixado, então, que não havia sentido em pensar em uma sucessão. Ouvi muito das minhas avós e da minha mãe esse autojulgamento por não haver permanecido na escola, minha avó Isabel mesmo com o Alzheimer já avançado costumava repetir que “sempre foi ruda”, com uma carga de tristeza por não se sentir inteligente, mesmo sendo uma mulher de muitos saberes e pensamento rápido.

Os séculos foram passando e a evasão escolar ainda é um grave problema no Brasil e muito dessa situação advém do fato, como alerta Fernandes, que as “instituições escolares não se ajustam, nem estrutural nem funcionalmente, às exigências específicas da porção da sociedade total a que se destinam” (1977, pg. 417), o que gera, portanto, esse sentimento de não pertencimento das pessoas nos ambientes educacionais. Quase metade dos homens negros, de 19 a 24 anos, não concluíram o ensino médio, segundo o IBGE. Entre mulheres negras, o índice chega a ser de 33%.

Importante pontuar que não se questiona aqui a relevância da escola para crianças e adolescentes do Brasil, a escola é também um espaço de sociabilidade, proteção e garantia de direitos. Esse trabalho visa colaborar para uma escola mais democrática, e o fortalecimento da educação escolar quilombola, indígena e camponesa.

Contudo, a escola é apenas um dos múltiplos espaços de aprendizagens que a vida nos oferece. A autora Maria Glória Gohn nos traz uma demarcação bastante elucidativa das distinções entre educação formal, não-formal e informal.

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (2006, pg. 28)

A autora demonstra que na educação informal, a que mais nos interessa aqui, o aprendizado acontece no contexto da vida do indivíduo, nos múltiplos espaços de pertencimento; logo, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, espaços religiosos, os meios de comunicação de massa, ou seja, todas as fontes de informação e exemplo de conduta, e os seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências ou pertencimentos herdados. (GOHN, 2006)

A educação informal é a não organizada, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiência anteriores, é o passado orientando o presente. Ela atua no campo das emoções e sentimentos e é um processo permanente (GOHN, 2006). Dentro dos processos da educação formal, espera-se, sobretudo, que haja uma aprendizagem efetiva, que é medida, testada e certificada a cada período de tempo, seja semestre, ano escolar ou titulações como mestrado e doutorado; já na educação informal, os resultados não são esperados, “eles simplesmente acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum nos indivíduos, senso este que orienta suas formas de pensar e agir espontaneamente.” (GOHN, 2006, Pg. 30)

Larrosa critica a comum síntese da educação como a relação entre ciência e técnica ou entre teoria e prática “Se a par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, a par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica” (2002, pg.20). O autor discute a perspectiva da dualidade entre experiência e informação, vivemos em um momento em que o Google pode nos responder qualquer coisa, temos informações dos quatro cantos do globo, mas quais delas vamos lembrar daqui um ano? Quantas histórias nos tocaram? Um livro,

uma aula, uma viagem, uma conversa pode nos trazer novas informações, mas quanto tempo seria necessário para que, de fato, haja um aprendizado transformador?

A experiência, para Larrosa:

“requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (2002, pg. 24)

É importante pontuar que assim como na educação informal, a experiência não tem um objetivo específico predeterminado, um começo e um final, se trata de entender a vida integralmente como espaço de aprendizado. Para Larrosa “O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana.” (LARROSA, pg. 26),

Walter Benjamin, entre tantos temas, também construiu reflexões sobre a ideia de experiência. O autor irá separar a experiência em científica, de choque e a que mais nos interessa aqui, a experiência tradicional. A experiência científica se assemelha à tradicional por se basear em tentativas, erros e acertos, mas difere por “se configurar como um saber racionalizado, sistemático, pretensamente objetivo e denotativo” (MORAIS, 2017). Já sobre a experiência do choque, Benjamin trata como exemplo a experiência dos soldados que voltam da guerra “em silêncio”, “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos.” (BENJAMIN, 1933, p.2), pois a experiência da guerra é individual, por mais que muitos livros falem sobre ela, nunca será possível transmitir boca a boca, ou geração a geração e os soldados sabem, então se calam.

Já na experiência tradicional, Benjamin irá nos falar sobre uma vivência individual, mas que pela narrativa aliada ao exemplo se transforma em uma lição que pode ser passada por gerações. E Benjamin argumenta com um exemplo:

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho (Experiência e pobreza, 1933, pg.1).

São mensagens que são transmitidas durante toda a vida, e que precisam de tempo para serem compreendidas, como no conto trazido por Benjamin. O pai fala de forma metafórica sobre um tesouro, que existe, mas não é feito de ouro, o tesouro é a própria vida. Provérbios,

parábolas, contos, conselhos aparentemente genéricos são muito comuns na sabedoria popular, narrativas que fazem parte do nosso subconsciente, mas que só fazem sentido quando a situação real se coloca em nossa frente.

Quantas vezes nós já adultos nos flagramos com as seguintes frases, “como diria minha mãe”, “já dizia minha vó”, “um professor uma vez me disse”, “minha amiga fulana é que tinha razão”. Observamo-nos repetindo gestos, palavras e ações dos que vieram antes de nós. O autor fala em “palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração” (BENJAMIN, pg. 1)

As rezadeiras são também um exemplo desse tipo de aprendizagem. É bastante curioso como muitas receitas são indicadas pelas três, Dona Gegé, Dona Vilma e Dona Zezita, mesmo as três não se conhecendo, sem nunca haverem se cruzado e não existir um curso profissionalizante para rezadeira.

Larrosa “Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (2002, pg. 27). No saber da experiência não se trata do que é verdade ou mentira, certo ou errado, mas o sentido que cada acontecimento vai ganhando nas nossas vidas, o que vamos de fato aprendendo em nossas jornadas.

Como propõe nossa grande referência Paulo Freire, enquanto seres humanos somos “programados para aprender”, porque lembramos do nosso passado e conhecemos a existência do futuro, então, “onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender” (2000, Pg. 39).

Dona Gegé, Dona Vilma e Dona Zezita registram uma linhagem materna referente ao seu ofício como rezadeira, Dona Gegé afirma que com a velhice de sua mãe foi ocupando seu lugar. Dona Zezita teve que substituir cedo sua mãe para cuidar dos irmãos e Dona Vilma dos sobrinhos. Todas nasceram e cresceram ao redor do mundo das plantas, das orações e da magia e isso era bom, mas embora todas pontuam esse aprendizado perene do nascer até hoje, episódios específicos marcaram a entrega de cada uma ao caminho que trilham até hoje.

Dona Gegé conta que embora já rezasse seus filhos mais velhos e outras pessoas, foi o nascimento de Tiago, seu filho caçula, que trouxe uma virada de chave e uma consciência de usar seu dom para ajudar o próximo. Ela começou a sistematizar os conhecimentos, anotando as rezas que ia aprendendo e fazendo em seus filhos e vizinhos. Tiago nasceu com síndrome de down e Dona Gegé teve dificuldade de aceitar esse fato, foi um período de muito sofrimento. Ela conta que ele tinha dificuldade para mamar, que não rolava na cama, que teve dificuldades para caminhar e falar:

- “aí eu comecei a rezar Tiago e comecei dar banho em Tiago e tome chá em Tiago, eu fazia tudo tudo que me ensinava eu fazia em Tiago e ele tá aqui hoje, é meu companheiro” foi a partir daí que eu comecei a me interessar pelas rezas, eu já tinha interesse mais tava nem aí, né? A gente nova não tá nem aí, mas depois que vieram os filhos, aí eu comecei mesmo. A maioria da gente né, é SUS, eu estou aqui, a gente tem um planozinho quando Deus permite ter condição de ter, então, enquanto isso, vocês vão tomando esse remédio.”

Dona Zezita também observava sua mãe rezar desde pequena, contudo seu primeiro marido Dorico abominava qualquer atividade que se aproximasse de “macumba”. Ele era um grande feirante, proprietário de muitas barracas na feira das Sete Portas, porém em um dado momento suas hortaliças e frutas começaram a apodrecer inexplicavelmente. Após certa relutância, ele percebeu que de fato essa questão precisaria ser resolvida no plano espiritual, assim ele aceitou que ele e Dona Zezita deveriam ir ao centro de umbanda do seu bairro. Os trabalhos de proteção foram feitos, Dorico permitiu que Zezita aperfeiçoasse seus dons, e com o passar dos anos ela passou a ter mais responsabilidades no terreiro, até liderar sua própria casa, o Ilê Iemanjá Ogunté.

Dona Vilma também tem sua virada quando a saúde de uma filha esteve em risco.

minha menor tava muito doente, os médicos não entendiam, ai esse cigano me deu uma garrafada e fez prometer que não ia contar para os médicos, porque ela seria curada e eles iriam perguntar e assim aconteceu”, dona Vilma me conta que a menina começou a melhorar tomando a garrafada misteriosa dada pelo vendedor de folhas, e que não contou aos médicos que ela havia medicado a filha com remédios alternativos.

Rabelo e Santos (2011) pontuam duas dimensões do aprendizado, no caso das autoras, especificamente em relação ao candomblé: “seu caráter processual, ou mais especificamente o transcurso temporal pelo qual um certo saber ou prática é apropriado, memorizado ou dominado de forma competente; e as relações que são desenvolvidas neste transcurso e que possibilitam o aprendizado.” (Rabelo e Santos, 2011, pág. 188). Mas, podemos trazer o paralelo para o conhecimento tradicional de forma geral, já que vemos a importância da memorização das rezas, ladainhas e receitas, mas também a importância de cada encontro que vai construindo a trajetória de casa rezadeira, como afirmam as autoras uma união entre percepção e ação.

## 8.1 SE APRENDE COM TODOS E COM TUDO, ESPECIALMENTE COM O AMOR:

"Sabia que para um pé crescer forte tinha que se fazer a limpeza todos os dias, para que não surgisse praga. Precisava apurar ao redor do caule de qualquer planta, fazendo montículos de terra. Precisava aguar da mesma forma, para que crescesse forte. Meu pai, quando encontrava um problema na roça, se deitava sobre a terra com o ouvido

voltado para seu interior, para decidir o que usar, o que fazer, onde avançar, onde recuar. Como um médico à procura do coração." "Posição 1050" Torto Arado

É na convivência com quem cuida das pessoas, mas também do ambiente em geral, que se aprende que os animais e a natureza também ensinam e que somos apenas uma parte dela e não seus donos. Nossas rezadeiras têm em comum o amor pelas plantas e uma dedicação às mesmas, então não se trata de usar as plantas para a cura, mas também de nutri-las e cultivá-las. Durante essa pesquisa ganhei várias plantas, mudas que não foram compradas, mas vem do compartilhamento dos seus jardins. A gente aprende que existe a hora de tirar a planta, que é preciso pedir sua autorização, para que ela ajude a pessoa em sua melhora, que a observação dos animais ensina qual planta pode ou não ser alimento, os animais sabem quais plantas são tóxicas e nos mostram com seu exemplo. Cresci aprendendo com meu pai que o gado não come a folha de mandioca depois que o sol começa a esquentar, pois sabe que será envenenado. Rabelo e Santos propõem a ideia de educação da atenção via engajamento ativo no ambiente, e reforçam que este inclui a presença de entidades ou seres diversos: outras pessoas, objetos, animais etc.

E essa conexão com o natural só faz sentido com amorosidade, como apontam Amorim e Caloni, a partir da prática e teoria de Paulo Freire, a educação pelo afeto deve nos ligar à Terra “Nós, humanos, amamos o nosso mundo?” (1977, pág. 384). Será que amamos a completude do nosso mundo “onde animais, vegetais, protozoários, mares, oceanos, rios, atmosfera, enfim, o conjunto de seres bióticos e abióticos convivem em um movimento incessante de ordem, desordem, interação e (re)organização?” (AMORIM e CALONI, 1977, pág. 384).

Como é possível observar na narrativa a seguir, Dona Gegé demonstra que a cultura da reza é a cultura de uma amorosidade que se expande, para além de amar ao próximo como a si mesmo, é necessário amar o mundo:

- A natureza... é natureza, Terra mãe, dá tudo para gente, né? Deus deu tudo para gente, é cada fruta com seu cheiro, cada fruta com seu sabor, com sua cor, com seu formato, as flores cada uma é de uma cor, cada uma florzinha pitititica que tem, eu fico andando por aqui, pelos matos, quando você vem aqui nos caminhos vão ver, agora tem até muito lugar já calçado, mas eu quando eu vou andando no mato eu fico olhando para o chão assim. Aí eu saio com minha irmã lá na ilha em Coroa, ela fica, “bora Gegé”, aí eu fico “Pera aí, que eu tô aqui, parei para ver uma florzinha deste tamanhito.” Eu paro pra ver e eu admiro, porque é natureza, então, quando a gente for tirar uma folha para rezar, vocês, sempre que você tiver oportunidade de tirar no mato ou em alguma árvore, peça licença porque nesse mundo de Deus, tudo que ele criou tem um dono, tem um dono, e o dono é Ele, né? Nós somos filhos do dono do mundo, Deus é o dono do mundo e nós somos filhos dele e tudo que ele coloca para nós usar nós temos que pedir licença, a gente quando vai na casa de alguém que a gente nunca foi você, não pede licença? dá licença, né, educadamente, e por que que a gente vai chegar em uma plantinha que tá ali na beira da estrada e vai metendo a mão vai arrancando? Será que o dono dela vai gostar que você

faça isso? Tem que dizer, me dê licença, só tô pegando aqui essa folha que é para fazer um chá. Eu mesma quando eu vou tirar, eu já converso com a planta, “eu quero que você me ajude em nome de Deus, a curar a dor, isso e isso que fulano de tal” Eu aqui, eu acordo, eu dou Bom dia minha flor, Bom dia minhas coisa linda, bom dia meus amores, Bom dia minhas plantas, e fico doida com minhas plantinhas, amo minhas plantinhas, mas eu fico aqui conversando com elas e aí no dia que eu Deus permitir que vocês vieram aqui vocês vão ver, não tem muita coisa não, mas tem um bocadinho assim, tudo com carinho e amor.

E como seres humanos, integramos a natureza, não somos separados dela, logo essa amorosidade precisa ser a base da racionalidade prática das relações humanas. As rezadeiras nos ensinam o que Laplantine (1991) também conclui: a questão da saúde precisa estar ligada ao bem-viver, para além de uma guerra contra a doença, mas a ideia de uma sociedade globalmente terapêutica, na qual a preocupação da doença se reproduz em várias camadas da sociedade, como, por exemplo, no movimento ecológico, mas também nas artes, na literatura. E é assim na reza, os saberes populares vêm junto ao cuidado. Uma rezadeira, curandeira ou curador, quando passa a receita de um chá, um banho ou uma oferenda, eles estão passando também o conhecimento enquanto cuidam, enquanto oferecem afeto e amor. Como ensina Dona Gegé, o sentimento oferecido junto com o chá tem um grande poder de curar:

- e aí eu quero que vocês estejam aprendendo isso, até quando vocês fizer um chá para vocês beberem é muito importante você, fez teu chá, botou no caneco, coloca a sua mão em cima do caneco, não precisa tampar, é a energia da sua mão que vai passar pra esse chá, e aí você faz um Pai Nosso e pede a Deus que aquele chá, que a dona daquelas ervas, o dono, ajude a curar a dor de alguém que tá com aquele mal e quando você faz isso, você faz aquele chá, você já tá botando seu amor, seu carinho, você já tava botando uma prece para ajudar.

Tantas palavras, autores, ideias e argumentos para dizer que devemos ouvir e aprender com o corpo e o tempo. As respostas mágicas e imediatistas, sejam da religião, sejam da ciência ou da tecnologia são ilusórias. Nosso corpo também é cheio de conhecimento, para além de remédios e seus efeitos colaterais, e além das religiões e suas condutas severas. Entre os cânones, como diz Laplantine (1991), a missa e o consultório existem muitos saberes e descobertas.

## 8.2 REZADEIRAS-PESQUISADORAS

A pesquisadora Lewitzki, em sua dissertação de mestrado, denomina suas interlocutoras de rezadeiras-pesquisadoras; ela também observa em seu trabalho de campo essa característica comum em suas personagens, de estarem sempre em processo de aprendizagem: “As benzedoras são pesquisadoras de longa data e com elas aprendi muitas formas de abordar certos

assuntos e pessoas, como comportar-se em campo, como introduzir temas de conversa, qual o rito que se segue em uma visita.” (LEWIZKI, 2019, Pg. 34)

Brandão quando pensa a educação popular, também observa que não existe começo e final para o aprendizado, e que os processos formais e informais se delimitam e se misturam todo o tempo. Se por um lado existe uma apropriação por parte das elites das culturas periféricas, por outro sempre que possível as camadas subalternas buscam aprender e dominar os conhecimentos ditos eruditos, principalmente ligados às tecnologias. “Há um processo contínuo de expropriação erudita de segmentos do saber popular (isso acontece todos os dias nos domínios da música, das artes em geral, da religião)” (2017, pág. 16) E por outro lado as camadas populares buscam assimilar conhecimentos eruditos que façam sentido à sua realidade.

Essa relação é cheia de tensionamentos e passa pela luta de classe, de gênero, por questões raciais e de nacionalidade, então ao passo que é inegável a violência simbólica sofrida pelos agentes de práticas populares, é inegável também a resistência desses saberes. Para Brandão, “um saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) subalternas da sociedade desigual”. (2017, pg. 16). A educação popular se define como a forma com que esses grupos transmitem seus aprendizados e experiências para outras pessoas dentro das práticas sociais, do cotidiano.

Durante meu processo de pesquisa observei o mesmo que Lewizki, o profundo desejo de seguir aprendendo, personalidades essencialmente curiosas e comunicativas, uma curiosidade que vem da infância e as acompanha por toda vida, como exemplo disso Dona Gegé conta como conheceu as funções da Ora pro Nobis (*Pereskia aculeata*):

- Esse Oraí pro Nobis eu vim conhecer ele tem uns 4 anos, eu fui na casa de um senhor e eu cheguei lá eu fiquei olhando assim as plantas em volta, aí falei, essa planta serve para quê mesmo, hein? é bom, é?! porque eu sou muito curiosa aí quando eu vejo uma folha eu vou perguntando né?

Já Dona Vilma explica que apesar de ter aprendido a rezar com sua mãe e irmã mais velha, a maioria do seu conhecimento sobre as folhas ela aprendeu com um vendedor de folhas da feira de São Joaquim, ao qual ela se refere como cigano, conta que sempre que ia na feira observava e perguntava muitas coisas como as serventias de cada folha, das garrafadas, dos banhos: “eu ficava muitas horas na barraca dele, ouvindo o que ele indicava para as pessoas, fazendo perguntas, tinha gente que achava que a banca era minha”, ela conta rindo desconfiada.

Dona Zezita também busca se aprimorar e aprender sempre, um dos seus bordões é: “É a ignorância que atravanca o progresso.” Em sua casa existem diversos materiais como revistas

espíritas, umbandistas, recortes de jornal, cadernos de anotações, apostilas. Hoje, por exemplo, ela trabalha com reiki, atende de forma remota e receita vídeos do YouTube, busca fazer parte do seu tempo em muitos sentidos. Um momento que me chamou bastante atenção foi seu desejo de saber aconselhar melhor seus filhos gays e acreditar que eu poderia lhe ajudar nesse assunto:

- Eu não sei aconselhar porque na minha época tinha o papel do homem muito claro, de provedor, que trabalha fora, do que é um bom marido, mas no caso de duas mulheres, eu fico sem saber como ajudar. Me ajude, meu Curumim a entender mais, o que eu digo a ela?

Existe uma abnegação, uma enorme solidariedade no comportamento de Dona Gegé, Dona Vilma e Dona Zezita. Como trazem Rabelo e Santos “É preciso cultivar uma atitude ou disposição à discrição, à obediência e à dedicação.” (2011, pg. 198) Dona Zezita sempre diz: Quem não nasce para servir, não serve para viver.

Assim como a ideia de cuidar, a ideia de servir também foi sistematicamente desvalorizada na cultura patriarcal supremacista branca capitalista imperialista, como afirma Bell Hooks, “como estratégia de manutenção da subordinação, a cultura do dominador intencionalmente degrada essa ação, tendendo a considerar indignas e inferiores as pessoas que servem.” Hooks, Bell. (p. 133). 2021

Nossas rezadeiras são dissidentes dessa construção social e fazem do servir sua revolução. Quando perguntei à Dona Zezita sobre o futuro ela fala em seguir aprendendo:

- O que eu quero é aprender mais umas rezinhas, conhecer mais umas plantinhas, conversar com as pessoas, isso que quero da minha velhice e ficar com minhas bonequinhas, não tive infância, só trabalhei.

### 8.3 APRENDIZADO ALÉM DA VIDA

Sem dúvida o aspecto mais forte desse projeto para mim é a percepção que o processo de aprendizado acontece através do contato direto com a espiritualidade. No início desse trabalho eu pensava muito em registrar, guardar o conhecimento, desejava ajudar a esses saberes a sobreviver, algo como disse Larissa: “penso muito em como vai ser quando minha vó desencarnar, é tanta sabedoria, penso que é como queimar 10 mil livros originais, conhecimento que está ali e que nunca mais ninguém vai ter acesso.” Contudo não é assim que a roda gira, as entidades, os sonhos e a intuição também ensinam.

As três apontam a participação direta da espiritualidade no seu conhecimento, Dona Gegé conta, por exemplo, que o uso da Angélica do sertão lhe foi concedido em sonho: “sonhei

com um homem me dando a folha, ele disse ‘aqui sua folha pra você tomar seu chá e ficar bem para pressão.’ Em outro momento ela me conta de um vizinho, um homem grande que estava com a coluna travada e foi procurar socorro em sua casa.

- Eu pensei, meu Deus, eu vou fazer o que com um homem desse tamanho? Mas a espiritualidade é maravilhosa, peguei uma cadeira, botei ele sentado, ele falou que não conseguia e eu disse consegue sim! Imagina só! Peguei as pernas desse homem comecei assim a mexer, levantei e ele ai ai ai ai, botei ele deitado, coloquei um emplastro, ele saiu de lá muito melhor. Mas é isso, não é que eu saiba exatamente o que fazer, mas a pessoa vem pedir um socorro, parece que toma conta de mim um espírito mesmo e eu faço o que precisa ser feito.

Dona Vilma é a que menos se demonstra aberta para o contato direto com outros mundos, mas explica que também apenas sente qual a necessidade de cada uma das pessoas que chega até ela, quando perguntei sobre a metodologia da reza ela respondeu:

- A reza é “Com dois te botaram, com três eu te tiro, com os poderes de Deus e da Virgem Maria”, passa a folha pedindo a Deus que tire tudo que for de ruim, que for de mal, olho gordo, inveja e rezando pai nosso, ave maria, santa maria, e volta começa tudo de novo. A gente sente quantas vezes a pessoa tá precisando, só de olhar eu sei que pessoa tá ruim mesmo, a reza é pela vontade da gente”.

Já Dona Zezita, ela realmente vive entre dois mundos, quando a conheci era um pouco difícil compreender quando ela falava com o povo daqui e quando ela falava com o povo de lá. Muitas vezes ela não se lembra de coisas que falou e sempre justifica com, “é, às vezes não sou eu que tô falando não”.

Em nossa primeira entrevista, quando perguntei “como a senhora aprendeu as rezas, as coisas que a senhora sabe?” Ela respondeu com um ar um tanto impaciente: “Oxe, eles mesmo que me ensina”. Eu continuo: Eles quem, Dona Zezita? E ela: “Os espíritos, as entidades, os caboclos.” No momento não fez muito sentido para mim, mas com a convivência as mensagens se tornam cotidianas, é comum que Dona Zezita passe algum tempo recolhida em sua casa, e justifica porque “tô aqui no cantinho da disciplina”, quando o Santo, seu pai Ogum a pede para cuidar do seu quarto, das suas coisas ou permanecer em reflexão, como trazem Rabelo e Santos “as entidades não apenas castigam, mas disciplinam, dobram a natureza de seus filhos.” (2011, pg. 197). Dona Zezita sempre fala: “tenho vidência, tenho santo, tenho orixá, que fala comigo 24h”. Quase dois anos depois, na minha primeira entrevista com Dona Zezita, Logun Edé me mostrou do que ela estava falando, que para além de sonhos, visitas espirituais, as entidades vinham diretamente deixar seu recado.

Fomos à casa de um casal de amigas, Dona Zezita e Lari chegaram primeiro e cheguei depois. Assim que cheguei percebi que uma das meninas estava com uma expressão estranha, mas não me atentei a isso. Antes que eu entendesse o que acontecia Dona Zezita falou:

- Segura ela aí para ela não cair.

Percebi que havia uma nova visita para nós:

- Agô de misericórdia, Agô. Seja bem-vindo. O senhor quer alguma coisa? Quer falar alguma coisa? Qual o seu nome?

- Café, pó de café com um pouco de água

A entidade recebe a cumbuca com café úmido e começa a desenhar no chão

Dona Zezita pede para trazer um papel para copiar o desenho para que Patrícia, o cavalo, possa ver depois que voltar a si, Lari entende a ordem, e pega uma agenda e um lápis. Dona Zezita ri das nossas caras sérias e fica dizendo que tava bom as 3 ekedis.

Dona Zezita segue procurando entender a razão da visita:

Agô de misericórdia, Agô. Seja bem-vindo. O senhor quer alguma coisa? Quer falar alguma coisa?

A partir do desenho ela entende que se trata da visita de Logum Edé, o desenho mostra uma união do arco e flecha de Oxossi e do espelho de Oxum.

Logum Edé começa a deixar seu recado:

- Tem gente que quer entrar na casa, não entra na casa, mas quer entrar na casa, não pode entrar.

- Gente que quer fazer mal?

- Sim, não pode aceitar presente da rua, não pode trazer nada da rua.

- É gente do trabalho?

- Sim, é do trabalho. Quer entrar pra fazer mal.

- É homem ou é mulher?

- São várias pessoas, mas é mais mulher.

Todas essas perguntas eram feitas por Dona Zezita, que falava pra Maria\*<sup>49</sup> perguntar, porque a entidade estava falando dela e com ela, mas Maria parecia um pouco assustada e disse que ela podia seguir perguntando.

- Fala Maria, ele quer falar com você.

- Eu não sei o que perguntar, não.

A entidade responde:

---

<sup>49</sup> \*Para efeitos de preservação de algumas pessoas entrevistadas e mencionadas ao longo deste trabalho, alguns nomes foram substituídos por pseudônimos, nos termos assegurados pelo artigo 19 do Código Civil Brasileiro.

- Se não perguntar eu vou embora.
- Maria diz: pode perguntar Dona Zezita.
- O senhor tem mais alguma coisa pra dizer?
- Tem que dar banho na casa.
- Anota aí tudo. Banho de que?
- Danda, água de alevante
- Miúda né?
- Dandá, água de alevante miúda
- Cozido e macerado?
- Dandá, água de alevante, casca de cebola
- Quanto tempo?
- 3 dias

Dona Zezita instrui Larissa a anotar tudo e incluir seiva de alfazema à receita.

A entidade se vai e Pati volta exausta, colocamos ela em uma cadeira. Fico em pé apoiando a cabeça de Pati na minha barriga e acariciando sua cabeça. Dona Zezita ri de novo e diz:

- Você quer o que aí com a mão no mutuê? Ah, pronto! Tá com pena do cavalo.
- Ô Bichinha véa, cansa...
- Oxê, tem mais gente querendo vir, pelo menos mais um dez.
- Faz isso comigo não, Dona Zezita, pede Pati
- E sou eu, é? Seja bem-vindo quem quiser chegar...

Dona Zezita riu bastante de mim, dizendo que eu quero fazer mestrado nas rezas e não quero conversar com meu povo. Em seguida recebemos outra visita, um Exu, que trouxe um recado para cada de uma de nós.

Para Lari: - Você é muito forte, você grande, não deixe ninguém diminuir você, tirar seu valor.

Para mim: Tenha fé, não duvide da sua fé, você é forte e eu estou aqui, é só me chamar que eu venho para te acudir, não tenha medo de me chamar.

Para Maria: Você tá deixando todo mundo mandar na sua cabeça, você precisa retomar as rédeas da sua vida.

Depois desse momento a entidade se vai e Patrícia volta e Dona Zezita começa a conversar com a gente e a nos explicar o que aconteceu e também orientar Patricia.

- Eu não vejo essa agonia das pessoas, não tem coisa mais gostosa que uma resenha com um preto velho? Tão tranquilo, o banquinho é esse mesmo, o pote, ter um café, um cachimbo, pronto, o evangelho de vocês precisa abrir passagem para entidades, é tão maravilhoso... Tão bonito... Pedir a benção, ouvir as mensagens que eles trazem, conversar.
- Patrícia explica: - a minha preta velha precisa de uns panos pra cobrir as pernas, um café com borra sem ser coado e sem açúcar e um charuto.

Dona Zezita orienta que não há o que temer, que precisa preparar o ambiente e ouvir o que a entidade precisa dizer, seja um pedido ou oferecimento de ajuda, ou apenas uma conversa.

Tituba, heroína da ficção escrita por Maryse Condé ao se mudar para um país estranho recebe o apoio de um espírito, a velha Judah, que a ajuda a se manter viva nesse novo lugar:

A velha Judah me indicou o nome de cada planta e suas propriedades. Eu anotei de cabeça algumas receitas que ela me revelou. Todas as feridas podem ser curadas com emplastos de folha de couve e as bolhas, com purê de nabo cru. Para todos os tipos de diarreias: três vezes por dia, infusões de amora. Pg. 85

Tanto na narrativa ficcional quanto na experiência narrada se evidencia um processo de aprendizagem a partir de uma ligação espiritual feita de forma muito direta, sem rodeios ou metáforas. Como trazem RABELO e SANTOS:

O papel de “zelador de orixá” (termo antigo, pelo qual muitos ainda se definem) exige deles também a habilidade de ouvir e aprender com as divindades. Seus orixás deixam-lhes recados ouvidos e posteriormente transmitidos para as equedes, instruções sobre festas e procedimentos. Os orixás de seus filhos indicam suas preferências, ensinam como desejam ser cuidados. (2011, pg. 198)

Mas ao mesmo tempo existem entidades que precisam, nas palavras de Dona Zezita, serem doutrinadas. Ela explica que “Os Exus e as Padilhas podem ser entidades viciosas, podem exagerar na bebida, gerar confusão, mas aí são entidades não doutrinadas.”

Quando recebemos a visita de um Exu, Dona Zezita, repetia para a entidade que era sua Yaya, logo que esta lhe devia respeito. Como trazem RABELO e SANTOS:

Ialorixás e babalorixás têm, assim, a difícil tarefa de educar não só seus filhos de santo como também as várias entidades que fazem parte da vida do terreiro. (...) Na dinâmica do aprendizado as posições são móveis, o conhecimento flui em várias direções, frequentemente invertendo as posições de aprendiz e instrutor.” (2011, pg. 198)

Outro aspecto da infinitude do aprendizado para as pessoas adeptas da umbanda é que a vida material se encerra, mas não a espiritual.

Pois, viva ou morta, visível ou invisível, eu continuo a cuidar e a curar. Mas, sobretudo, fui designada a outra tarefa, ajudada por Iphigene, meu filho-amante, companheiro da minha eternidade. Alentar o coração dos homens. Alimentar seus sonhos de liberdade. De vitória. Não há uma revolta que eu não tenha feito nascer. Uma insurreição sequer. Uma desobediência. Pg. 244 Eu, Tituba

A frase: “Eles combinam de nos matar e nós combinamos de não morrer” passou a ter um outro significado pra mim, por entender essa concepção de que a morte física não é o fim.

Uma de suas filhas-sobrinha era sua sucessora natural, Aline era ligada a espiritualidade, ajudava dona Zeza, era inteligente, foi a primeira a cursar uma graduação da família, contudo, um câncer de mama interrompeu o que parecia o trajeto sucessório natural. Dona Zezita fala muito de Aline, e com Aline, a chama de estrelinha, e busca muito seu apoio.

Em um momento mudei um retrato de Aline que tem em casa de lugar, durante a faxina coloquei o retrato em outro armário, que era virado para a janela da sala, e não mais para a porta principal como era antes. Quando a matriarca da família chegou, antes do bom dia, ouvi o questionamento: “Quem tirou Aline do lugar dela? Ela não está gostando nada disso, ela precisa ver quem entra, quem sai, se as coisas estão organizadas do jeito dela, pode voltar minha filha pra o lugar!”.

Aline se tornou um Egum, ela ocupava esse lugar com Zezita de cuidar, aconselhar, receber os parentes necessitados de acolhimento, e com sua morte, Aline, decidiu que gostaria de seguir ajudando na organização da casa, mesmo que em um outro plano.

As narrativas literárias que nos acompanham nesse trabalho Torto Arado e Eu, Tituba trazem também trazem essa concepção de que o apoio acaba vindo do mundo não material, a espiritualidade e a natureza são formas de defesa, únicas aliadas em uma guerra sem fim entre oprimidos e opressores, já que a justiça da terra nunca está do lado dos camponeses, quilombolas, indígenas, mulheres, etc. então contamos com os desencarnados, encantados, orixás, nkisis, santos e entidades diversas para seguir em frente.

A fé nesse suporte dos que já foram acaba por ser um caminho para acalantar o coração dos injustiçados e oprimidos, a única possibilidade de sobrevivência, crendo que o fogo que queimaram mulheres sábias, que as forças que lançaram ao ar trabalhadores e as balas que atravessaram defensores da terra não são o fim, mas apenas uma parte da eternidade.

#### 8.4 SOBRE A IDEIA DE SUCESSÃO

Man Yaya me ensinou sobre plantas.  
 Aquelas que davam sono. Aquelas que curavam feridas e úlceras.  
 Aquelas que faziam ladrões confessarem.  
 Aquelas que acalmavam epiléticos e os mergulhavam em um repouso deleitosos.  
 Aquelas que punham sobre os lábios dos furiosos, dos desesperados e dos suicidas  
 palavras de esperança.  
 Man Yaya me ensinou a escutar o vento quando ele aumentava e medir sua força  
 debaixo das cabanas que ele queria destruir.  
 Man Yaya me ensinou sobre o mar. As montanhas e as colinas.  
 Ela me ensinou que tudo vive, que tudo tem uma alma, um sopro. Que tudo deve ser  
 respeitado. Que o homem não é um senhor percorrendo a cavalo seu reino.  
 Pg 32 – Eu, Tituba. A Bruxa negra de Salém, Maryse Condé.

Helman fala sobre o “treinamento de curandeiros populares”. O uso da palavra treinamento é curiosa, já que a tradição popular, em geral, prescinde de formas de lições ou treinamentos, a aprendizagem está na rotina, na observação, no viver. Apesar do título do capítulo, o autor afirma que “as habilidades necessárias são geralmente adquiridas pelo aprendizado com um curandeiro mais velho, pela experiência com certas técnicas ou condições ou pela posse de poderes de cura natos ou adquiridos”. (HELMAN, 2003, pg. 78)

Se o saber científico é baseado em papéis, registros e documentos, o saber popular, tanto no catolicismo popular quanto no candomblé, é baseado no poder da palavra dita, a transmissão oral dos conhecimentos e, acima de tudo, na experiência diária com a tradição. Dessa forma, observa-se um caráter quase hereditário do saber, “quando o dom é passado de geração em geração pela prática do costume e pela observação dos filhos que aprendem a benzer apenas vendo os pais, avós ou pessoas de seu círculo de amizades.” (NOGUEIRA, VERSSOMITO E TRISTÃO, 2012, pg. 9).

Helman (2003) fala da passagem por herança, que acontece quando se é de uma família de curadores; por lendas, por exemplo, ser o sétimo filho de alguém que é o sétimo filho; sinais e presságios no nascimento; ou por revelação, quando se descobre ter o dom da cura, que pode ser por meio de possessão ou não. Apesar das semelhanças nos fazeres ligados às religiões de matriz africana e da benzeção, existem diferenças importantes, como o caminho de iniciação. Por um lado, no candomblé, existe um ritual de iniciação, onde o indivíduo “aceita” sua nova identidade a partir daquele momento, já a formação de uma benzedeira leva anos, e está ligada à observação e convivência, então esse novo papel social é assumido aos poucos (CUNHA E GONÇALVES, 2018), e certamente dependerá de um reconhecimento público de suas capacidades e habilidades.

Observo que as nossas rezadeiras têm visões bastante diferentes sobre o aspecto da sucessão. Dona Gegé adora ensinar, então faz divulgação sobre os poderes das plantas e da

espiritualidade a quem desejar ouvir, tem as portas sempre abertas para possíveis pacientes e estudantes. Ela costuma fazer palestras e participar de aulas em universidades.

- E é nesse amor e nesse respeito que eu peço a Deus E agradeço pela oportunidade que Deus deu de eu passar vocês essas rezas, algumas rezas, algumas folhas, para que serve e que Deus permita todos que tá escutando, abraçar essa oportunidade e aprender um pouco dessa pequena e humilde ensinamento que eu tô passando para vocês que é para o amanhã servir para todos filhos, netos, sobrinhos Amigos até mesmo um vizinho, na hora do socorro a gente, né, poder fazer um chazinho. E é isso eu agradeço a vocês e peço a Deus que nos dê uma noite assim com muita sabedoria, muita paz, proteção, mente aberta, os chakras positivos aberto, pra gente se abraçar, mesmo sendo desse jeito de longe, mas abracem e recebam, Soraia vai passar as receitas, as rezas, quase todas que eu sei e aí vocês vão abraçando e vocês vão dizer assim, Aqui foi Dona Gegé, eu posso não estar mais aqui, que a gente vem mas não sabe a hora que a gente vai, e você vão dizer, aqui foi Dona Gegé que ensinou, não é? E aí vai ser muito bom! Só tenho a agradecer a Deus e a vocês.

Para Dona Gegé, qualquer um que desejar pode ser um rezador, basta buscar seu anjo da guarda e buscar aprender sempre:

- Gente, todos vocês pode ser um rezador porque a minha reza é assim, mas a reza de dona Joana que mora lá longe, lá em outro lugar, ela reza e a reza é para dor de, Bora dizer, “vente caído”, né? como chamava antigamente, né? ventre caiu, pronto, a palavra que ela fala, né, assim, não importa, a maneira como a palavra da reza de Dona Gegé, Dona Joana, de seu João, de Seu Pedro, de seu Paulo, o que importa é que é uma reza, é uma oração e a pessoa que se predispõem a rezar alguém, é a sua fé, a sua coragem, a fé em Deus, primeiramente, fé em Deus e acreditar na força espiritual que acompanha cada um e conversar com Deus e pegar os ramos verde e fazer aquilo mesmo com aquela fé e com amor e tudo dá certo porque são palavras, como eu tô aqui passando para vocês um pequeno ensinamento com palavras, então, a mesma coisa é a oração, aí você pode socorrer alguém? Pode!

Contudo, Dona Gegé tem uma fiel escudeira, Soraia, sua nora, mas como ela diz: “minhas noras são minhas filhas que eu não tive”. Soraia dá suporte para que Dona Gegé consiga usar o computador, fez os slides para que Dona Gegé pudesse fazer suas lives durante a pandemia e está sempre ao seu lado aprendendo e, como o trecho a seguir demonstra, também inovando e testando novos usos das folhas.

- Mas é assim, ela usa muito as coisa, ela conhece muita coisa que eu já ensinei, eu digo assim “vai minha filha, no chá, quer tomar isso? vamos passar isso na pele... venha cá, tá ruim da coluna? Se quem tá perto dela sou eu mesmo? Ela tem uma mãe maravilhosa, mas quem tá perto dela sou eu mesmo, a mãe véia que ela tem sou eu mesmo, ai uma acode a outra, eu mando ela usar o arco de barril para garganta por fora, ai ela me diz, “geo, to com o ouvido que não me aguento”, pegou o algodão e tum, enfiou no ouvido, disse que acordou boa. Ai eu disse, pelo amor de Deus você não vá me complicar, eu mandei você botar por fora”.

Dona Vilma por outro lado é bastante reservada, não se expõe muito, não conta para as pessoas sobre o seu dom, logo reza poucas pessoas que chegam até ela pela família, reclama da falta de interesse dos jovens em aprender as coisas tradicionais e de muitos familiares serem evangélicos, então ela mesma não vê esse seu legado, mas como uma observadora vejo que ele existe.

Fui convidada como fotógrafa para registrar o processo de produção de óleos essenciais que dona Ana e seu João produzem hoje em Morro do Chapéu, então foram 5 dias de contato direto com a família. Nesses dias pude observar que apesar de dona Vilma não ter de forma consciente passado seus saberes para uma filha específica, dona Ana, mesmo não se considerando uma rezadeira, tem muitos saberes sobre as plantas, assim como Letícia, que agrega os saberes herdados da avó e da mãe, associados a conhecimentos de botânica e paisagismo que a arquitetura lhe trouxe, e todo o estudo sobre o uso do óleos essenciais.

Na casa da família em Morro do Chapéu existem incontáveis tipos de plantas, divididas por áreas, existe o espaço das orquídeas, o espaço dos cactos, o espaço das plantas frutíferas, e existe um jardim sensorial onde os visitantes podem compreender as fases de crescimento das plantas.

Durante esses dias, eu mesma fui paciente das duas, porque enquanto estava lá tive problemas de ansiedade, não conseguia dormir, Dona Ana e Letícia cuidaram de mim a partir de chás e o uso dos óleos essenciais.

A própria Letícia hoje já ocupa um lugar de cuidar da avó e de indicar tratamentos a ela, como o escalda-pés, que Dona Vilma inicialmente recusava porque não houve o resultado imediato que ela gostaria, e que Letícia a convenceu sobre o tempo das coisas, que existiam tratamentos que necessitam de uma prática.

Então embora nenhuma delas seja rezadeira, a relação com as plantas e suas propriedades de cura segue muito vivo na família, embora os óleos passem por um processo mecânico para que sejam extraídos das plantas, mas é de fato a essência das plantas, então se sente de perto o cheiro e o toque de cada folha, da lavanda, do patchouli, da pimenta rosa, do gerânio, etc. Se potencializa o uso das ervas.

Dona Zezita, por sua vez, tinha em Aline como sua sucessora natural, contudo, ela ainda em vida procurou seu caminho no candomblé, se afastando da tradição familiar na umbanda, e após sua morte, 7 anos atrás, esse cargo está vazio, e esta é uma preocupação recorrente de Dona Zezita, sobre o que acontecerá com seus filhos e sua casa depois da sua morte. Ela tentou ensinar Larissa a ler o jogo dos búzios, mas não houve sucesso.

Mais uma vez como essa observadora externa acredito que Melissa, hoje com 6 anos, é uma forte candidata a ocupar esse lugar de zeladora espiritual da família. Ela tem uma relação muito forte com a espiritualidade, ela não dorme sozinha porque costuma ouvir vozes e ter visões, e desde muito pequena tem uma forte relação com Santo Antônio. É uma criança muito esperta, agitada e falante e D. Zezita tem uma inexplicável implicância com Mel, quando estão juntas são duas crianças disputando a atenção dos adultos.

Uma de suas sobrinhas, Patrícia, quer trabalhar com ela “nas limpezas energéticas”, o que depois entendi que seria através da venda de aromatizantes, com foco na aromaterapia. Ela diz que eu e Lari temos que aprender as coisas e trabalhar com ela, porque nós não temos a energia atribulada igual “as outras”. Lari, por sua vez, diz que não quer confusão com ninguém, dona Zezita responde que não é assim, que não tem escolha, que “são eles” que designam as coisas e que “o livro que minha curumim tá escrevendo, quer prova maior?”

A construção desse trabalho tem sido uma injeção de ânimo para dona Zezita, que se sente orgulhosa de ter sua história escrita, ela está animada para trabalhar com reiki e aromaterapia, está contente dizendo que vai abrir seu consultório. E conta com a minha ajuda e a de Larissa.

Outro episódio interessante sobre a ideia de Dona Zezita de que eu e Lari temos que cuidar das suas coisas foi o episódio do anel de formatura. Dona Zezita disse que “eles” a mandaram pegar de volta o anel de formatura de sua irmã, que ela chama de Gogoi, Dona Glória, que havia sido dado à Aline, e que após sua morte ficou com Nivea, irmã de Aline e filha de Gogoi. Porém Dona Zezita o pegou de volta, dizendo que eles a mandaram usar esse anel quando fosse tomar qualquer decisão, sempre que precisasse resolver algo. Ela me mostrou o anel, eu apenas disse:

- Bonito.
- Você não olhou direito. É um anel de que?
- Formatura?
- Sim, formatura de que?
- De Direito, não sei, essa pedra vermelha...
- Olhe direito, é um anel de professora!
- É verdade, deve ser valioso, hoje em dia não se faz mais anéis dessa forma.

Ela começa a cantar:

- "Entrego o meu anel de bamba a quem mereça usar!" Como canta curumim?

Então eu canto:

Não deixe o samba morrer

Não deixe o samba acabar  
 O morro foi feito de samba  
 De samba para gente sambar  
 Quando eu não puder pisar mais na avenida  
 Quando as minhas pernas não puderem aguentar  
 Levar meu corpo junto com meu samba  
 O meu anel de samba  
 Entrego a quem mereça usar  
 Eu vou ficar  
 No meio do povo, espiando  
 Minha escola perdendo ou ganhando  
 Mais um carnaval  
 Antes de me despedir  
 Deixo ao sambista mais novo  
 O meu pedido final  
 Não deixe o samba morrer  
 Não deixe o samba acabar

- Eu to atrapalhando seu trabalho, né, curumim? Essa véia vem pra cá e não cala a boca.
- Oxente véia, deixe disso, se tivesse me atrapalhando eu tinha ido pro quarto.
- Oxalá maravilhoso que botou vocês na nossa vida, meu curumim, eu nem me preocupo mais, essa véia foi encontrar uma mestra.
- Véia, eu também sou muito feliz com a senhora aqui com a gente, mas receber esse anel é muita responsabilidade, a família não ia gostar nada desse anel ficar comigo e Lari.
- Dorico comprou pra ajudar Dona Glória que precisava do dinheiro, ele comprou, é meu, ninguém tinha que dizer nada.
- Ói, não sei o que faço com a senhora.
- Não faz, compra pronto!

Então agora Dona Zezita acredita que tem suas apoiadoras, “minha advogada e minha jornalista”, como ela diz, e nós buscamos de fato oferecer todo o suporte que podemos, mas ainda ficamos com o pé atrás quando o assunto é a comunicação com as entidades e espíritos.

Embora exista um esforço individual para aprender as rezas, orações e uma dedicação espontânea ao outro, também se evidencia como na fala de Dona Zezita “não é como você quer, é como eles querem”, então existe uma eleição feita pela espiritualidade, e os escolhidos precisam seguir sua missão, como exemplo:

- Quando minha avó enviuvou pela segunda vez, recebeu um recado do curador João do Lajedo, que já se encontrava muito idoso: era hora de tomar para si as obrigações que Deus havia lhe dado. Deveria cuidar dos encantados que a acompanhavam. Deveria servir em sua casa para curar os males do corpo e do espírito dos que fossem encontrá-la. Seu poder era uma dádiva que deveria ser devolvida em favor dos que sofrem. Do contrário, seria perseguida pela má sorte pelo resto da vida, e ela já tinha provas suficientes dessa sentença." Posição 1859", Torto Arado

Em Eu, Tituba, a autora nos mostra como a entidade escolhe sua eleita:

- Como eu morri sem que fosse possível parir, os invisíveis me autorizaram a escolher uma descendente. Eu procurei por muito tempo. Espiei dentro das cabanas. Observei lavadeiras dando de mamar, as "amarradeiras empilharem os bebês que eram forçadas a levar para os campos. Comparei, pesei, tateei e, finalmente, achei a certa: Samantha. (...) Eu revelo a ela os segredos permitidos, a força oculta das plantas e a linguagem dos animais. Eu a ensino a descobrir a forma invisível do mundo, a rede de comunicações que o atravessa e os sinais-símbolos. Pg 244 – Eu, Tituba. A Bruxa negra de Salém, Maryse Condé.

Sobre a questão da sucessão encontramos também uma pluralidade de possibilidades, por um lado é preciso querer, desejar aprender, trazer para si esse papel social de cuidadora, como dona Zezita me perguntou 3 vezes no mesmo dia: o que você tá procurando? Quem não sabe o que tá procurando não sabe o que quer. Para Dona Gegé e Dona Vilma é uma questão de se oferecer em serviço ao outro. Mas por outro lado, existe a obrigação e as suas consequências, como demonstra dona Zezita ao falar das problemáticas de não se preparar para receber uma preta velha, como no caso de Patrícia, ou não desenvolver a mediunidade, como no meu caso e ter problemas de relacionamento ou de saúde por causa disso.

Neste capítulo falamos sobre aprender todo dia, o tempo todo, o saber pela experiência. Observamos que mesmo vindo de uma linhagem matriarcal, a ideia de sucessora é frágil, o conhecimento se constrói a partir de uma curiosidade, um desejo de aprender e servir individual, mas que vem do coletivo e se oferece para o coletivo. Aprender com todos, cuidar de todos, ensinar a todos eternamente. Esse ciclo permite que mulheres rezadeiras com visões de mundo diferentes, com trajetórias religiosas diferentes, compartilhem conhecimentos semelhantes, usem as mesmas receitas, por exemplo.

## **9 CONSIDERAÇÕES FINAIS (POR UM FUTURO MELHOR)**

Esse trabalho se inicia pela ausência. Onde estão as rezadeiras presentes na minha infância? Como eu faço se quiser me rezar? E quando eu for mãe, quem vai benzer meus filhos? Acreditava inicialmente que existia uma transmissão do saber de uma benzedeira para outra,

que ela era bastante pautada na experiência de cada pessoa, de cada comunidade e, em geral, aconteceria dentro da família com mães e avós, mas durante o campo percebi que o processo é muito mais amplo, pude observar que a ideia de sucessão e o território não eram tão preponderantes.

Trago ainda na introdução o conceito de Sankofa, “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”, e é o que buscamos fazer nessas páginas. Sem dúvida alguma o maior professor é o tempo. Conceitualmente caminhamos pela construção da colonialidade, como essa pressão afeta nossos saberes e nossas vidas, e a partir daí a decolonialidade, com Quijano, Wash, Dussel, Mignolo, Boaventura de Souza Santos e Rufino. De forma radical aqui buscamos abraçar “sensibilidade de mundo” em vez de “visão de mundo”, como traz Mignolo, e sendo decolonial é necessário ser antirracista com Edson Cardoso, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez e feminina ouvindo Davis, Scott, Crenshaw, Perrot e Hooks, por exemplo. Foram importantes também os estudos ligados à saúde, cuidado e fé, como os construídos por Laplantine, Helman, Rabelo, Redondo e Mynaio. Buscamos construir e advogar por uma ciência negra, feminina, LGBTQIA+, por uma epistemologia plural, com vozes diversas, desejamos, como fala Chimamanda Adichie, ajudar a equilibrar o *nkali*, um substantivo que livremente se traduz: "ser maior do que o outro", ou seja, diminuir os abismos de poder na construção de narrativas.

Começo esse trabalho apresentando Dona Zezita, Dona Vilma e Dona Gegé individualmente. Dona Zezita tem uma história de muitas reviravoltas, momentos em que teve que esconder seu dom e momentos em que foi reverenciada por ele, momentos de escassez financeira e momentos de abundância, momentos de casa lotada e momentos de solidão; Dona Vilma tem uma trajetória de serviço à família, primeiro vai cuidar dos filhos da irmã mais velha, depois dos seus próprios, depois dos filhos de seus filhos, é uma senhora bastante reservada e teme ser julgada pelos seus conhecimentos de rezadeira; já Dona Gegé é uma multiplicadora, deseja expandir seu conhecimento trocando com o máximo de pessoas possível e teve sua virada de chave a partir de uma depressão pós parto, depois do nascimento de Tiago, seu filho caçula.

Buscamos traçar diversas possibilidades do aprender, desde o lugar da escola historicamente no Brasil até a educação informal, o aprendizado no cotidiano. Aprendizado com dores e amores, com a doença e com a cura, com o coletivo e também com a voz que vem de dentro de nós, com os presentes do mundo material e espiritual, com a vida e com a morte, mas principalmente com o tempo que equilibra as coisas, que acalma, da paixão ao luto.

A benzeção ocupa o lugar da medicina profissional, infelizmente, em muitos casos, por conta da escassez de acesso a esses profissionais e equipamentos de cuidado. Observamos

também durante a pesquisa os processos de apagamento, como com a forte narrativa que o saber tradicional é inferior ao científico, e a pressão de familiares evangélicos para que suas mães, irmãs e filhas não rezem mais.

Apesar de terem construído suas trajetórias de formas tão diferentes podemos observar conexões, as três trazem em suas narrativas uma ancestralidade indígena perdida pela violência sofrida pelas suas avós, alguma relação com a igreja católica e o aprendizado que também vai além de um território, de uma cultura, de uma origem ou linhagem. Elas não estão interessadas em saber de purismos, nem são apegadas ao passado, buscam nele apenas o que é relevante e buscam usar a tecnologia para serem ouvidas, e quanto mais longe puderem chegar com seus saberes, melhor, via WhatsApp, Zoom, Google Meet, o que vier. E também estão sempre dispostas a aprender novas receitas e procedimentos para seguir oferecendo cuidado e amor.

Ainda que sistematicamente silenciadas e tentando se proteger da violência que nos cerca, seja de gênero, de classe ou de raça, percebi um desejo enorme delas de compartilhar seus sentimentos, percepções, ideias e conhecimentos. Da mesma maneira uma trajetória de aprendizado permanente, mulheres que durante a vida buscaram conhecer os segredos da natureza e da espiritualidade com o intuito de cuidar e proteger suas famílias e qualquer um que esteja ao redor.

A reza está muito mais ligada à generosidade do que à reciprocidade. Dona Vilma, Dona Gegé e Dona Zezita não esperam nada em troca, apenas em oferecer seu serviço porque acreditam que assim deve ser.

Muito do processo dessa pesquisa foi sobre elas me acalmarem, me chamando para almoçar, como Dona Vilma, e reclamando como eu e Letícia corremos e trabalhamos demais; seja com procedimentos de cuidado, como com Dona Gegé, que me aconselhou a passar um copo de água em volta da cabeça 3 vezes e depois beber essa água quando me sentisse ansiosa; ou como Dona Zezita, sempre repetindo que eu tenho tudo que preciso nas mãos, não há porque ter pressa.

A ansiedade é sobre o tempo também, o medo de que ele se vá sem mim. Eu achava que dois anos era muito tempo, mas o tic-tac do relógio para terminar a dissertação me paralisou algumas vezes nessa jornada. Durante esse percurso aprendi a confiar mais em mim e na minha construção de vida. Hoje tenho babosa, guiné, arruda e boldo plantados no jardim, uma mais linda que a outra, também fiz o meu primeiro banho, a partir de orientações de Dona Zezita.

Gostaria de falar sobre a experiência do mestrado em si, assim como a sociedade geral que diminui o valor das nossas rezadeiras, como traz hooks, “no contexto acadêmico das faculdades e universidades, a noção de serviço está ligada a trabalhar em nome da instituição”

hooks, bell. (2021, p. 133), então números, metas e conteúdos passam a valer mais do que a construção de conhecimento e da vida das pessoas, como também afirma hooks, “muitos professores de todas as raças enxergam a sala de aula como um mini país governado por seu regulamento autocrático”. (2021, p. 135). Posso dizer que tive sorte, ou que quem cuida de mim não dorme, pois pude ter mais perto professores que colaboraram e apoiaram essa trajetória com amorosidade, mas infelizmente essa é a exceção e não a regra.

São consequências da nossa construção social moderna:

Disseram-me repetidas vezes que sentimentos de afeto impedem a capacidade de uma pessoa ser objetiva. Ao abordar objetividade em *To Know as We Are Known* [Conhecer como somos conhecidos], Parker Palmer afirma: “A raiz da palavra ‘objetivo’ significa ‘posicionar-se contra o por’. Este é o perigo do objetivismo: é um modo de saber que nos coloca como adversários em relação ao mundo. [...] De fato, o objetivismo nos colocou em uma relação de adversários uns com os outros”. hooks, (2021, p. 189).

Neste trabalho buscamos ir no caminho inverso, acreditamos que “onde há dominação, não há espaço para o amor” (hooks, 2021, pg.190), então propomos trocar a ideia de imparcialidade pela de diversidade de narrativas, ao invés de ouvir um representante de todos os lados, deixar que cada um possa contar suas próprias histórias.

Se a ciência construiu a ideia de quanto mais distância mantivermos de algo, mais olharemos para isso com neutralidade, nesse material científico construímos a ideia de que podemos estar próximos uns dos outros, pesquisadora e pesquisadas, professores e alunos, com generosidade, honestidade e ética e, essencialmente, com amor.

O amor foi um assunto recorrente entre mim e Marcos Luciano Messeder, meu orientador, compartilhamos a certeza de que a pedagogia do amor é o único caminho para a humanidade, o que não quer dizer ser bobo ou não ser capaz de impor limites, porque o amor também é dizer não. Como afirma hooks, “o ato de saber é um ato de amor, o ato de penetrar na realidade do outro e acolhê-la, de permitir ao outro entrar na nossa realidade e acolhê-la.” hooks (2021, pg. 194-195).

Em seu livro *Por que amamos?* Renato Nogueira traz uma definição de amor:

Em 1997, a filósofa burquinense Sobonfu Somé publicou um livro chamado *O espírito da intimidade*, no qual lança uma luz sobre esse sentimento. Em primeiro lugar, por ser proveniente do povo dagara, do oeste da África, a visão de Somé é muito diferente da nossa tradição ocidental. Para ela, a garantia de bem-estar não é uma responsabilidade individual: a harmonia da vida depende dos outros, que nos ajudam a encontrar nosso caminho. Por isso, Somé defende que o amor é uma emoção coletiva, que exige que o ego fique de lado. De acordo com os dagara, amar é escutar. Nogueira (2020, p. 17).

Amar é escutar, então não é possível haver relação humana, muito menos pesquisa ou processo educativo, sem amor. Durante o trabalho de construção dessa narrativa, que também é um ato de amor, aprendi muito, eu fui, como diz Dona Gegé, “abraçando mais” o conhecimento e o desejo de cuidar do mundo em que vivemos.

Como afirma Noguera:

A vida é como uma grande narrativa: cheia de peripécias, aventuras, obstáculos e adversidades, não é muito diferente de filmes, novelas e romances. Talvez seja por isso que, desde tempos imemoriais, como os do rei Shariar e Sherazade, as pessoas buscaram e se encantaram com histórias – seja ao redor de fogueiras, em arenas públicas ou na privacidade de seus lares. Mais do que isso, a narração também é uma maneira de reinventar a realidade. O ato de ouvir e contar relatos nos inspira e ilumina estradas desconhecidas, confirmando sentimentos vividos ou antecipando novidades. A vida nunca está dada, e, por isso, tal como um tecelão que trança diferentes fios, as diversas maneiras que contamos nossas histórias reelaboram o que elas são ou podem vir a ser, inclusive, a história de um amor. Noguera, (2020, pg. 39)

Após o fim dessa fase pretendo voltar ao campo, conversar mais com elas, trazer mais registros e oferecer esse trabalho como um livro para que todas as pessoas que desejarem também possam conhecer Dona Vilma, Dona Gegé e Dona Zezita, mas claro, se assim elas desejarem. Porque viver e amar, é ouvir e contar histórias, um ciclo infinito de ofertas e presentes. Apesar das dores, das opressões, nos mantemos vivos contando mais uma história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Alexandre Paz. **Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular**. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, São Paulo n. 9 | 2011
- AMADO, João. **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- AMORIN, F. Vieira; CALONI, Humberto. **Sobre o conceito de amorosidade em Paulo Freire**. Conjectura: Filosofia e Educação, Caxias do Sul, v. 22, n. 2, p. 380-392, maio/ago. 2017
- AYALA, Maria Ignez Novais; NASCIMENTO, Danielle Gomes do. **As Práticas Oraís das Rezadeiras: Um Patrimônio Imaterial Presente na Vida dos Itabaianenses**. Nauliterária, Por Alegre, UFRGS vol 9, n. 1 jan/junho 2013
- AZEVEDO, Fábio Palácio de. **O Conceito de Cultura em Raymond Williams**. Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS) São Luís - Vol. 3 - Número Especial Jul./Dez. 2017
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar: A aventura da Modernidade**. Companhia das Letras: São Paulo, 1986
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra** Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016
- BIROLI, Flávia. **Responsabilidades, cuidado e democracia**. Revista Brasileira de Ciência Política. (18) • Sep-Dec 2015
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?**. Ed. Brasiliense, Coleção primeiros Passos, 2017, 95p.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. Educação em Revista | Belo Horizonte | v.26 | n.01 | p.15-40 | abr. 2010
- CANDAU, Vera M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.
- CARNEIRO, Sueli. **Identidade Feminina**. Texto publicado no CACE Informativo – boletim do Centro de Assessoramento e Coord. Empresarial (CACE), ano II, n. 6, p. 11, 1989.
- CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo 2005

CARVALHO, Luis Felipe dos Santos; LIMA, Antonio Carlos de Souza; RIBEIRO Gustavo Lins.(org) **APRESENTAÇÃO Interculturalidade(s) : entre ideias, retóricas e práticas em cinco países da América Latina** / – Rio de Janeiro : Associação Brasileira de Antropologia; Contra Capa, 2018. 284 p. : il.

CAVALCANTE, Simone Gadêlha. **Entre a Ciência e a Reza: Estudo de caso sobre a incorporação das rezadeiras ao Programa de Saúde da Família no município de Maranguape-Ce.** 2006. 88 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane, **Introdução** In Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD. BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. **O santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!": práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções. Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970)** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2002, vol.10, n.1, pp.171-188. ISSN 1806-9584.

CRUZ, João Everton da **Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do nordeste brasileiro** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

CUNHA, Celina Gontijo; GONÇALVES Clézio Roberto. **A Tradição Oral das Práticas de Benzeção.** *Revista da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as))* • v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência • janeiro de 2018, p.30-42

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** São Paulo: Boitempo, 2016

DUSSEL, Enrique. **Pedagógica.** In: *Filosofia da Libertação na América Latina.* S. Paulo: Loyola, 1977.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** 1ª. Edição 1951. Salvador: EDUFBA, 2008

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Editora Elefante, 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire.** – São Paulo: Paz e. Terra, 1996. Digitalização em 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos.** SP: Ed. UNESP, 2000

FUSINATO, Claudia Vanielle; KRAEMER, Celso. **A Invenção Histórica da Escola e Escolarização no Brasil.** XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. 2013

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas (Cap I).** 1926 - 1.ed., 13ª.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008. 323p.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade.** Tradução de Raul Fiker – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano.** Zahar. 2020
- HELMAN, C. G. **Cultura, Saúde e Doença.** Porto Alegre. ArtMed, 2003
- hooks, bell. **Ensinando comunidade : uma pedagogia da esperança** Editora Elefante. Edição do Kindle. 2021
- JESUS, Washington Santana de, **Rezadeiras/Rezadores de Preceito de São Francisco do Conde: Itinerário de Fé e Cura das Práticas Etnomédicas.** Dissertação (Mestrado) Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012
- LACERDA, Roberto dos Santos; MENDES Gicélia. **Territorialidades, saúde e ambiente: conexões, saberes e práticas quilombolas em Sergipe, Brasil.** Sustentabilidade em Debate - Brasília, v. 9, n.1, p. 107-120, abril/2018
- LAPLANTINE, François. **Antropologia da Doença.** São Paulo: Martins Fontes, 1991
- LEWTZKI. Taísa, **A vida das benzedeiros: caminhos e movimentos.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.
- LYOTARD, Jean François. **A Condição Pós-Moderna.** 7ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.
- MARX, Karl e ENGELS Friederich. **Manifesto do Partido Comunista.** Marin Claret: São Paulo, 2001
- MESSEDER, Marcos L. L. **“Dinâmica cultural e construção identitária: reflexões em torno de uma etnografia contemporânea”.** IN: *A COR DAS LETRAS* Revista do Departamento de Letras e Artes Universidade Estadual de Feira de Santana, Metodologias de pesquisa em ciências sociais e humanas. Feira de Santana, Número 14, 2013, p. 69-93.
- MIGNOLO, Walter. **Desafios decoloniais hoje** [Decolonial challenges today] DUKE UNIVERSITY. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, 1(1), PP. 12-32, 2017
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Representações da cura no catolicismo popular** In: ALVES, PC., and MINAYO, MCS., (Orgs). *Saúde e doença: um olhar antropológico* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. p. 57 – 73.
- NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé.** In: VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006, Uberlândia/MG. Anais. Uberlândia/MG: 2006. 15 p.
- NOGUERA, Renato. **Por que amamos.** 2020. HarperCollins Brasil. Edição do Kindle.
- NOGUEIRA, L.C.; Versonito, S.M.; Tristão, B.D. **O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas, o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil** *Élisée, Rev. Geo. UEG - Goiânia*, v.1, n.2, p.167-181, jul./dez. 2012
- QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** En libro: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.*

Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. 2ª edição. Lisboa: Gradiva, 1998. pp. 155-205 / pp. 251-276.

PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins (Org.). Revista Brasileira de História, v. 9, n. 18, ago./set. 1989. São Paulo: ANPUH: Marco Zero, p. 9-18.

RABELLO, Miriam Cristina M. **Religião, ritual e cura**. In: ALVES, PC., and MINAYO, MCS., (Orgs). Saúde e doença: um olhar antropológico [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. p. 47 -57.

RABELO, Miriam Cristina; SANTOS, Rita Maria Brito. **Notas sobre o aprendizado no Candomblé**. Revista FAEEBA, v. 20, n. 35, p. 187-200, 2011

RAPPAPORT, Joanne. **A Institucionalização da Pesquisa Indígena: Desafios da Colômbia**. In *Interculturalidade(s) : entre ideias, retóricas e práticas em cinco países da América Latina* / organização de Antonio Carlos de Souza Lima, Luis Felipe dos Santos Carvalho, Gustavo Lins Ribeiro. – Rio de Janeiro : Associação Brasileira de Antropologia; Contra Capa, 2018. 284 p. : il.

REDONDO, Michelle Franco. A teoria do cuidado e as motivações feministas a uma política do cuidado. Universidade Estadual de Campinas/Université Paris 8. 2015

REIS, Marieta. **Do moço do anel às coisas do azeite: um estudo sobre as práticas terapêuticas no candomblé** Dissertação (Mestrado) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012

RUFINO, Luiz. **Pedagogias das Encruzilhadas**. Revista Periferia, v.10, n.1, p. 71 - 88, Jan./Jun. 2018

SANCHIS, Pierre. **O campo religioso contemporâneo no Brasil**. In: Globalização e religião. ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). Petrópolis, Vozes, 1997p. 103-115.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal - das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos Estudos, CEBRAP, Ed. 79. 2007. pp. 71-94

SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. S. São Paulo: Ed. Cortez, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2000

SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar** Revista CPC, São Paulo, n. 8, maio 2009/out. 2009. p. 6-35.

SILVA, Luiz Custódio da **A Participação das Rezadeiras nos projetos de Saúde Comunitária no estado da Paraíba**. Revista Internacional de Folkcomunicação Rede Folkcom v. 2, n. 4 (jul./dez. 2004)

STAKE, Robert E. **Pesquisa Qualitativa**. Penso, 01/2015.

STEIL, Carlos Alberto. **Fidelidades criativas: Ciência, mística e amizade na trajetória de Pierre Sanchis**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 38(2): 302-326, 2018

TAVARES, Manoel. [Reseña de "Epistemologias do Sul" de Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Menezes \(Org.\)](#) Revista Lusófona de Educação n. 13. 2009. Pgs.183-189

TEDLOCK, Barbara. **A mulher no corpo de xamã: o feminino na religião e na medicina**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008

WALSH, Catherine. **Hacia una comprensión de la interculturalidad**. Tukari septiembre - octubre 2009

## SITES

Ducati, Ariane e Dionísio, Bibiana. **Benedeiras são consideradas profissionais da saúde no Paraná**. G1. Paraná. 11 de maio de 2012. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/benedeiras-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html>> Acesso em 12 de out. 2020

EPSJV/Fiocruz. **Projeto Sankofa discute as questões e relações étnico-raciais**. Acesso em 25 de março de 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/projeto-sankofa-discute-questoes-e-relacoes-etnico-raciais>

Sem autor. **Rezadeiras promovem a cura pela fé nos postos de saúde**. Diário do Nordeste. Fortaleza - CE. 02 de jul. de 2012. Disponível em:

<<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/rezadeiras-promovem-a-cura-pela-fe-nos-postos-de-saude-1.520966>> Acesso em 12 de out. 2020

Sem autor. **Benedeiras ajudam a cuidar do corpo e da alma em unidades de saúde**. Agência Brasília. Brasília - DF. 15 de ago. de 2020. Disponível em:

<<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/08/15/benedeiras-ajudam-a-cuidar-do-corpo-e-da-alma-em-unidades-de-saude/>> Acesso em 12 de out. de 2020

Sem autor. **Sankofa**. Sem data. Itaú Cultural. Acesso em 25 de março de 2021. Disponível em <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>

Sem autor **O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?". Entrevista com Pierre Sanchis**. 30 Novembro 2006. Acesso em 10 de agosto de 2021. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/2049-o-campo-religioso-sera-ainda-hoje-o-campo-das-religoes-entrevista-com-pierre-sanchis>

## APÊNDICE A – RELATOS E ENTREVISTAS COMPLETOS

[Relatos e entrevistas completas](#)

**ANEXO A - RECEITAS DE CUIDADO**

[Receitas de cuidado](#)